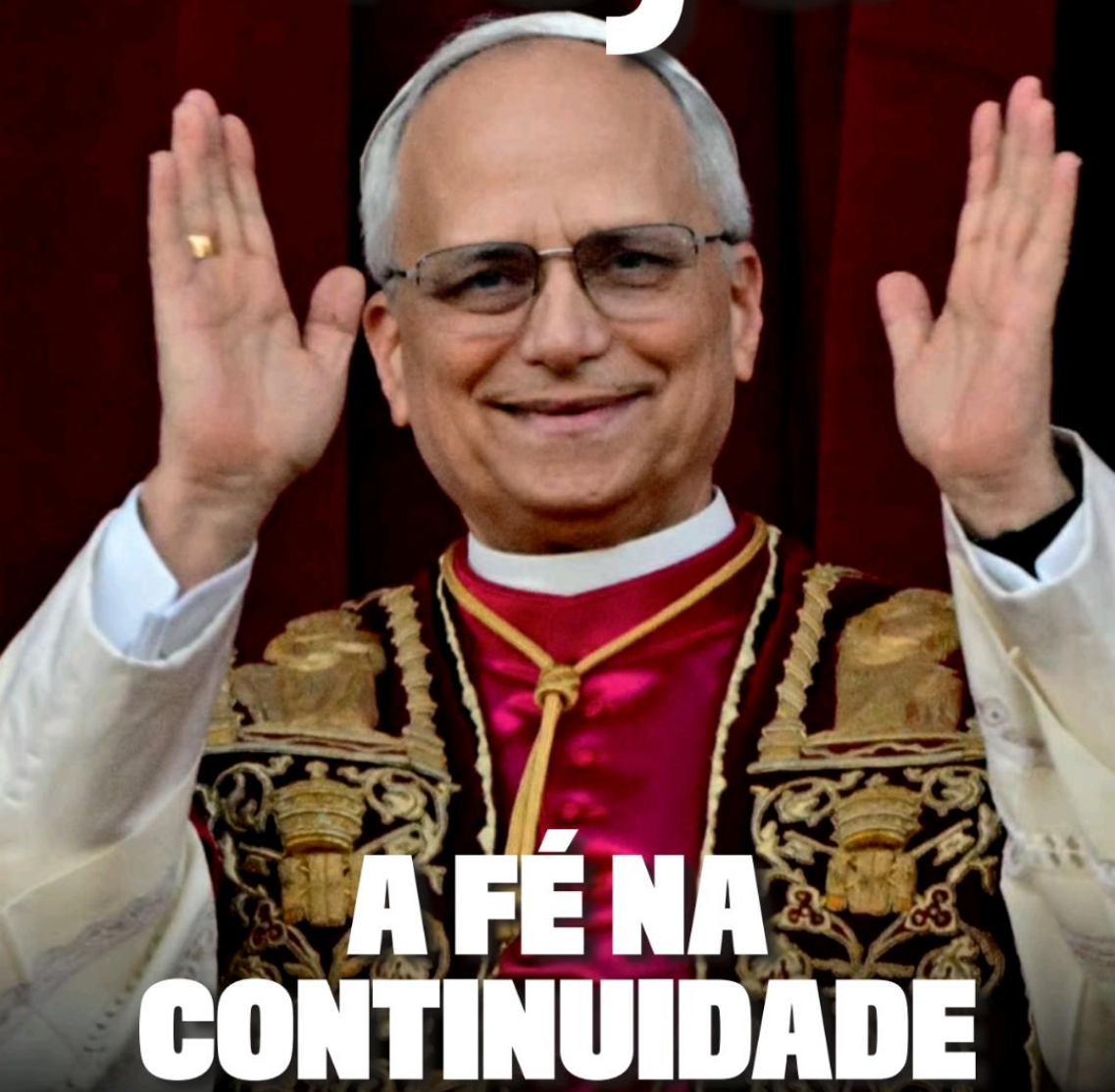


veja

www.veja.com



Ao escolher o americano Robert Prevost como o novo papa, agora Leão XIV, os cardeais da Igreja Católica sinalizam que o Vaticano deve seguir no mesmo caminho plural e progressista aberto por Francisco



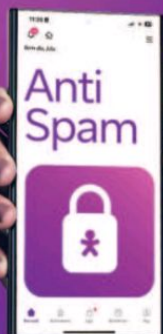
modo **seguro**

Chega daquelas ligações insistentes. Ative o **Anti Spam** da Vivo.

O Anti Spam é um serviço gratuito que você pode ativar no App Vivo. Com ele, você bloqueia apenas as ligações indesejadas, sem perder nenhuma ligação importante. Assim, seu dia fica mais do que tranquilo, fica seguro.

Saiba mais em  vivo.com.br/modoseguro

vivo



VEM AÍ!

A mais completa mostra
de arquitetura, arte, design
e paisagismo das Américas.



Garanta seu ingresso!

PARQUE DA
ÁGUA BRANCA

RUA DONA ANA
PIMENTEL, 37

PATROCÍNIO MASTER

PROAC
SP

TINTA OFICIAL

Deca

Coral

BANCO OFICIAL

banco
BRB

PATROCÍNIO LOCAL

duratex **BRASTEMP**

OPERADORA
OFICIAL

Claro

CARRO OFICIAL

PEUGEOT

APOIO LOCAL

portinari

FORNECEDOR
OFICIAL

natura
BOTÂNICA

PARCEIRO
OFICIAL DE TV

TCL

MEDIA PARTNER
OFICIAL

NEOOH **veja**

HOSPEDAGEM
OFICIAL

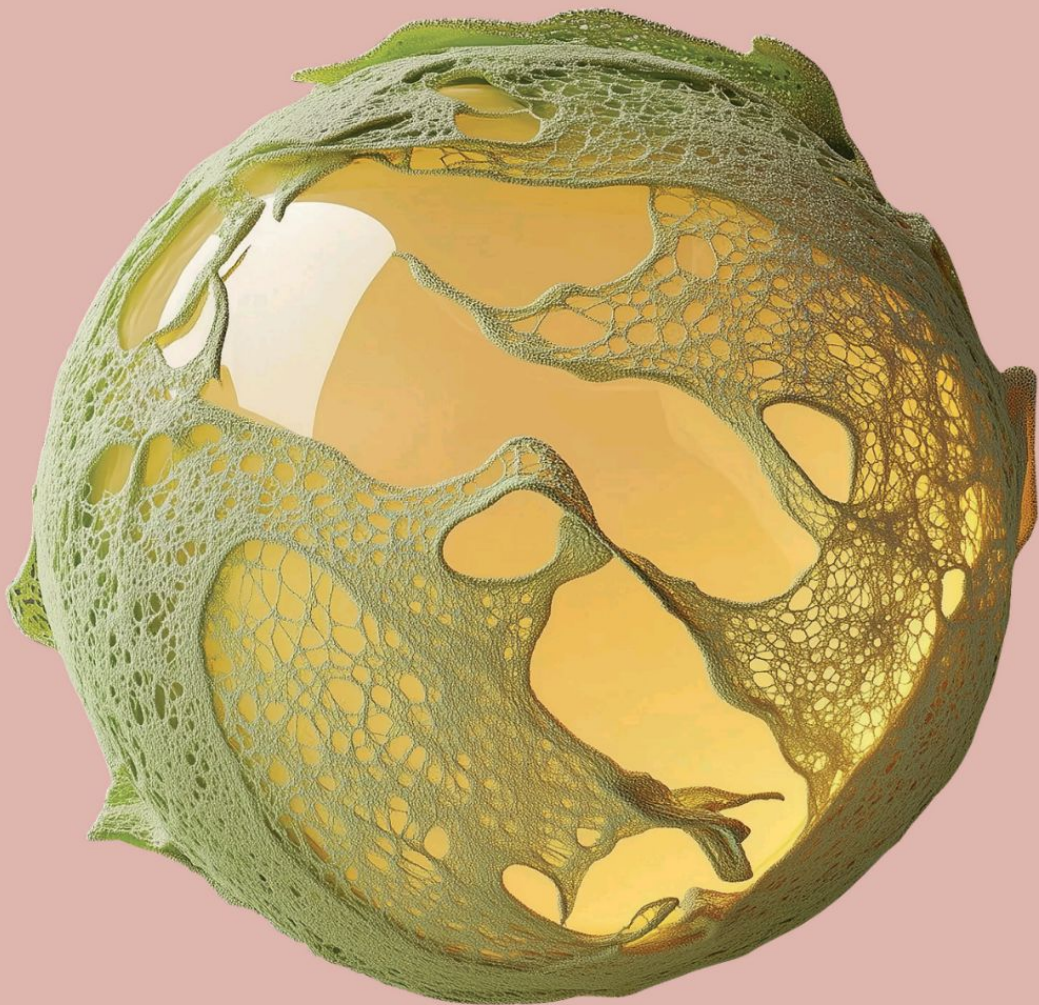
NOON
HOTEL

REALIZAÇÃO

CULT
SP

SP **SÃO PAULO**
DE ARQUITETURA
E DESIGN

CASACOR



**SÃO
PAULO**

**27.05
-03.08**

veja

AS SUAS ORDENS

Assinaturas

www.assinabril.com.br

Vendas corporativas e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES

Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui



LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA

Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para:
licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO

e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO

https://talentosabril.vagas.solides.com.br

EDITORA  **Abril**

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima

veja

Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Solitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gímenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laís de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blandes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro **Sucursais:** **Brasília** — **Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei **Chapela Rio de Janeiro** — **Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Amanda Péchy, Anita de Lucena Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Gisele Correia Ruggero, Julia Sofia Silva, Letícia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Lígia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Sara Louise França Salbert, Valentina Soares Rocha Alves **Arte** — **Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimaabu, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia** — **Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezguello Rodrigues **Produção Editorial** — **Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartzman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyrr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejaapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: Av. Alcides Sangiardi, 301, Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

VEJA 2943 (ISSN 0100-7122), ano 58, n° 19. **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulihôa Rodrigues, 700, Tamboaré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



GRUPO  **Abril**

www.grupoabril.com.br

CRESCER, INOVAR E TRANSFORMAR

A SENTENÇA “Mudar é viver e viver é mudar constantemente” costuma ser atribuída a Fernando Pessoa, embora não existam registros de que ele realmente tenha dito isso de forma literal. Essa associação ocorre porque é uma frase que poderia perfeitamente ter a assinatura dele. Ela se encaixa no perfil do escritor português, que fez de seus heterônimos a manifestação artística da filosofia de transformação permanente. Ela se aplica também ao mundo dos negócios, no qual não há espaço para o imobilismo, sob o risco de extinção. Isso vale ainda mais em uma área tão dinâmica quanto a da mídia, que atravessa nas últimas décadas um processo acelerado de revolução impulsionado pela internet.

O Grupo Abril, que engloba empreendimentos como a Editora Abril, responsável por VEJA, vem fazendo essa travessia rumo à modernidade por ter em seu DNA esse mesmo espírito de evolução constante. Ao longo da história, seus braços de negócios se multiplicaram, indo dos festivais de decoração da CASACOR aos serviços de distribuição e logística da Total Express, sem nunca deixar de lado a pedra fundamental da empresa: a produção do jornalismo de alta qualidade. VEJA se adaptou aos novos tempos, e o conteúdo produzido pela melhor equipe de editores e repórteres do Brasil se espalha atualmente pela revista semanal e por plataformas on-line, em formatos variados, de posts para redes sociais a vídeos, que são publicados no YouTube e no VEJA+, o canal de streaming da publicação.

Mais um capítulo dessa história começou a ser escrito na nova sede da companhia, localizada na área da Usina São Paulo, no Rio Pinheiros, na Zona Sul de São Paulo. Inaugurado no começo desta semana, o espaço tem estúdios modernos de televisão para a finalização dos vídeos da recém-criada divisão de documentários de VEJA, os quais servirão também à produção dos programas da Abril que vão abastecer um canal de TV, cuja estreia deve ser em junho. Em paralelo a isso ocorre a multiplicação de eventos internacionais. No próximo dia 13, por exemplo, será realizado o Fórum VEJA Brazil Insights, em Nova York, com a presença de empresários e autoridades como



INAUGURAÇÃO Nova sede da Abril: mais estúdios de TV



FOTOS: CLAUDIO GATTI

MUDANÇA O Rio Pinheiros: região ganhou investimentos

Tarcísio de Freitas, governador de São Paulo, Hugo Motta, presidente da Câmara, e Luís Roberto Barroso, presidente do STF, a quem caberá a palestra de abertura.

O novo prédio da Abril ocupa uma área privilegiada no epicentro de transformações que vêm ocorrendo ao longo do Rio Pinheiros. Ele passou a ser recuperado nos últimos anos, num dos maiores projetos ambientais urbanos do país. Antes uma zona bastante deteriorada no coração da maior metrópole do país, começou a ser frequentado diariamente por milhares de pessoas, que usam a bela ciclovia ao redor do curso de água e têm acesso na mesma área a serviços como cafés e restaurantes. Rapidamente, passou também a atrair uma série de novos empreendimentos, como os da área imobiliária. Um endereço com esse espírito moderno de renovação não poderia ser o CEP mais perfeito para uma empresa como a Abril. ■

JHSF
SURPREENDENTE

A VISTA MAIS
IMPRESSIONANTE DA CIDADE



RESERVA
CIDADE JARDIM

IRREPLICÁVEL

SAIBA MAIS



VISTA DO RESERVA CIDADE JARDIM



EILEEN BARROS/COLUMBIA UNIVERSITY

“ATAQUE À LIBERDADE”

Um dos maiores conhecedores da Primeira Emenda americana diz que Trump atropela o texto que zela pelo discurso livre e teme que o cerco às universidades comprometa o saber global

MONICA WEINBERG E AMANDA PÉCHY

APÓS 21 INTENSOS ANOS como reitor da prestigiada Universidade Columbia, em Nova York, Lee Bollinger decidiu desacelerar e seguir com a vida como professor na escola de direito, no mesmo campus. Era 2023, e mal sabia ele que as circunstâncias o empurrariam de volta aos holofotes. Aos 79 anos, o eminente estudioso da Primeira Emenda da Constituição americana — dispositivo legal que vai mais longe na proteção da liberdade de expressão — resolveu se pronunciar sobre os recentes atropelos ao texto pelo governo Donald Trump. As tentativas da Casa Branca de cercar o livre pensar em instituições que irradiam o saber são claros exemplos, para ele, de desrespeito a um dos pilares sobre o qual se ergue a democracia do país. Por isso comemorou recentemente o fato de a Uni-

versidade Harvard reagir contra a interferência do governo. Figura fundamental na história da implantação de ações afirmativas no ensino, cujo princípio aportou mais tarde no Brasil (onde ele curiosamente fez intercâmbio na adolescência), Bollinger falou a VEJA de seu escritório em Nova York. Confira os principais trechos da entrevista.

O senhor já havia presenciado um nível de interferência nas universidades americanas como o de agora? Nunca vi nenhum governo tentar pôr a mão em decisões que pertencem à universidade como ocorre hoje. E olha que já vivi fases espinhosas, tomadas por controvérsia, como quando o que estava na mesa eram as ações afirmativas no campus, nos anos 1970. O que assistimos agora na academia

americana é inédito e faz acender um alerta: seus efeitos nocivos podem se desdobrar pela produção de conhecimento e inovação planeta afora. Seria devastador.

A Casa Branca anunciou cortes bilionários para Harvard, uma das mais prestigiadas instituições do ensino superior, por não ter suspendido ações pró-diversidade e se recusar a fornecer dados de alunos ao governo. Há um cerco à tão cultuada liberdade de expressão no campus? Sem dúvida, e isso ocorre em bases novas, atropelando a Primeira Emenda em sua essência. Quando as autoridades dizem “você não pode enveredar por tal caminho porque eu não gosto”, violam um princípio sobre o qual se ergueu a própria identidade dos Estados

Unidos — o da liberdade radical de pensamento de qualquer natureza. Mais inaceitável ainda é fazê-lo sob a ameaça de subtração de verbas.

Como qualifica esse tipo de pressão aos olhos da lei? Ao querer impor à base de ameaças seu filtro ideológico, o governo fere uma ideia sedimentada no cenário pós-Segunda Guerra, de que é a academia que mantém o controle sobre si, por meio de seus mecanismos, e gere o financiamento público como julgar melhor. A mensagem atual colide com esta ao trazer uma condicionalidade: “Só te damos a verba se parar de afirmar certas coisas”. Para mim, é um claro desrespeito à Primeira Emenda e um desafio para o Judiciário.

Harvard foi a primeira a não se dobrar ao rol de demandas do governo. Qual efeito isso pode ter? A universidade escolheu o caminho certo, indo à Justiça para brigar pelo que define a excelência — o livre pensar. Logo vamos assistir aos próximos passos. Confio que a Corte vai desenvolver uma doutrina sobre o tema, rechaçando o uso do poder econômico e político como arma para impor uma ideologia.

Não aconteceu algo parecido nos sombrios tempos do macarthismo, na década de 1950? Foi um dos pontos mais baixos da história americana, quando pessoas inocentes eram tachadas de comunistas, sendo ou não, e punidas por expressarem suas opiniões. A questão hoje é que não se trata da ação de um senador como Joseph McCarthy, mas de um Executivo em pleno poder, punindo opositores e instituições por seus pontos de vista.

Quais outras engrenagens da democracia têm sofrido, em sua opinião, interferência indevida? A imprensa é um ponto de atenção. Órgão respeitado, a Associated Press chegou a ser banida da sala de imprensa da Casa Bran-

“Harvard escolheu o caminho certo, indo à Justiça para brigar pelo que define a excelência — o livre pensar. Confio que a Corte vai rechaçar o uso do poder como arma para impor uma ideologia”

ca por sua linha editorial. E os escritórios de advocacia, que foram ameaçados de não poder entrar em prédios públicos por representarem clientes dos quais o governo Trump discorda? Tudo isso afronta a Primeira Emenda.

Há algumas semanas, um estudante muçulmano de Columbia foi preso sob o risco de deportação por participar de atos pró-Palestina, que o governo alega terem resvalado para o antissemitismo. Seria aceitável expulsá-lo do país? Ninguém pode ser detido nem deportado por exprimir sua opinião. Nos últimos 125 anos, a Suprema Corte arbitrou à luz da Primeira Emenda e construiu um sólido corpo de jurisprudência sobre o que significa liberdade de expressão. Os juízes, liberais e conservadores, concordam sobre o princípio de que não se pode punir um ponto de vista, nem ideias ofensivas e repulsivas.

Mas não há limites para o discurso da intolerância? Ele deve ser veementemente condenado, como tradicionalmente o é nas universidades, mas não

há mecanismos na Primeira Emenda para puni-lo. O que é passível de pena é um ataque direto, como brandir insultos antissemitas na cara de um judeu, e lesar o patrimônio, como aconteceu com a ocupação de prédios no campus de Columbia.

Houve antissemitismo nas manifestações? É preciso ter muito cuidado ao fazer alegações tão sérias como esta. Discordar de decisões tomadas pelo Estado de Israel — algo perfeitamente legítimo — não é sinônimo de antissemitismo. Às vezes, é difícil mesmo discernir. Isso me lembra muito um trecho famoso da Primeira Emenda que põe o discurso obsceno fora de seu guarda-chuva. Os tribunais tiveram que definir então o que seria obscenidade e nunca conseguiram fazê-lo de forma satisfatória. Foi aí que o juiz Potter Stewart falou: “Não tenho uma definição, mas sei reconhecer quando está na minha frente”.

Não punir o discurso de ódio nestes tempos de polarização não é uma brecha perigosa da Primeira Emenda? Ela é intencional. Qualquer pessoa razoável acha destrutivo o discurso contaminado por ódio, mas há uma razão para juízes de todos os matizes protegê-lo. O outro caminho, sabemos, abria espaço para que o governo decidisse o que é ou não intolerância. E, se ele tiver tal poder, acabará usando-o para castigar o discurso que bem escolher. É uma visão distinta da que prevalece na Europa e no Brasil.

O senhor acha que essa lógica deve se estender às redes sociais, que viraram metralhadoras de disseminação de preconceito e fake news? Essa é uma questão que ainda exige profunda reflexão. Escrevi um livro sobre o tema. Nos Estados Unidos, os conservadores, com medo de ser silenciados, defendem que os donos das grandes plataformas digitais deem espaço a qualquer opinião. Me preocupa essa

abordagem tão livre aplicada ao ambiente das redes, por seu potencial de reverberar ideias danosas à democracia. Acho que vale olhar para o modelo americano de transmissão de TVs, em que o governo estabelece regras não para censurar, mas para evitar que o monopólio privado de meios de comunicação defina a agenda pública.

As redes podem então acabar levando a uma mudança na Primeira Emenda? Ela talvez precise ser calibrada diante da onipresença das redes. Mas não tenho uma resposta definitiva sobre a forma como o texto deveria passar a ser interpretado.

O senhor já foi alvo da fúria de Trump, que o chamou de “idiota total” nos tempos em que era reitor de Columbia e ele, empresário. Acha que o rancor do passado tem a ver com suas estocadas contra a universidade? Há especulações de que essa seria uma causa. Na época, ele queria que a universidade comprasse uma propriedade sua, e eu tinha outro plano. Me tornei uma de suas primeiras vítimas, mas não me incomodou. Vez por outra, ele voltava a me atacar.

Diante da ameaça de redução de verbas federais, Columbia cedeu à Casa Branca, trocando até quadros de chefia de certos departamentos. Devia ter resistido? Como fui reitor de lá até dois anos atrás, por princípio prefiro não tecer comentários sobre isso. Mas deixei publicamente explícita minha preocupação com a liberdade acadêmica que nos conduziu até aqui.

Imagens da invasão de alunos a edifícios no campus em 2023, seguida da entrada da polícia, correram o mundo. A universidade não soube lidar com a crise? Já passei muitas vezes pela situação de enfrentar protestos que saem do controle. Mas precisamos entender que ali estão jovens fazendo o que um jo-

vem faz — protestar, ainda que abracem posições que rejeitarão mais tarde. Ao mesmo tempo, em delicado equilíbrio, se faz obrigatório cuidar dos que podem sair feridos. Chamar a polícia é algo traumático para o campus.

Os alunos se excederam? Não tenho simpatia por estudantes que quebram as regras ao saltar do discurso livre à ocupação de prédios. Ocorreu em mais universidades americanas e até em outros países.

Uma das justificativas de Trump para impor sua cartilha nas universidades é o combate ao pensamento woke, que, ao defender a inclusão de minorias, estaria excluindo outros e comprometendo a excelência. Concorde? Isso é uma hipérbole que simplifica uma questão séria. Estão fazendo uma caricatura do woke, como se fosse incapaz de enxergar os problemas reais. O esforço americano ao longo de décadas para alcançar a justiça racial por meio de ações afirmativas foi um trabalho nobre, bem-sucedido e muito

real, mas ainda não concluído. Agora, está sendo interrompido e revertido.

A Suprema Corte do Reino Unido decidiu que mulheres trans não se enquadram na definição legal de mulher — passo já dado pelo próprio Trump. É outra afronta à liberdade individual? Do ponto de vista constitucional, o assunto é mais complicado, mas me espanta o modo como tem sido tratado. É como se não se pudessem mais falar em fluidez de gênero e na natureza humana, todos temas que foram tão profundamente discutidos pela sociedade e nas universidades. Tudo se reduz agora a: “Olha o que acontece quando alguém muda a identidade de gênero e compete injustamente em esportes femininos”.

Pesquisas mostram que cada vez mais acadêmicos cogitam deixar os Estados Unidos. Tem observado isso? Ainda não vejo como um movimento dominante, mas pode virar. Pela primeira vez na memória recente, as universidades americanas, que vêm contribuindo de forma tão decisiva para o conhecimento humano, correm o risco de perder seu status. Há uma luta ainda longa que devemos travar em prol da manutenção das verbas que fazem girar a roda da excelência.

Trump vem afrontando o Judiciário, como tantos autocratas. Ele já se enquadra na classificação? Desde os anos 1800, um dos princípios fundamentais da vida americana é que os tribunais têm a palavra final na interpretação das leis e os demais poderes acompanham tal decisão. Isso vai ao cerne do que significa ser um país sob o estado de direito — algo que autocratas como Putin, na Rússia, e Orbán, na Hungria, ignoram. Trump já fez afirmações que causaram alarme e outras mais tranquilizadoras. A verdade é que não estou preparado para fazer uma declaração mais definitiva sobre aonde tudo isso vai nos levar. ■

“Já passei pela situação de enfrentar protestos que saem do controle. Mas precisamos entender que ali estão jovens fazendo o que um jovem faz — protestar”





HUSNA ALI/REUTERS

QUEM PRECISA DE OUTRA GUERRA?

DE QUE MAIS o mundo em ebulição precisava? Certamente não de um conflito bélico envolvendo **dois países com armas nucleares, a Índia e o Paquistão** — a ponto de até Donald Trump ter tratado a aventura como “uma vergonha”. Na quarta-feira 6, o governo indiano anunciou ter atacado posições militares no Paquistão. Os paquistaneses alegaram ter derrubado cinco jatos inimigos. De um lado e outro da fronteira, as engrenagens de guerra começaram a se movimentar, com civis fechando portas e janelas de suas casas com reforços especiais, comida e medicamentos estocados, embebedos de medo. Deu-se a agressão em resposta a um suposto ataque terrorista paquistanês, em que militantes muçulmanos alinhados com a religião do Estado mataram 26 turistas, em sua maioria hindus. **Não demorou, como sempre, para que despontassem protestos dos dois lados. No Paquistão, fotos do premiê indiano Narendra Modi foram pisoteadas.** O susto de agora, associado ao pavor de uma provável escalada, vem de longa data, desde 1947, quando houve a independência do jugo britânico, em que os dois lados da fronteira começaram a disputar uma região, a Caxemira, que tinha um governante hindu, mas população majoritariamente islâmica. Para aumentar a temperatura, há o nó da água: parte do abastecimento paquistanês nasce em rios indianos, e os cortes já foram anunciados. Os próximos dias tendem a ser nervosos, alimentados do querosene fatal que mistura política e fanatismo. Tem tudo para dar errado, infelizmente. ■

Caio Saad



LÁ E CÁ Christina Oiticica: ela vive na Europa, mas tem raízes profundas no Brasil

“MINHA ARTE É UMA OFERENDA”

A artista carioca de 73 anos explica o curioso método de criação das obras que vai exibir na fundação que mantém na Suíça com o marido, Paulo Coelho — e fala de sua conexão espiritual com ele

A exposição *Dichotomie* vai ocupar, a partir de 27 de maio, uma área destinada às artes na Fundação Paulo Coelho e Christina Oiticica, em Genebra. O que essa mostra significa em sua trajetória? Primeiro, ela tem esse nome porque foi feita entre a Europa e o Brasil. Mesmo longe, eu tenho uma forte conexão com o meu país. Eu fiz as telas em Genebra e as enviei para o artista indígena Txatxu Pataxó, na Bahia. Ele fez as interferências dele e, depois, as enterrou por um ano ao pé de uma gameleira. Essa árvore tem raízes protuberantes, o que provocou relevos lindos nas obras.

Como aderiu à técnica de enterrar suas telas? Comecei em 2003, quando vivia nos Pireneus (*ao norte da Espanha*) com o Paulo (*Coelho*) num quarto de hotel. Por causa do cheiro de tinta, passei a pintar do lado de fora e, vira e mexe, surgia um inseto na tela, uma folha. Decidi trabalhar em parceria com a natureza. Com o tempo, comecei a enterrar as obras para ver no que dava.

Já perdeu alguma? Perdi pouquíssimas. Mas não fico chateada quando isso acontece. Minha arte é uma oferenda para a natureza. Como uma gestação da Mãe Terra, os minerais, as esta-

ções do ano, os animais e os fungos vão interferir. Uso materiais naturais, como telas de juta e tintas ecológicas.

Como faz para que as telas não se danifiquem? Já aconteceu de a obra se rasgar ou se dissolver. Mas, assim que ela está pronta, uso um fixador.

A fundação em Genebra é um entre muitos projetos sociais e culturais que a senhora tem em parceria com Paulo Coelho. Qual o segredo para um casamento duradouro e frutífero de 45 anos? Difícil dizer. Não tem fórmula. Acho que o mais importante é querer estar junto e ter admiração pelo parceiro. Às vezes amamos alguém, mas não queremos viver com essa pessoa. Problemas todo mundo tem. Mas o Paulo e eu somos muito ligados. Nossa ligação é profundamente espiritual.

Em que sentido? Temos propósitos de vida muito parecidos e eu sou uma pessoa espiritual e religiosa. Sou católica, mas me dou bem com várias religiões. Paulo era amigo da minha família quando nos conhecemos. Um dia, fomos para a capela de Nhã Chica, uma beata brasileira, em Minas Gerais. Quando o vi ajoelhado e rezando, fiquei emocionada e pedi para Nhã Chica “um marido igual ao Paulo”. Que fique claro: pedi igual ao Paulo, não o Paulo. Mas, um ano depois, ela me deu ele.

A parceria já se estendeu à vida profissional, a ponto de um palpar na obra do outro? No começo, sim. Ele me ajudou a enterrar telas em vários países — no Caminho de Santiago de Compostela foram 100 quadros enterrados. Hoje, mesmo trabalhando individualmente, acontecem coincidências. Enquanto eu tocava esse projeto, ele desenvolvia uma ópera de inspiração indígena sobre *I-Juca-Pirama* (*poema de Gonçalves Dias*), para a COP30. ■

Raquel Carneiro

APRESENTAM O FÓRUM

COP30

O QUE O BRASIL DEVE ENTREGAR AO MUNDO EM BELÉM

veja ^{NA} COP30

BELÉM - PARÁ - 2025

A poucos meses da COP30, VEJA reúne autoridades, especialistas e lideranças empresariais em um encontro exclusivo para discutir os compromissos e oportunidades do Brasil na conferência do clima

QUANDO? **26 de maio**
7h30 às 12h

ONDE? **Hotel
Rosewood**
São Paulo - SP

CONVIDADOS



Helder Barbalho



Marina Silva



André Corrêa



Magda Chambriard



Gilberto Tomazoni



Gustavo Diniz



Eduardo Capelastegui



Thiago Picolo



Liège Correia



Soraya Pires



Tasso Azevedo

Nome sujeito a confirmação. Confira no site da VEJA.

PATROCÍNIO



ACOMPANHE A COBERTURA DO EVENTO
NOS CANAIS DIGITAIS DE VEJA



O VIOLÃO AO PÉ DA CAMA

Não seria fácil para uma filha de Dorival Caymmi fazer da música um modo de vida, em decorrência das inevitáveis comparações. Contudo, **Nana Caymmi**, com apenas 19 anos em 1960, mostrou que não viera ao mundo para brincadeiras. Ao lado do pai, gravou *Acalanto*, uma linda canção de ninar que a mãe, Stella, desistira de registrar horas antes de entrar no estúdio. Atire a primeira pedra quem não se comoveu ao escutar trechos como: “Boi, boi, boi, boi da cara preta / Pega esta menina que tem medo de careta”, de doçura equivalente ao alcance vocal. Em 1966, ela venceria a fase nacional do I Festival Internacional da Canção no Maracanãzinho, ao interpretar *Saveiros*, de Dori Caymmi, seu irmão, e Nelson Motta: “Nem bem a noite terminou / Vão os saveiros para o mar / Levam no dia que amanhece / As mesmas esperanças / Do dia que passou”. Em 1967, na terceira edição do Festival de Música Brasileira, apresentou *Bom Dia*, pequeno clássico composto com o então marido, Gilberto Gil: “Madrugou, madrugou / A mancha branca do sol”.

A imensa capacidade de criar gravações inesquecíveis e de evidente bom gosto, marcado pelo vozeirão incomparável, era o contraponto a um jeito de



CHRISTINA BOCCY/IMAGEM/AGÊNCIA O GLOBO

VOZ INIGUALÁVEL Nana Caymmi: clássicos como *Acalanto*, *Saveiros* e *Bom Dia*

ser um tanto severo, pleno de certezas, muitas vezes agressivo — mas que a arte ajudava a deixar em segundo plano. Em 2018, ela apoiou a candidatura de Jair Bolsonaro para a Presidência. Entre xingamentos, brigou com amigos do mundo artístico. “Só de tirar PMDB e PT já é uma garantia de que a vida vai melhorar. Agora vêm dizer que os militares vão tomar conta? Isso é conversa de comunista”, disse. Gil, sempre elegante, pôs panos quentes na confusão, ao comparar a postura de Nana com a da mãe, Stella. “Para o melhor, na apreciação eloquente do seu entorno de bem querer e afeição. Para o pior,

na vociferação raivosa da sua inquietação para com os que parecem fugir do seu controle.” No enterro da ex-mulher, com quem foi casado de 1967 a 1969, Gil deu a régua e o compasso, comovido: “A música nos envolvia de forma muito intensa. Eu começando meu trabalho, ela vindo egressa de uma família com uma presença musical extraordinária, pai, mãe, irmãos. O violão sempre era uma presença constante em nossas vidas, estava ao pé da cama”. Nana morreu em 1º de maio, aos 84 anos, depois de nove meses internada, ao realizar um cateterismo e implante de marcapasso.



CARLOS MACEDO/ONGEVEJEST

A FREIRA PARA LÁ DE CENTENÁRIA

Em janeiro, o *Guinness*, livro dos recordes, registrou a freira brasileira **Inah Canabarro Lucas**, de 116 anos, como a mulher mais velha do mundo. Torcedora fanática do In-

LONGEVIDADE Inah Canabarro Lucas: a mulher mais velha do mundo, com 116 anos

ternacional de Porto Alegre, ela dedicou boa parte de sua vida adulta à educação — um de seus alunos foi João Figueiredo, o derradeiro presidente dos governos militares. Com a morte da brasileira, de causas naturais, ocorrida em 30 de abril, um mês antes de festejar os 117 anos, o posto de longevidade feminina está agora com a britânica Ethel Carterham, de 115 anos. ■



**CONEXÃO
EMPRESARIAL**



LUCAS KALLAS

Presidente do Conselho
Cedro Participações

16/05/2025 . 12H AS 14H30

ESPAÇO MEET - AVENIDA RAJA GABÁGLIA,
2671, SÃO BENTO - BELO HORIZONTE

**LEIA O QR CODE
E SE INSCREVA**



REALIZAÇÃO

VB Comunicação

ViverBrasil

OTEMPO



LARRY W. SMITH/EPAGEE

“O comércio não deveria ser uma arma de guerra.”

WARREN BUFFETT, 94 anos, o mais conhecido e influente investidor do mundo, o “oráculo de Omaha”, logo depois de anunciar sua saída do conglomerado Berkshire Hathaway, avaliado em 1,1 trilhão de dólares. Ele será sucedido por Greg Abel, de 62 anos

“Quando morre um papa, a Igreja não muda.”

DOM ODILO SCHERER, arcebispo de São Paulo

“O estagiário chega em casa e reclama porque o chefe deu bronca. Aí os pais vão falar com o chefe. Peraí! A vida não vai ser sempre justa. Os ‘nãos’ fazem parte do processo.”

BERNARDINHO, treinador de vôlei do Sesc-Flamengo e da seleção brasileira

“O futebol acabou para mim. Não sei mais se o frango foi proposital, para garantir uma aposta.”

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, escritor

“Atores são precarizados desde Shakespeare, mas o teatro não será substituído.”

MIKA LINS, diretora e atriz, que agora oferece também um curso intitulado Ler em Voz Alta, no qual ensina as pessoas a trabalharem com a voz, seja no palco, seja em podcasts ou audiolivros

“Não verei como a história termina.”

DAVID ATTENBOROUGH, naturalista e cineasta britânico que acaba de completar 99 anos

“Adoraria me reconciliar com a minha família.

A vida é preciosa.
Não sei quanto tempo meu pai ainda tem.”

PRÍNCIPE HARRY, afastado do rei Charles III desde que entrou com uma ação contra o governo britânico, que lhe recusou agentes de segurança, depois de seu afastamento do cotidiano da realeza

“Tomo um café da manhã gigantesco... Salsichas, quase uma dúzia de ovos, bacon, torradas e café.”

TOM CRUISE, 62, ao explicar como se prepara para as cenas de ação sem dublê. *Missão Impossível – O Acerto Final*, o clímax longa da franquia, estreia em 22 de maio nos cinemas brasileiros

“Os memes não me chateiam, alegam as pessoas.”

RENATA SORRAH, 78 anos, a Heleninha da primeira versão da novela *Vale Tudo*, de 1988

“A impressão digital do Brasil é o samba.”

ALCIONE, sambista com cinquenta anos de carreira

“Odeiam que use maquiagem em campo.”

ALISHA LEHMANN, jogadora de futebol da Juventus, da Itália, e da seleção suíça. Ela tem mais de 25 milhões de seguidores em suas redes sociais



INSTAGRAM @ALISHALEHMANN7



ENCRUZILHADA BRASILEIRA

“QUANTOS ASSESSORES têm cada deputado?”, perguntei. A manhã era fria em Estocolmo, e fazia minha visita ao Parlamento sueco junto com um pequeno grupo. “Menos de um”, me respondeu a jovem deputada que nos acompanhava. Ela explicou que não havia assessores individuais, que cada partido tinha um grupo de apoio e que a coisa toda funcionava bastante bem. E retrucou: “Por quê? No Brasil não é assim?”. “Deixa pra lá, deputada, vamos em frente”, respondi, com bom humor. Na hora, me lembrei dos nossos 25 assessores por deputado. Ou mais de 100, para alguns senadores. Tudo por lá foi me chamando a atenção. Os apartamentos dos deputados, que visitei, com coisa de 40 metros quadrados. “Só para os dias de trabalho”, me explicaram. Observei as discussões sobre o direito do parlamentar a um vale de transporte público. A bizarrice que seria sugerir que um deputado tivesse seu “carro oficial”. Saí de lá pensativo. Aquele é um país rico, mas são eles os obcecados com a moralidade pública. Seria algo cultural? Seriam as tais “instituições inclusivas” pautadas por regras claras de mercado, isonomia, atenção ao interesse público, como sugeriu o Nobel de Economia Daron Acemoglu? Não sei. Minha preocupação não era a Suécia, mas o Brasil. Era difícil imaginar que alguém preferisse nosso perfil de “país pobre com um Estado esbanjador”.

Me lembrava disso enquanto lia sobre as fraudes do INSS. Aquele ministério imenso, recheado de políticos, sem função aparente. O “careca do INSS” que fazia lobby nos corredores de Brasília. As justificativas algo nonsense do ministro, perguntando “o que mais eu podia fazer?”. De tudo, me pe-



ACERVO PÚBLICO GOVERNO DE SÃO PAULO

OS DONOS DO PODER Faoro: a mixórdia do Estado intrometido no privado

gou uma frase de um aposentado, melancólico: “Como eu iria desconfiar do INSS, um órgão federal?”. A repórter havia perguntado se ele não tinha achado estranhos os descontos. Talvez agora ele aprenda a não confiar. Tudo que não seria desejável em uma democracia. Desconfio que vá ficar tudo por isso mesmo. Seria um caso óbvio para uma CPI, mas é duvidoso que aconteça. Me lembro de 2021, quando o STF mandou instalar aquela CPI da pandemia porque era um “direito da minoria”. O país mudou, somos a pátria dos dois pesos e duas medidas, e agora não vai rolar. Se estiver enganado, me retrato. O governo tira o ministro e põe o braço direito do próprio ministro. E tudo leva a crer que a conta dos ressarcimentos vai parar no bolso do contribuinte, mais uma vez. E no fundo é por isso que me lembrei da Suécia. Por uma frase dita por um amigo professor de lá: “Se você abrir uma janela, a coi-

sa toda se perde”. Ele via o tema da moralidade na linha da “janela quebrada”. Se você permite certos privilégios para um setor, os outros vão achar que têm o mesmo direito; se você “anular” uma condenação por corrupção, tudo servirá como uma licença. Se você aceitar um pequeno truque, como a decisão recente de que os sindicatos podem cobrar uma contribuição de todos os trabalhadores e que cabe a cada um dizer que não deseja ser cobrado (sabe-se lá como), está dando a senha para os truques seguintes.

O que meu colega quis dizer é que a moralidade pública segue um padrão. Enquanto na Suécia só o primeiro-ministro tem direito a um carro oficial permanente, no Brasil praticamente todos dispõem de um. Isso além das mais de cinquenta autoridades com direito a jatinho free da FAB. Descobrimos, ainda, que oito governadores emplacaram as esposas como conselheiras nos tri-

bunais de contas. Em regra, de estados pobres como Alagoas, Ceará, Bahia, Amapá e Piauí; em outra, lemos sobre os mais de 40 000 funcionários ganhando acima do teto do setor público. Lemos sobre a PEC da Anistia, auto-concedida pelos próprios políticos para multas partidárias. E por aí vamos.

O padrão é conhecido: a tradição patrimonialista. Ninguém desnudou melhor esse conceito do que Raymundo Faoro em *Os Donos do Poder*. A tese de Faoro é conhecida, navega desde nossas raízes ibéricas, da confusão entre o rei e o reino, a mixórdia do Estado intrometido nos negócios privados, a lógica do favor, o mando do estamento burocrático. Na última década, na esteira dos escândalos de corrupção — mensalão, petrolão, Lava-Jato — uma

parte da esquerda acadêmica ensaiou uma mudança de enredo: a recusa do argumento em torno do patrimonialismo. A ideia de que denunciar a captura do Estado, o favorecimento dos “campeões nacionais” e a corrupção seria um tipo de ideologia das “elites”. Como me observou um colega, irônico, um argumento na linha “já que apanharam nosso partido com a mão na cumbuca, precisamos com urgência de uma nova sociologia”.

O fato é que o padrão patrimonialista está mais vivo do que nunca. O que não deixa de ser melancólico, 37 anos depois da Constituição Cidadã. Faoro chamou atenção para o “estamento”. O alto funcionário, o operador político, a comunidade no entorno do poder. O que se vê hoje é o patrimonialismo difuso na sociedade. O ministro Luís Roberto Barroso, do STF, em um artigo recente sobre Faoro, chamou atenção sobre isso. O vício patrimonial não se concentraria em um espaço específico de poder, mas em “múltiplas dimensões da vida” do país. “No em-

presariado, na classe política, na burocracia — inclusive judicial —, no setor militar e mesmo em sindicatos.” Daí o sentido de um “padrão”. Ele pode vir do uso irresponsável do Orçamento para conceder benefícios sem lastro fiscal aos “de baixo”. Pode vir quando um ministro concede, sabe-se lá com que direito, aposentadoria aos 52 anos para mulheres policiais. Ou quem sabe das dezenas de regimes especiais dados na reforma tributária.

O que nos salva é a ambivalência. Ao lado do país atrasado, distribuindo nacos do Orçamento na forma das emendas parlamentares, dando aos partidos o maior fundo eleitoral do planeta, no país dos penduricalhos — essa palavra tão brasileira —, vai se desenhando um Brasil surpreendentemente

moderno. País que soube criar um Banco Central independente; que soube fazer reformas difíceis, como a trabalhista, tirando um poder patrimonial dos sindicatos. Ou que fez um quase milagre, como a Lei das Estatais, afastando a gestão de empresas do governo do varejo político.

E por fim o marco do saneamento, injetando competição de mercado em uma área vital. A lista é grande, frequentemente desprezada. Ela mostra o Brasil diante de uma encruzilhada. De um lado, o arcaico. Este que apareceu na sua pior feição, traindo a confiança daquele velho senhor que acreditava no INSS. De outro, o traço moderno. Regra de mercado, isonomia, meritocracia e responsabilidade fiscal. Parece andar em zigue-zague diante da encruzilhada. Nos anos recentes, ensaiamos uma marcha a ré. Com a vantagem de que, com alguma sorte, tudo isso possa acabar nos servindo de lição. ■

Fernando Schüller é cientista político e professor do Insper

SOBE

ISLÂNDIA

Com menos de 400 000 moradores, o país europeu passou a ser a nação com o maior índice de desenvolvimento humano.

ANTÁRTICA

Após décadas contribuindo para a elevação do nível do mar, o continente no extremo sul do planeta registrou um ganho de massa recorde de gelo entre 2021 e 2023.

NEY MATOGROSSO

Com a cinebiografia *Homem com H* nos cinemas, o cantor também será o enredo 2026 da Imperatriz Leopoldinense, que é nove vezes campeã do Carnaval carioca.

DESCE

JERÔNIMO RODRIGUES

O governador petista da Bahia disse que os bolsonaristas deveriam ir “para a vala”, foi muito criticado, pediu desculpas, mas virou alvo de representação à Procuradoria-Geral da República por discurso de ódio.

CREDIT SUISSE

O banco se declarou culpado e foi condenado por conspirar para ocultar ao menos 4 bilhões de dólares do Fisco dos EUA em mais de 475 contas offshore.

SMOKEY ROBINSON

Uma das grandes lendas da Motown, o cantor americano foi acusado de estupro por quatro ex-funcionárias na Justiça.



RAFA NEIDERMEYER/FRANCÊSIA BRASIL

ORELHA QUENTE Marinho: ministro de Lula ouviu verdades de Gilmar Mendes

Bateu, levou

Ministro do Trabalho, **Luiz Marinho** disse outro dia “esperar” que as “motivações” de Gilmar Mendes “sejam plenamente jurídicas”, ao travar, no STF, ações contra pejetização no país. O veneno fez o decano ligar para Marinho. “Você está na rota errada. Em dois anos, não aprovaram nada. Está tudo afundando”, disse Mendes a Marinho.

Museu da CLT

Para Mendes, brigar contra a pejetização equivale “a defender o condutor de carruagem contra o avanço dos carros”. O ideal, segundo ele, seria modernizar as relações de trabalho.

É a roubalheira, ministro

O ministro de Lula disse também que o julgamento do STF pode “acabar com a Previdência e o próprio Ministério do Trabalho”. Mendes também não deixou isso sem resposta: “O que acaba com a Previdência é esta roubalheira que estamos vendo no INSS”.

Até trabalho escravo

Na mesma fala sobre pejetização, Marinho sugeriu que decisões do STF fortaleceram o trabalho escravo. Mendes cobrou Gleisi Hoffmann pelo ataque.

Caso arquivado

Cristiano Zanin arquivou o caso que apurava relações do lobista Anderson Gonçalves com Nunes Marques. A PF não encontrou provas de ligação do lobista com o ministro do STF.

Crediário do golpe

Condenado pelo 8 de Janeiro, um bolsonarista fez um pedido curioso a Alexandre de Moraes: parcelar em dez vezes a multa de 5.000 reais pela quebra-deira em Brasília. A PGR vai analisar.

O último culpado

Chefe da CGU, Vinicius de Carvalho frita em fogo alto no Planalto. “É o último que sobrou para culpar no escândalo do INSS”, diz um auxiliar de Lula.

Narrativa perdida

A leitura no palácio é de que Lula já perdeu a guerra da comunicação no escândalo do INSS. “Era uma pauta positiva de combate à corrupção, mas virou munição para a oposição”, lamenta um conselheiro do governo.

Antes tarde...

O MPF abriu inquérito para “apurar possíveis irregularidades” em descontos ilegais em benefícios do INSS feitos pela Associação dos Aposentados e Pensionistas Brasileiros (AAPB).

...do que mais tarde

Outro inquérito do MPF vai investigar descontos não autorizados feitos pela ABCB AMAR Clube de Benefícios.

Roubados e humilhados

Vítima das fraudes no INSS, um idoso de Mirassol d'Oeste (MT) foi quatro vezes, em 2024, à agência do órgão na cidade pedir um extrato dos descontos. O INSS não deu o papel. Ele acionou então o Procon, que levou o caso ao MPF, que arquivou sem fazer nada.



TCU

NA URNA Nardes: ministro do TCU avalia disputar as eleições de 2026



A boa previdência

Ratinho Jr. vai lançar na próxima semana um programa para ajudar aposentados a comprar a casa própria no Paraná. O governo entrará com 80 000 reais para a entrada do imóvel.

Sem marola

Novo ministro da Previdência, Wolney Queiroz fará mudanças amplas na pasta, mas sem fazer alarde, para não irritar ainda mais o PDT do ex-ministro.

Nasce uma força

Baleia Rossi e Marcos Pereira avançaram nas conversas para criar uma federação entre MDB e Republicanos. A ideia é ouvir diretórios estaduais e bater o martelo em duas semanas.

Hora de sair do ninho

Eduardo Leite ainda faz mistério, mas a saída do PSDB e a filiação no PSD são dadas como certa no tucanato.

Chapa raiz

No bingo de igreja que virou a definição da chapa bolsonarista para 2026, o nome da vez é o do senador Rogério Marinho, que poderia ser vice de Michelle numa “chapa pura” do PL. “Se os outros partidos resolverem barganhar, o PL tem solução”, diz um aliado.

A campanha do ministro

Ministro do TCU, **Augusto Nardes** anunciou recentemente, no Rio Grande do Sul, que avalia convite de quatro partidos para disputar as eleições de 2026, provavelmente para a Câmara. Enquanto não define o futuro político e se apresenta no tribunal, ele já esteve em dez cidades gaúchas com essa conversa de campanha. A conta ficou com o TCU: 60 000 reais em diárias e passagens.

Aposta certa

A CPI das Bets pedirá o indiciamento da influenciadora Deolane Bezerra por crime de evasão de divisas.

Acabou em pizza

A PGR acaba de arquivar a investigação de corrupção na compra de kits de robótica para escolas de Alagoas com verbas do FNDE. Motivo: “anulação de todas as provas pelo STF”.



INSTAGRAM @LAWINITS

NO PALCO

Danielle: atriz é a estrela do musical *Meninas Malvadas*

Jogou a toalha

De um conhecido bilionário do agrobusiness sobre a ausência de rumos para o país neste governo Lula: “O empresariado está desanimado. O governo acabou. No fundo, é melhor que esse mandato do Lula termine logo”.

Maré favorável

A movimentação dos portos brasileiros bateu recorde em março, com 113,7 milhões de toneladas, segundo o Ministério de Portos. “É o melhor resultado do mês de março para a série histórica”, diz o ministro Silvano Costa Filho.

A zona da Rouanet

O governo Lula autorizou uma produtora a captar 1,3 milhão de reais, via Lei Rouanet, para homenagear um prostíbulo de São Paulo. Sim, isso mesmo. O espetáculo se chamará *Tabaris Dancing ou Cabaré Máximo, Toda Gerência É Feminina*.

Investimento privado

O Santander será o primeiro banco privado a ofertar crédito para a indústria de defesa. A parceria foi firmada nesta semana na pasta de José Múcio.

Meninas malvadas

A atriz **Danielle Winits** estrela, em São Paulo, o icônico espetáculo *Meninas Malvadas — O Musical*. Inspirada no famoso filme dos anos 2000 *Mean Girls*, a atração fica no Teatro Santander até 29 de junho. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



LEIA MAIS
NO SITE
DE VEJA

UMA TRAGÉDIA

O escândalo dos descontos ilegais nas pensões dos aposentados do INSS revela que o governo petista não aprendeu nada com os rumorosos casos de corrupção do passado — continua priorizando os acertos políticos e premiando a incompetência em detrimento do interesse público

**DANIEL PEREIRA E
MARCELA MATTOS**

O presidente Lula tem experiência de sobra com escândalos de corrupção. Em seu primeiro mandato, lidou com o mensalão, que consistia na compra de apoio parlamentar com recursos desviados dos cofres públicos, o que quase lhe rendeu um processo de impeachment. Reeito para o cargo em 2006, ele loteou a máquina pública entre diferentes partidos, incluindo no rateio joias da coroa, como a Petrobras, que se tornaria símbolo do maior esquema de corrupção já descoberto na história do país. Desbaratado na gestão da aliada Dilma Rousseff, o petrolão rendeu 580 dias de cadeia a Lula, que depois reverteu a condenação e a perda dos direitos políticos na Justiça. Com o petista de volta ao Palácio do Planalto, esperava-se que ele evitasse a todo custo a reedição de roubalheiras, que mancharam a sua biografia e estimularam um sentimento antipetista em setores da sociedade. Não foi o que ocorreu. Velhas práticas, antigos aliados e a omis-

RICARDO STUCKERT/PR



DIA SEM FIM



FILME REPETIDO

Lupi com Lula e Dilma: o pedetista saiu duas vezes da Esplanada, em meio a escândalos



ROBERTO STUCKERT/FILHO/PR

são costumeira semearam a explosiva crise no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que, a exemplo dos escândalos anteriores, transita entre a política e a polícia. Certas lições, aparentemente, não foram aprendidas.

Em regimes presidencialistas como o brasileiro, os mandatários têm de negociar alianças com partidos para garantir a chamada governabilidade. No mundo ideal, a distribuição de ministérios é feita de forma republicana, com base em afinidades programáticas ou de bandeiras. Na realidade de Brasília, no entanto, impera o fisiologismo, o notório “é dando (cargos e verbas) que se recebe (votos favoráveis no Congresso)”. No exercício do poder, Lula sempre apostou na formação de uma base par-

lamentar a qualquer custo. Em seu terceiro mandato, repassou ministérios a uma dezena de partidos sem se preocupar com a qualificação técnica dos indicados para comandar as pastas. Deu no que deu. Carlos Lupi, por exemplo, assumiu a Previdência porque manda no PDT e era o quadro mais adequado para garantir a lealdade ao governo dos dezessete deputados e três senadores da legenda. O resultado da escolha é conhecido, mas não pode ser considerado uma surpresa. Em seu segundo mandato, Lula nomeou Lupi para o cargo de ministro do Trabalho e, ao passar a faixa presidencial, ainda convenceu Dilma Rousseff a mantê-lo na função.

Assim foi feito, até que surgiram supostas de irregularidades — e de paga-

**CAOS**

Posto do INSS:
fila de espera
por benefícios
já ultrapassou
2 milhões de pessoas

mentos de propina — em convênios firmados pela pasta com organizações não governamentais. Um dos principais beneficiários dos recursos liberados pelo ministério alugou, numa singela retribuição, um avião King Air para que Lupi cumprisse agendas políticas no Maranhão. Quando o caso foi revelado por VEJA, em 2011, o então ministro do Trabalho negou o favor, mas foi desmentido posteriormente, em nova reportagem da revista, por fotos e vídeos que o mostravam desembarcando da dita aeronave na companhia de quem lhe bancara a cortesia. A mentira, somada às suspeitas de desvios nos contratos com as ONGs, custou o cargo a Lupi, que acabou demitido por Dilma. Na época, Lula chegou a reclamar com

petistas das demissões promovidas pela sucessora, que estaria tentando fazer um contraponto a ele, mostrando-se intransigente com “malfeitos” a fim de ganhar popularidade em segmentos avessos ao PT. O presidente sempre foi parceiro de Lupi e, em meio ao atual escândalo do INSS, demorou nove dias para demitir-lo após a operação da Polícia Federal (PF) e da Controladoria-Geral da União (CGU) contra o esquema de descontos ilegais de aposentados e pensionistas.

A demora para a exoneração decorreu da preocupação do petista com a reação do PDT, que já vinha reclamando do tratamento recebido do governo. Na terça-feira 6, a bancada do partido

na Câmara anunciou o desembarque da base governista e uma postura de independência.

A decisão foi tomada depois de uma reunião dos deputados com Lupi, que jurou inocência no encontro: “Eu não tenho nada com isso. Vão revirar a minha vida, mas não vai sobrar nada para mim”. Filiado à sigla e eterno presidencialista, o ex-ministro Ciro Gomes agiu para esgarçar a relação entre as partes. Ele criticou a exoneração de Lupi e conclamou políticos a enfrentarem o PT em seu estado natal, o Ceará. Derrotado em quatro eleições presidenciais, Ciro Gomes tem registrado bom desempenho nas pesquisas sobre a próxima corrida presidencial, ultrapassando, em algu-



RETALIAÇÃO

Bancada do PDT:
desembarque da
base do governo
depois da demissão
do ministro

mas delas, a casa dos dois dígitos. Já Lula, de olho na reeleição, quer evitar a proliferação de rivais em 2026 e, até por isso, escolheu Wolney Queiroz, secretário-executivo da Previdência na gestão Lupi e filiado ao PDT, para assumir o ministério. Foi

uma tentativa de trocar seis por meia dúzia e conter os ímpetus da rebelião pedetista, que não se consumou por completo.

Pressionado, o presidente conseguiu uma manifestação de apoio da bancada de senadores do PDT, que não

desembarcou da nau governista. São só três integrantes, mas, como a esquerda é minoritária, podem ser considerados imprescindíveis. Como se sabe, não faltam desafios a Lula no Congresso. Um deles é deter a tentativa da oposição de criar uma comissão parlamentar de inquérito para investigar o roubo aos aposentados e pensionistas. Nos últimos dias, a ministra Gleisi Hoffmann, da articulação política, pediu a aliados empenho para barrar a CPI do INSS e priorizar a pauta do governo, que inclui a PEC da Segurança e a ampliação da isenção do imposto de renda para quem ganha até 5 000 reais. Como o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), indicou que não instalará o colegiado, oposicionistas passaram a trabalhar para criar uma comissão mista, com deputados e senadores, que depende do aval do comandante do Congresso, senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), convidado por Lula para embarcar numa viagem oficial à Rússia e à China. Diante da dificuldade com o chão do plenário, o presidente está apostando



PREOCUPAÇÃO

Gleisi e Queiroz:
o governo teme
que o escândalo
escale mais
alguns degraus

pesado na parceria com os chefes do Legislativo. Está negociando por cima.

O objetivo inicial de Lula era melhorar a própria popularidade, com o avanço da ampliação da isenção do IR, por exemplo. Agora, é conter a possibilidade de nova sangria em sua imagem. O risco é real, já que o caso do INSS tem forte apelo popular e envolve crime contra pessoas consideradas vulneráveis. Segundo as investigações, 6,3 bilhões de reais foram descontados de aposentados e pensionistas entre 2019 e 2024, mas ainda não se sabe quanto de forma ilegal. Os descontos saltaram de 706 milhões de reais em 2022, último ano do governo de Jair Bolsonaro, para 2,6 bilhões de reais em 2024. Ou seja, ganharam tração na gestão Lula. O presidente alega que a ação contra os criminosos ocorreu em seu mandato, o que seria um ponto favorável para ele. O problema é que a tal ação só foi realizada agora, apesar de o então ministro Lupi, que pode ser um dos alvos da eventual CPI, ter sido avisado da ocorrência de descontos ilegais ainda em 2023. Desde então, acumulam-se evidências de omissão por parte de integrantes da Previdência e do INSS, sem contar, claro, os indícios de que operadores do esquema pagaram propina a servidores públicos.

É esse mix de omissão e propina que a oposição quer explorar. É o risco de desgaste decorrente do caso que integrantes da base do Palácio do Planalto estão usando como moeda de troca a fim de cobrar mais caro para ajudar o governo. Há ainda um dado particular que complica o enredo para Lula. Uma das doze associações investigadas pela PF e pela CGU, por supostamente fazerem descontos em aposentadorias e pensões sem autorização dos segurados do INSS, é o Sindicato Nacional dos Aposentados, Pensionistas e Idosos, cuja arrecadação saltou de 17 milhões de reais em 2019 para 90 milhões de reais em 2023. Um dos dirigentes da

entidade é José Ferreira da Silva, o irmão de Lula conhecido como Frei Chico, que ascendeu de um cargo na diretoria, ocupado desde 2008, para o posto de vice-presidente no ano passado. Na nova função, ele tem a prerrogativa de fazer a gestão financeira e definir o valor das mensalidades cobradas dos associados. A tentativa de convocação de Frei Chico para uma CPI não é só uma barbaada como uma das principais apostas dos opositores para desgastar o presidente.

De forma atabalhoada, o governo tenta reagir como pode. Uma das primeiras promessas de Lula foi trabalhar pelo ressarcimento das pessoas lesadas. De início, cogitou-se usar recursos públicos para tanto, mas a ideia foi deixada de lado. Na última quinta-feira, o governo anunciou que o INSS cobrará o ressarcimento das associações e sindicatos que, segundo aposentados e pen-

sionistas, realizaram descontos ilegais. Se o pagamento não for feito por via administrativa,

as entidades e seus dirigentes serão cobrados na Justiça. De forma preventiva, a Advocacia-Geral da União pediu o bloqueio de 2,5 bilhões de reais em bens de pessoas físicas e jurídicas suspeitas de participar do esquema, além da quebra de seus sigilos bancário e fiscal. O governo também informou que, de forma subsidiária, pode recorrer a recursos do Orçamento para devolver os valores roubados aos segurados. Enquanto o acordo de contas não acontece, não será fácil mudar de assunto, já que o INSS é uma fonte inesgotável de problemas. Nos últimos dias, surgiram indícios de fraude também em contratos de empréstimo consignado para aposentados. Além disso, a fila do instituto, que Lupi prometeu zerar, superou a casa de 2 milhões de pessoas na virada do ano.

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

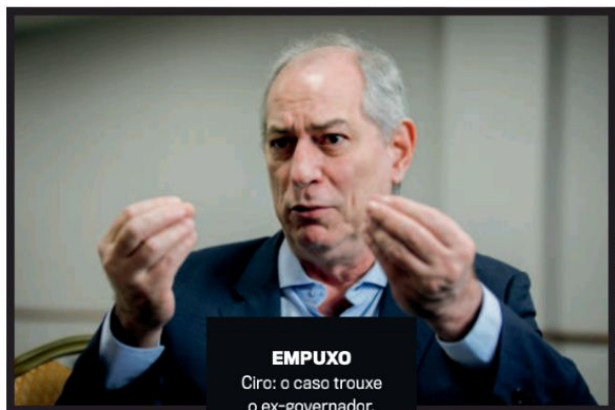


INVESTIGAÇÃO

Oposição:
deputados colheram
assinaturas
suficientes para
instalar uma CPI



Para o economista Pedro Fernando Nery, do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, o INSS vive uma “tempestade perfeita”: “O escândalo das cobranças indevidas vai sugar recursos humanos do instituto



EMPUXO

Ciro: o caso trouxe o ex-governador, adversário do PT, de volta ao debate político

BRENO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

nos próximos meses, dificultando a redução da fila”, afirma.

Essa situação periclitante está longe de ser surpreendente. Ela decorre da velha estratégia de Lula de lotear a máquina pública, inclusive órgãos técnicos, entre partidos, como forma de garantir apoio para governar. Ao longo dos anos, o presidente deu demonstrações sucessivas de que prioriza as conveniências políticas em detrimento de critérios como competência e interesse público. A corrupção encontra, assim, um terreno fértil. “Desde a colo-

nização, formou-se uma mentalidade de que, ao invés do bem comum, prevalece a concepção

de que as pessoas querem aproveitar o máximo que puderem do poder que elas adquirirem”, afirma o doutor em ciência política José Álvaro Moisés. Essa tradição, digamos assim, tem um custo considerável e segue viva, com suporte no discurso da hipocrisia política. No caso do PT, Lula nunca fez um mea-culpa pelo mensalão e pelo petrolão. Pelo contrário, esgrime a tese de que ambos os casos eram conspirações da elite contra o primeiro projeto genuinamente popular a chegar ao poder (*veja a matéria na pág. 30*). O discurso do nós, o povo, contra eles, os donos do dinheiro, convenceu parte dos eleitores durante algum tempo, mas não surte tanto efeito como no passado. Nada mais natural. Afinal de contas, quem jura proteger os mais necessitados não deveria, em hipótese alguma, permitir que eles fossem roubados. O caso atual dos idosos turgidos por uma quadrilha agindo dentro do INSS acrescenta um novo e chocante capítulo ao país que não consegue se livrar do estigma da corrupção. ■



ALVO

Frei Chico: o irmão do presidente dirige uma das entidades suspeitas de fraudar as aposentadorias

BRENO ROCHA/FOTOGRAFIA

Colaboraram Ricardo Chapola e Felipe Erlich

AS CHAGAS DO MENSALÃO

Vinte anos depois, os principais personagens condenados pelo escândalo de corrupção que abalou o primeiro governo Lula não só voltaram à cena como se empenham em convencer os incautos de que tudo foi uma grande mentira **HUGO MARQUES, MARCELA MATTOS E RICARDO CHAPOLA**

O HOMEM que aparece na foto próximo à janela foi personagem central de um dos maiores escândalos de corrupção da história. Há exatos vinte anos, ele chefiava um departamento dos Correios responsável pela compra de material. Certo dia, foi procurado por dois detetives que se passaram por empresários interessados em fazer negócios na estatal. Sem saber que estava sendo gravado, o servidor disse que estava no cargo por indicação do PTB, partido da base de apoio do governo Lula, e que os contratos assinados em sua repartição eram precedidos por pagamento de propina. E explicou: “Nós somos três. Os três são designados pelo PTB, por Roberto Jefferson. É uma composição com o governo. Nomeamos o diretor, um assessor e um departamento-chave. Eu sou departamento-chave”. Depois, detalhou como funcionava o esquema: “Quando é pregão com alta concorrência, é coisa pequena, de 3% a 5%. Quando é serviço, 10%. Consultoria é definida antes, a gente senta e conversa”. Numa demonstração de boa vontade, os “empresários” entregaram 3 000 reais a ele, que, sem desconfiar da armadilha, pegou o dinheiro e guardou no bolso do paletó. Revelada por VEJA em maio de 2005, a cena foi o fio da meada do célebre mensalão.

Acuado pela denúncia, o então deputado Roberto Jefferson, presidente do PTB, concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* na qual revelou a existência do esquema. Em troca de apoio político, deputados e senadores recebiam gordas mesadas — o mensalão. O escândalo envolveu quarenta pessoas entre parlamenta-



REPRODUÇÃO

PAULO LÊSIO/BRASIL PHOTO PRESS/QUIAPRESS



A ORIGEM

Marinho: propina,
demissão,
vida reclusa e
aposentadoria de
4.600 reais do INSS



PRESTÍGIO

Dirceu: prisão,
homenagem
no Congresso,
encontro com Lula
e candidatura

res, empresários e dirigentes partidários. Dos acusados, 24 foram condenados. Entre eles, além do próprio Jefferson, a nata do poder petista da época: o ex-ministro José Dirceu, o ex-presidente da Câmara, João Paulo Cunha, o ex-presidente do PT, José Genoíno, e o ex-tesoureiro Delúbio Soares. Eles foram sentenciados por corrupção e passaram uma temporada na cadeia. O primeiro governo Lula por pouco não implodiu diante do que foi descoberto. Duas décadas depois, o caso continua sendo o maior exemplo de que a Justiça é capaz de alcançar os poderosos. Por outro lado, também serve para demonstrar o quanto corruptos e corruptores podem ser resilientes.

Ex-chefe da Casa Civil do governo, José Dirceu, por exemplo, era tido como o sucessor natural de Lula. Cabia a ele, entre outras tarefas, negociar com o Congresso a aprovação dos projetos de interesse do Planalto. Apontado como mentor do mensalão, ele foi condenado a sete anos e onze meses de prisão, passou 354 dias na penitenciária da Papuda, em Brasília, e cumpriu o restante da pena em regime aberto. Em 2016, foi indultado pela presidente Dilma Rousseff (PT). Um histórico assim, em tese, já seria suficiente para um ponto-final em qualquer carreira política. Dirceu, no entanto, foi condenado a mais 23 anos e preso pela segunda vez. A Operação Lava-Jato descobriu que ele recebia propina de empresas que mantinham negócios com a Petrobras. O Supremo Tribunal Federal (STF), porém, anulou a condenação algum tempo depois, sob o argumento de que teria havido irregularidades processuais. Livre das acusações, o ex-ministro voltou à cena em grande estilo. Ele já postou fotos abraçado ao presidente Lula e participou como convidado especial de uma sessão do Senado que celebrou a democracia. Foi aplaudido, elogiado e ainda discursou no plená-



INSTAGRAM @JOSEDIRCEU

MENTIRA

Delúbio: empenho para mostrar que tudo foi uma grande conspiração contra o governo do PT



PEFEO LACERDA/OLYMPIA

rio. Também já anunciou que pretende voltar ao Parlamento em 2027, eleito como deputado ou senador.

É no mínimo curioso ter o ex-ministro como estrela de uma solenidade de celebração justamente da democracia. No julgamento do mensalão, Dirceu e os demais acusados foram chamados de “profanadores da

República”, expressão usada pelo ministro Celso de Mello, à época decano do Supremo, hoje aposentado. “Fui linchado publicamente sem direito a defesa, presunção da inocência e devido processo legal”, disse o ex-chefe da Casa Civil em nota enviada a VEJA. Em março, Dirceu comemorou 79 anos de idade. Na festa, realizada

NOVA CARREIRA

Cunha: lobby em Brasília e sucesso na advocacia após a volta do PT ao governo



DIVULGAÇÃO



em Brasília, compareceram nada menos do que treze ministros de Estado, o presidente da Câmara, Hugo Motta, além de dezenas de parlamentares. São poucos os políticos que podem exibir tamanho prestígio. Os convivas, aliás, saudavam Dirceu pela alcunha de “comandante”. Sob sua mentoria, segundo a acusação, forjavam-se contratos entre empresas privadas e órgãos públicos. O dinheiro desviado era usado para subornar os congressistas, financiar campanhas políticas, bancar o luxo e até as despesas mais comecinhas de alguns.

O ex-deputado João Paulo Cunha, por exemplo, todos os meses enviava sua esposa a uma agência bancária para sacar sua parcela do esquema. O dinheiro era usado, entre outras coisas, para pagar a conta da assinatura de TV. O parlamentar também

foi acusado de manipular uma licitação para beneficiar uma empresa de publicidade envolvida no escândalo. Condenado a seis anos e quatro meses de prisão, ele cumpriu a pena em regime semiaberto. Nesse período, aproveitou o tempo ocioso para cursar direito em uma faculdade particular. Formou-se em julho de 2015, mas a nova carreira só deslanchou mesmo em 2023, depois da posse de Lula. Cunha hoje é um profissional requisitado. Aos 66 anos, ele se tornou sócio de um conceituado escritório de advocacia que foi contratado na mesma época para cuidar das demandas da Previ, o bilionário fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, comandado pelos petistas.

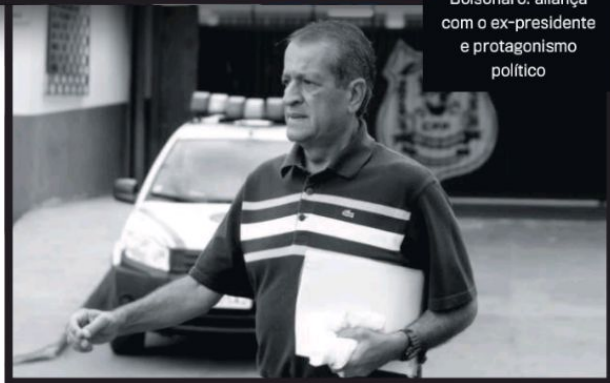
As portas abertas do governo ao ex-deputado ainda permitiram a atuação dele como lobista. Em janeiro deste

ano, ele pediu ao ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, para conhecer o comandante do Exército, general Tomás Paiva. O encontro foi marcado e o ex-dirigente petista apareceu acompanhado de empresários que queriam apresentar ao chefe militar um portfólio do grupo na área de combate a incêndios. O encontro não constou nas agendas oficiais. Até onde se sabe, a aproximação ainda não resultou na assinatura de nenhum contrato com o Exército. Em Brasília, uma agenda como essa é valiosíssima para quem pretende fazer negócios com o governo, mas também rende excelentes dividendos para quem consegue marcar.

Cunha e os demais envolvidos hoje tentam reescrever a história, como se o esquema de corrupção nunca tivesse ocorrido. Nesse esforço se destaca Delúbio Soares. Certa vez, ele disse que o mensalão seria lembrado como uma “piada de salão”. Não se sabe se ele estava minimizando o esquema diante de outras fraudes que viriam a ser descobertas depois ou se simplesmente tentava desqualificar o resultado das investigações. Condenado a seis anos e oito meses de prisão por corrupção, o ex-tesoureiro foi apontado como o elo entre o núcleo político e o núcleo financeiro do esquema. Com a volta do PT ao Planalto, Delúbio, aos 69



REABILITADO
Valdemar e
Bolsonaro: aliança
com o ex-presidente
e protagonismo
político



anos, se prepara para um voo ambicioso: uma candidatura a deputado federal. “Mister Simpatia”, como é chamado pelos colegas de partido, tem rodado o país desde o início do governo Lula para divulgar o conteúdo do livro que escreveu, no qual afirma, entre outras coisas, que o mensalão foi uma conspiração “concebida no exterior”. “Tanto no mensalão quanto na Lava-Jato os objetivos eram claros: depor Lula, depor Dilma, acabar com

o PT. Não conseguiram”, disse em nota enviada a VEJA. Ele, portanto, seria apenas vítima dessa trama.

O discurso no passado era bem diferente. Em 2005, ao eclodir o escândalo, Lula, em um pronunciamento em cadeia nacional, foi contundente: “Quero dizer a vocês, com toda a franqueza, que me sinto traído. Traído por práticas inaceitáveis das quais nunca tive conhecimento. Estou indignado pelas revelações que apare-

cem a cada dia e que chocam o país”. Com o tempo, no entanto, a indignação foi refluindo. Em fevereiro passado, durante o aniversário dos 45 anos do PT, ela refluíu de vez e o presidente fez uma defesa pública dos mensaleiros. “O Zé Dirceu sabe o que é ser vítima da mentira. Está aqui o companheiro Delúbio, que sabe o que é ser vítima da mentira”, disse, com a mesma convicção de antes. José Genoino não foi citado, mas também está nesse rol de vítimas. VEJA revelou que o ex-deputado havia assinado um contrato fictício de empréstimo para justificar a entrada dos recursos ilegais no caixa do partido. Condenado a quatro anos e oito meses de prisão, ele se mantinha recluso até a volta do PT ao poder. Hoje, aos 79 anos, não pensa em retornar à política, mas voltou à ativa como uma espécie de conselheiro. O ex-parlamentar já criticou, por exemplo, o que seria uma suposta aliança do presidente da República com o STF. “Isso é perigoso. Ele pode ter uma boa conversa com o Supremo, mas não deve ter ilusão, porque amanhã o Supremo pode dar o troco”, advertiu. A declaração sugere que o STF aceita conchavos e age movido por conveniências políticas, o que é uma insinuação grave. Professor da Fundação Perseu Abramo, entidade ligada ao PT, Genoino recebe uma aposentadoria de 32 000 reais da Câmara dos Deputados.

Nem todos os mensaleiros importantes foram reabilitados pelo governo petista. Dois deles renasceram antes. Condenado a sete anos e dez meses, o ex-deputado Valdemar Costa Neto manteve-se nas sombras até 2021, quando o então presidente Jair Bolsonaro decidiu se filiar ao PL. Foi a guinada à direita do cacique político que outrora caminhou ao lado de Lula e Dilma Rousseff e agora veste a camisa dos “patriotas” que condenam, entre outras coisas, a corrupção dos governos do PT. Para justificar a piraqueta,

BETO BARALDI/PL

JOEL ROQUES/FOLHAPRESS



DENUNCIANTE

Jefferson: queda,
ascensão e
nova queda
após revelar
o esquema



Valdemar jura que nunca pegou mesa-da em troca de votos e afirma que os milhões que recebeu diziam respeito a uma dívida do partido de Lula relativa à campanha de 2002 — nada de corrupção. Na época, o ex-deputado renunciou ao mandato e teve de se afastar do comando de seu partido — tudo enfrentado “sem lamentação”, como costuma rememorar. O tom muda ao comentar sobre a atuação do ministro do STF Joaquim Barbosa. Com palavras impublicáveis, ele já prometeu um dia desmascarar o relator do caso. Enquanto isso não acontece, Valdemar pilota um partido com 91 deputados, tem nas mãos um cofre bilionário e se empenha em manter o protagonismo em 2026.

O segundo resgatado foi Roberto Jefferson. Condenado a sete anos de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro, o ex-deputado perdeu o mandato depois de revelar o esquema e confessar que seu partido recebeu 4

milhões de reais. Após cumprir a pena, Jefferson voltou a comandar o PTB e, em 2018, se aliou a Jair Bolsonaro, passando a propagar o que havia de mais radical e treloucado na pregação bolsonarista: a posse de armas, a falta de credibilidade das urnas eletrônicas e os ataques ao STF. Em retribuição ao apoio político, o PTB foi contemplado com cargos no governo. Uma nova queda não tardou. Certo dia, o ex-deputado postou uma foto segurando

um fuzil e pediu para que o então presidente da República substituisse os onze ministros do Supremo. Investigado, em 2022, na véspera das eleições, ele teve a prisão preventiva decretada por incitar ataques a autoridades. Sentenciado a mais nove anos, Jefferson deve ficar em regime fechado até 2029. Seus advogados pediram autorização para que a pena seja cumprida em regime domiciliar, justificando que o ex-deputado está muito doente.

ANDRÉ CORREIA/AGÊNCIA O GLOBO



O JUIZ
Barbosa:
aposentado, ele
não descarta
candidatura
à Presidência

Maurício Marinho, o pivô do escândalo, é uma exceção. Ele sofre até hoje as consequências do que classifica como um “ato impensado”. O ex-chefe de departamento dos Correios tinha 27 anos de serviço quando viu a imagem dele embolsando o dinheiro sendo replicada milhares de vezes nos principais canais de televisão. Demitido, ele não conseguiu mais se recolocar no mercado de trabalho. Após o escândalo, abriu uma empresa de consultoria, mas os clientes não apareceram. Em 2013, foi contratado como professor de uma faculdade particular. Deu aulas de matemática até 2020, quando a instituição fechou as portas. Nos últimos vinte anos, Marinho respondeu a mais de vinte processos judiciais. O principal deles prescreveu há dois anos e acusava o ex-servidor de integrar uma organização criminosa que atuava nos Correios. Hoje, aos 72 anos, ele quase não sai de casa e se mantém com uma aposentadoria que, em 2020, estava em 4.600 reais. Nas redes sociais, apresenta-se como professor de raciocínio lógico-matemático (RLM) e posta mensagens religiosas e críticas ao governo Lula. Procurado por VEJA, não

quis se pronunciar. “Não me encham o saco”, limitou-se a dizer.

A verdade é que o mensalão foi o primeiro grande escândalo de corrupção a romper a tradição de impunidade dos poderosos. Joaquim Barbosa é o responsável por esse desfecho. Diligente, o ministro enfrentou críticas e driblou obstáculos que poderiam ter colocado todo o processo a perder. Ficaram na história, por exemplo, os calorosos embates entre ele e o revisor do caso, Ricardo Lewandowski, atual ministro da Justiça. Aposentado há onze anos, Barbosa hoje tem um escritório em São Paulo e não gosta de falar do passado. Seguro de sua atuação, limita-se a dizer, quando indagado, que se preparou por um ano e meio para o julgamento e escreveu pelo menos quatro vezes o voto que sacramentaria o destino de influentes nomes da política sem que houvesse lacunas para contestações ou reviravoltas judiciais — a exemplo do que aconteceu com a finada Operação Lava-Jato. Nas poucas vezes em que deixa escapar algum comentário dos tempos da toga, celebra o fato de o julgamento ter brechado a rouboalheira no país e lamenta a per-

cepção de que, duas décadas depois, a impunidade dos poderosos voltou ao imaginário das pessoas. “Os políticos estão mais ousados”, comentou, certa vez, a uma pessoa próxima.

Mesmo se mantendo distante dos holofotes, vez ou outra Joaquim Barbosa faz barulho. Odiado pelo PT, ele surpreendeu ao anunciar seu voto em Lula contra Jair Bolsonaro — um ser humano classificado por ele como “abjeto” e “desprezível”. Por essas e todas as outras, o ex-ministro enfrenta a ojeriza da classe política em geral, o que impõe barreiras à sua entrada nesse universo. Em 2018 ele se filiou ao PSB com a pretensão de disputar o Planalto, mas acabou boicotado dentro de seu próprio partido. No pleito seguinte, foi cortejado por outras legendas — o





ESCÂNDALO DO INSS AMEAÇA LULA

A crueldade da fraude coloca em risco a reeleição do presidente



O ACASO é presença constante na política. O apagão energético de 2001 e 2002 sepultou as chances de Fernando Henrique Cardoso emplacar seu sucessor. A pandemia da covid-19 colocou Jair Bolsonaro numa crise que lhe custou os votos essenciais para a reeleição. O escândalo do petróleo fragmentou parte da classe política e consolidou a polarização atual. Agora, é o escândalo das fraudes no INSS que expõe corrupção, clientelismo, corporativismo e incompetência no lado esquerdo do governo.

O tema certamente será um míssil político, capaz de prejudicar seriamente as perspectivas de reeleição do presidente Lula. No mínimo, alimentará intensamente o debate eleitoral e será explorado durante toda a campanha. A questão atinge diretamente um eleitorado crucial — pensionistas e aposentados — e provoca forte indignação entre eleitores menos engajados, chocados com a gravidade das fraudes.

Destaca-se o impacto viral do vídeo do deputado Nikolas Ferreira sobre o escândalo, com mais de 80 milhões de visualizações nas redes, ilustrando o potencial do tema para afetar significativamente a popularidade presidencial. Mexer com aposentados e pensionistas equivale a colocar a mão em um enorme vespeiro. Em um país com uma população cada vez mais envelhecida, muitos têm familiares ou conhecidos atingidos pela crueldade dessa fraude.

A crise do INSS, somada à demissão do ministro da Previdência Social, Carlos Lupi (PDT), aumentou consideravelmente o custo político da governabilidade. A bancada pedetista na Câmara dos Deputados rapidamente rompeu com o governo, fragilizando ainda mais

o apoio parlamentar ao presidente Lula, já que são dezessete deputados a menos. Para evitar uma CPI ou controlá-la caso venha a ser instalada, o custo do apoio político certamente subirá. Muitos aliados pensarão duas ou três vezes antes de embarcar nessa defesa custosa.

O anúncio recente da federação partidária entre PP, liderado por Ciro Nogueira, um bolsonarista convicto, e o União Brasil já sinalizou um possível desembarque. Em um momento sensível, com juros elevados, debates sobre reforma tributária, pressão crescente por anistia dos envolvidos nos atos de 8 de janeiro e dificuldades em avançar com

reformas estruturais, proteger o governo será caro e exigirá concessões significativas. É uma lembrança clara da máxima política de que “não existe almoço grátis”.

A situação causa grande incômodo para os presidentes da Câmara, Hugo Motta, e do Senado, Davi Alcolumbre. Ambos

estão sendo pressionados pelas redes sociais a instalar uma CPI. Como o Brasil que decide estará viajando nesta semana por conta de missões no exterior, o governo e as lideranças do Congresso terão um tempo para respirar. Mas a fogueira do escândalo continuará a arder.

O governo corre para ressarcir as vítimas das fraudes. A iniciativa — que é politicamente correta — não eliminará o desconforto do episódio e, ainda, terá repercussões fiscais sérias em um momento em que se discute a possibilidade de colapso fiscal em 2027. Por fim, para Lula e o governo, o escândalo — que poderia ter sido evitado — veio justamente na hora em que a queda de sua popularidade apresentava discreta recuperação. ■

“Mexer com aposentados e pensionistas equivale a colocar a mão em um enorme vespeiro”

ex-juiz Sergio Moro, por exemplo, lhe propôs uma chapa jurídica, na qual ocuparia a vice, mas a conversa acabou não prosperando. O projeto, ao que tudo indica, não foi sepultado. No início do ano, enquanto tomava um lanche em uma cafeteria, Barbosa foi abordado por um rapaz que se disse professor e lhe pediu um trocado para comprar comida. Ao se aproximar, o homem reconheceu o ex-ministro. “Se for o senhor mesmo, prazer em conhecê-lo.” Joaquim assentiu, lhe deu dinheiro e o aconselhou a voltar à sala de aula. O rapaz agradeceu e disse torcer para que o ex-ministro ingressasse na política. À sua maneira, Joaquim encerrou a conversa: “Vou pensar”. ■

IMAGEM ARRANHADA

Troca no Ministério das Mulheres mostra que a famosa foto da rampa no dia da posse para simbolizar um governo que investiria na diversidade ficou só na promessa **BRUNO CANIATO**

NO DIA 1º de janeiro de 2023, Lula subiu a rampa do Palácio do Planalto para iniciar seu terceiro mandato disposto a mandar uma mensagem sobre a cara que pretendia dar ao novo governo. Caminhou ao lado de cidadãos que, para ele, representavam a diversidade do povo: duas mulheres (uma cozinheira e uma catadora de papelão), uma criança negra, um operário, um professor, um homem com deficiência física e o cacique Raoni, então com 90 anos. Dali vieram ministérios inéditos, como o dos Povos Indígenas e o da Igualdade Racial, ou anabolizados, como os de Esporte, Cultura, Direitos Humanos e Mulheres — áreas que no governo Jair Bolsonaro tinham status de secretarias ou eram reunidas em uma única pasta. No comando das estruturas, Lula reforçou a ideia de representatividade: nomeou a primeira indígena ministra (Sonia Guajajara) e colocou um homem negro em Direitos Humanos (Silvio Almeida), uma mulher negra e periférica em Igualdade

Racial (Anielle Franco) e uma ex-jogadora de vôlei em Esporte (Ana Moser). Tudo parecia fazer sentido, mas, após mais da metade do mandato, as pastas não só têm resultados muito aquém do planejado, como em alguns casos vêm colecionando fiascos.

Um desses fracassos ganhou um novo capítulo na última segunda-feira, 5, quando o reconhecimento da insuficiência veio do próprio governo. “O presidente Lula quer ver as mulheres mais contentes e protegidas”, declarou a professora Márcia Lopes, após ser anunciada como a nova ministra das Mulheres. O discurso se assemelha ao adotado pela antecessora, Cida Gonçalves, quando assumiu a pasta em janeiro de 2023 — na ocasião, parafraseando Lula, ela afirmou que o Brasil não pode “continuar a conviver com a odiosa opressão imposta às mulheres”. Dois anos e meio depois, tanto a retórica do governo quanto os desafios na proteção às mulheres permanecem os mesmos. A ex-



RICARDO STUCKERT/FP

MARKETING O presidente em 2023 com representantes de estratos sociais: até agora, pouco a comemorar

titular entrega à sucessora a árdua tarefa de recuperar um ministério desgastado não só pela falta de resultados, mas também por evidências de má gestão e até por denúncias de assédio moral contra servidoras da pasta.

Os números oficiais indicam que o enfrentamento à violência de gênero pouco avançou neste mandato. Pior: os números subiram em relação às gestões de Bolsonaro e Michel Temer (veja o quadro abaixo), chegando a

TRÊS MÁIS NOTÍCIAS PARA LULA

Criação de pasta não trouxe os resultados esperados com o público feminino

FEMINICÍDIOS

NÚMEROS DE 2024 SUPERAM OS DOS GOVERNOS BOLSONARO E TEMER

2018 (Michel Temer)	1165
2019 (Jair Bolsonaro)	1327
2020 (Jair Bolsonaro)	1355
2021 (Jair Bolsonaro)	1357
2022 (Jair Bolsonaro)	1453
2023 (Lula)	1447
2024 (Lula)	1517

VIOLAÇÕES DE DIREITOS

INCLUEM AGRESSÕES FÍSICAS, PSICOLÓGICAS E FINANCEIRAS OU PATRIMONIAIS, NEGLIGÊNCIA E RESTRIÇÕES À LIBERDADE DE LOCOMOÇÃO, DE SEXO E DE RELIGIÃO, ENTRE OUTROS



RICARDO STUCKERT/PAI

TROCA Marcia Lopes (à dir.) substitui Cida Gonçalves (à esq.) no Ministério das Mulheres: popularidade em queda

bater um recorde em 2024, com 1 517 casos — dados que causam constrangimento para a gestão que investiu na promessa de “feminicídio zero”. As ocorrências de estupro chegaram a 73 798 vítimas no ano passado, 5,3% a mais que no último ano de Bolsonaro. Olhando para o orçamento da pasta, não é de se espantar que os resultados sejam tão aquém do esperado — entre 2023 e 2024, a verba foi de 467 milhões de reais, mas apenas 104 milhões de reais (22%) foram utilizados, sendo metade disso destinado ao pagamento de salários, benefícios e apo-

sentadorias, compra de computadores e campanhas publicitárias. Com o programa Mulher Viver Sem Violência, que previa investimentos de 222,8 milhões de reais, a pasta gastou irrisórios 13,5 milhões de reais nos últimos anos. Procurado por VEJA para esclarecer o baixo volume de investimentos, o ministério não se pronunciou.

Nos outros ministérios destinados a reforçar a imagem pretendida pelo governo, também não houve nenhuma grande notícia para apresentar. Em abril, milhares de indígenas fizeram um protesto em Brasília no qual dispa-

raram críticas à lentidão nas demarcações de terra, à insistente presença dos garimpeiros em suas terras — a despeito de Lula ter declarado “guerra” aos invasores no início de seu governo — e ao avanço do marco temporal (que só permite demarcar terras ocupadas pelos povos originários em 1988), apesar da posição contrária de Lula e de decisões do STF. Também em abril, Lula reencontrou Raoni, agora na aldeia Piaracu, no Parque do Xingu (MT), e ouviu críticas do líder caiapó que subiu com ele a rampa. Em agosto de 2024, em entrevista às Páginas Amarelas, de



Fontes: Ministério da Justiça e Segurança Pública; denúncias feitas ao Ministério dos Direitos Humanos; Pesquisa Quæst (27 a 31 de março de 2025, com 2 000 entrevistas e margem de erro de 2 pontos percentuais)

ÉRAMOS ONZE

Lula já demitiu quatro mulheres que começaram o governo com ele

SAÍRAM

ANA MOSER

SET/2023

TAMBÉM PARA AGRAÇAR AO CENTRÃO, LULA RIFOU A EX-MEDALHISTA OLÍMPICA DE VÔLEI E COLOCOU EM SEU LUGAR O DEPUTADO ANDRÉ FUFUCA (PP-MA)

DANIELA CARNEIRO

JUL/2023

SEM INFLUÊNCIA NA CÂMARA, A DEPUTADA DO UNIÃO BRASIL FOI TROCADA PELO COLEGA DE PARTIDO, CELSO SABINO, NO MINISTÉRIO DO TURISMO

NÍSIA TRINDADE

FEV/2025

EX-DIRIGENTE DA FIOCRUZ, ELA TAMBÉM FOI VÍTIMA DO FOGO CERRADO DO CENTRÃO E TERMINOU SUBSTITUÍDA NA SAÚDE POR ALEXANDRE PADILHA, QUE ERA ARTICULADOR POLÍTICO DO GOVERNO



VEJA, outro líder internacional dos povos originários, o escritor imortal Ailton Krenak, foi taxativo sobre o ministério criado por Lula. “Até agora não conseguiu dizer a que veio”, afirmou. No mês seguinte, mais de 100 representantes de três etnias fizeram um protesto no Museu Nacional, no Rio, e cobraram Lula e a ministra Sonia Gajajara por mais empenho na demarcação de terras. Presente, o petista disse que o esforço existe, culpou o Congresso pela lentidão e acrescentou como justificativa: “Sou a única vez que vocês chegaram à Presidência”.

MENOS UMA

Flávio Dino com Rosa Weber, a quem sucedeu no STF: dez homens em onze cadeiras na Corte

Pior do que não poder apresentar boas notícias, no entanto, é produzir fatos ruins para o governo. O mais chocante episódio ocorreu em setembro de 2024, quando o ministro dos Direitos Humanos, Silvío Almeida, foi demitido em meio a um grave escândalo de assédio sexual envolvendo a colega Anielle

Franco, da Igualdade Racial. Intelectual, negro, comprometido com as bandeiras de esquerda, a ruína de Almeida demoliu também qualquer iniciativa positiva que a pasta, agora com Macaé Evaristo, pudesse produzir. A situação pouco mudou no país. Em março deste ano, Mary Lawlor, relato-



TON MOLINA/OTODAREIA



SFRIO/IMAPF

ra especial da ONU, apresentou relatório sobre sua visita ao Brasil e informou, após conversar com 130 pessoas, que “defensores de direitos humanos enfrentam uma situação de risco generalizado no país, com ataques extremamente violentos, estando os grupos mais discriminados em maior perigo”. Na pasta chefiada por Anielle, o resultado não é melhor. Estudos feitos por Dieese, Movimento Todos pela Educação e FGV Direito mostraram recentemente que a desigualdade racial ainda afeta desde o mercado de trabalho à sala de aula, passando, claro, pela violência, área em que os negros seguem disparados como as maiores vítimas.

Não passa despercebido, tampouco, o tratamento dado por Lula às mulhe-



CLAUDE CASTRO/IMC

ESCÂNDALO Almeida e Anielle Franco: denúncia de assédio derrubou ministro

res. Das onze que assumiram ministérios no início (*veja o quadro à esq.*), quatro já foram demitidas, sendo duas delas para acomodar homens indicados pelo Centrão (Ana Moser e Daniela Carneiro) e uma por fogo cerrado desse mesmo bloco político (Nísia Trindade). O presidente também não pensou duas vezes ao demitir a presidente da Caixa Rita Serrano, servidora de carreira, para dar o cargo dela a um aliado do então presidente da Câmara, Arthur Lira. Outro movimento criticado foi a indicação de Flávio Dino para suceder Rosa Weber no Supremo, deixando a mais alta Corte do país com apenas uma mulher, Cármen Lúcia, entre as onze cadeiras. “Na política, o que vemos são mulheres forçadas a defender seus mandatos em espaços de onde são, sistematicamente, expulsas por não se conformar a um ideal masculino para o cargo”, diz Maira Liguori, diretora da ONG Think Olga.

Pesquisas recentes têm mostrado que a ineficácia nessas áreas em que Lula pretendia brilhar já impacta a avaliação de seu governo. Pesquisa Datafolha mostra que o apoio ao petista entre os pretos caiu de 43%, em março de 2023, para 29%, em fevereiro deste ano. Já levantamento da Quast de março aponta que a repro-

vação no eleitorado feminino chegou a 53%, superando a aprovação, de 43%. O movimento é relevante porque as mulheres ajudaram muito o petista a derrotar Bolsonaro. Na véspera do segundo turno, o Datafolha indicava que ele teria o apoio de 52% delas contra 41% do rival — o que foi decisivo numa eleição em que a diferença entre ambos foi de apenas 1,8 ponto percentual. Na campanha eleitoral, não faltaram declarações sobre a urgência de medidas para combater a violência de gênero. “Depois de quatro anos de uma Presidência marcada por retrocessos, as mulheres esperavam mais avanços concretos e menos luta para preservar os direitos que já conquistaram”, avalia Bárbara Libório, codiretora do Instituto AzMina.

O fato é que a nova ministra das Mulheres assume o cargo com os mesmos problemas deixados pela antecessora e menos tempo para solucioná-los. O desafio imediato é ajudar a melhorar a imagem do governo, arranhada pela ineficiência e por escândalos variados. Será um desafio e tanto, posto que movimentos do Palácio do Planalto andaram na direção contrária das promessas embutidas na famosa foto na subida da rampa do dia da posse de Lula. ■



RAPIDEZ Hugo Motta: sob regime de urgência, o presidente da Câmara levou à votação iniciativa que criou dezoito cadeiras

MUDANÇA NAS REGRAS

Do fim da reeleição à campanha em templos, passando pelo aumento de vagas para deputados, Congresso toca projetos que terão forte impacto nas eleições **ISABELLA ALONSO PANHO**

A **SESSÃO PLENÁRIA** da Câmara dos Deputados de terça-feira 6 foi um bom exemplo de como a classe política se move rápido quando seus interesses estão em jogo. O presidente da Casa, Hugo Motta (Republicanos-PB), reuniu os parlamentares em torno de uma pauta com mais de vinte projetos de lei. Porém, só um foi realmente analisado. Por volta das 20h, os deputados deram seu “sim” a um regime de urgência que lhes permitiu, menos de três horas depois, votar e aprovar, sem o aval de quaisquer comissões, uma proposta que cria dezoito cadeiras a mais na Casa (de 513 para 531) e gera um gasto de 65 milhões de reais por ano aos cofres públicos.

A maneira como se chegou a isso também é exemplar. Essa movimentação ocorreu para atender a uma decisão do Supremo Tribunal Federal de 2023, determinando que a Câmara ajuste sua quantidade de vagas por es-

tado ao Censo de 2022. O prazo concedido pela Corte foi junho de 2025, sob o risco de a Justiça assumir a questão e fixar a nova distribuição. Se a ordem fosse seguida à risca, alguns estados iriam ganhar cadeiras e outros, perder, entre eles colégios eleitorais importantes como Rio Grande do Sul, Bahia e Rio de Janeiro. Um projeto da deputada Dani Cunha (União Brasil-RJ) abriu as portas para evitar isso: segundo a proposta, quem tivesse de ganhar deputados ganharia, e quem tivesse de perder permaneceria como está. Na sessão, os colegas aprovaram ainda um substitutivo de Damião Feliciano (União Brasil-PB) que propunha uma “abordagem política” do problema, sugerindo dezoito novas vagas, e não treze, como estava no projeto inicial. “Precisamos decidir se vamos legislar ou se vamos dar um cheque para o Judiciário preencher essa conta para a gente pagar com os nossos mandatos”, disse Dani

Cunha, logo depois de questionar o Censo, que classificou como “malfeito” e “desordenado”. O resultado da votação mostrou a aderência desses argumentos entre os parlamentares.

A mudança que criou dezoito novas cadeiras de deputados é só mais uma entre tantas outras que vêm ganhando tração no Congresso em ano pré-eleitoral e que têm o interesse político como fio condutor. Entre as propostas em pauta estão a flexibilização das restrições para manifestar preferência de votos (até em igrejas), o uso de dinheiro público em pré-campanhas nas redes sociais, a desobrigação de partidos reservarem 30% de suas candidaturas para mulheres, o perdão para multas por descumprir cotas para negros e até o fim da reeleição, com a extensão de mandatos (*veja o quadro na pág. ao lado*). Com exceção da reeleição, que teria carência, tudo pode valer para 2026.



CRÍTICA Dani Cunha: deputada diz que é “malfeito” o Censo que tira vagas do Rio

Os “ajustes” nas regras para atender aos interesses da vez não chegam a ser novidade no Brasil. Desde a redemocratização, o país promoveu todo tipo de alteração, incluindo a aprovação da reeleição em 1997, a adoção do financiamento público de campanha em 2017 (o Fundo Eleitoral saltou de 1,7 bilhão de reais em 2018 para 4,9 bilhões de reais em 2024) e a criação de federações para evitar que partidos sem voto perdessem tempo de TV e dinheiro. Enquanto atuam para adequar a lei a seus interesses, os políticos fogem de outros temas, como combater o uso de fake news. A postura obriga o Tribunal Superior Eleitoral a baixar uma infinidade de resoluções para regular questões como campanhas digitais e uso de inteligência artificial. “Queremos uma lei mais perene, que traga mais estabilidade e que não seja só para as próximas eleições”, diz o senador Marcelo Castro (MDB-PI), relator da PEC que acaba com a reeleição. “As regras do jogo não podem mudar conforme o técnico”, acrescenta Eduardo Tavares, advogado eleitoralista e membro da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep).

Mesmo quando se trata de uma ideia que faz sentido ser debatida, co-

mo o fim da reeleição, sempre há um penduricalho. Na quarta-feira 7, a Comissão de Constituição de Justiça do Senado quase votou a proposta que acaba com a reeleição para o Executivo e expande os mandatos de prefeito, governador e presidente para cinco anos. Na esteira disso, os parlamentares também teriam seus mandatos aumentados para cinco anos (deputados) e dez anos (senadores), mas manteriam, claro, o direito a reeleições. Por fim, a análise da proposta acabou sendo adiada mais uma vez.

A reeleição, por sinal, é um bom exemplo de como medidas casuísticas podem virar um problema. O instituto, criado para reeleger Fernando Henrique Cardoso em 1998, mudou a política. Em 2024, alavancada pelo uso da máquina e por emendas parlamentares, a taxa chegou a 82%, a maior da história. Em 2020, o próprio FHC admitiu que não deveria ter patrocinado a mudança na lei para beneficiá-lo. “Historicamente foi um erro”, escreveu. A história também poderá mostrar que ajustar as regras do jogo para atender aqueles que estão disputando o jogo — e, pior, no afogadilho — talvez não seja uma boa ideia. ■

PROPOSTAS EM PAUTA

Mudanças incluem mais vagas na Câmara, perdão a multas e flexibilidade para campanhas

MAIS DEPUTADOS



Projeto aumenta de 513 para 531 o número de cadeiras parlamentares na Câmara

FIM DA REELEIÇÃO



PEC acaba com a reeleição a cargos do Executivo e aumenta os mandatos para cinco anos

CAMPANHA NO TEMPLO



Religiosos terão passe livre para falar em quem vão votar dentro dos locais de culto

PERDÃO PARA MULTAS



Anistia os partidos que foram autuados por descumprir as cotas para negros

COTA PARA MULHERES



Reserva 20% de vagas na Câmara, mas desobriga partidos de terem 30% de candidatas

PRÉ-CAMPANHA DIGITAL



Candidatos poderão usar até 10% dos gastos previstos para fazer pré-campanha nas redes

LIMITAÇÃO DE PESQUISAS



Institutos não poderão mais fazer sondagens pagas com os seus próprios recursos

CONTAS FLEXÍVEIS



Reservas de até 10% do valor total não impedem aprovação das prestações dos candidatos

Fonte: Congresso Nacional



PROBLEMA Pessoas aguardam em unidade médica: espera por consulta no SUS supera 5,7 milhões de pacientes

PLANO CONTRA FILAS

Com o apoio do governo, surge a ideia da criação de uma modalidade privada e popular de cobertura para consultas e exames que pode desafogar a rede pública **LAÍSA DALL'AGNOL**

SEGUNDO A ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), três em cada quatro brasileiros dependem do SUS para serviços médicos como consultas, exames e tratamentos. Isso explica a superlotação do serviço público: em janeiro, a fila para consultas era de 5,7 milhões de pessoas. Nesse cenário, uma proposta vem ganhando fôlego nos bastidores do governo Lula: a criação de uma espécie de plano de saúde de baixo custo, regulamentado pela ANS, com um mercado potencial de 50 milhões de brasileiros. A iniciativa, em fase de estudos, mas andando a passos largos na agência, pretende oferecer serviços básicos, como consultas e exames, sem a cobertura

de internações e tratamentos, a um preço fixo mensal mais acessível do que os modelos disponíveis no mercado. O objetivo é diminuir a fila de pacientes do SUS, liberando espaço para as camadas mais pobres da população. Esse novo modelo também permitiria a operadores privados tentar conquistar um vistoso mercado potencial de beneficiários da classe C.

Para entender o que está em jogo, é preciso analisar primeiro o xadrez político que envolve o tema. O atual ministro da Saúde, Alexandre Padilha, assumiu o posto há menos de dois meses com uma missão delegada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva: garantir uma marca ao governo na

área da saúde, algo que sua antecessora, Nísia Trindade, não foi capaz de fazer. A ideia maior é reduzir o tempo de espera de consultas, exames e cirurgias do SUS. Para isso, prometeu esforços para deslanchar o Mais Acesso a Especialistas, programa lançado no ano passado e que tem como meta, justamente, acelerar o acesso de pacientes às áreas mais demandadas no SUS: oftalmologia, cardiologia, ortopedia, oncologia e otorrinolaringologia. O que Padilha pretende é reformular o programa e apresentá-lo com diretrizes promissoras. Uma das pernas para diminuir a alta demanda, inclusive, seria a parceria com hospitais privados para aliviar a fila do SUS, al-

go que já foi avaliado por Lula, que está de olho na reeleição em 2026.

O plano de “baixo custo” complementaria o esforço de redução das filas do SUS no caso de consultas — por falta de nome melhor, ele foi batizado por ora de “Plano para consultas médicas estritamente eletivas e exames”. A ideia foi apresentada pela ANS e tem sido fortemente apoiada por operadoras de saúde, que querem comercializar o produto. O item já passou pela fase de consulta pública, encerrada em abril, e deverá ser implementado de forma experimental, no que é chamado de “sandbox regulatório”, assim que as áreas técnicas finalizarem o seu relatório. O documento precisa passar por avaliação conjunta com o Ministério da Saúde, exame jurídico da Procuradoria Federal junto à ANS e, uma vez formatada a proposta final, ela deve ser submetida à aprovação da Diretoria Colegiada da agência. Pessoas familiarizadas com o trâmite dizem que, apesar de uma ou outra resistência, a iniciativa, com a bênção de Lula e de Padilha, caminha para ser aprovada. Um dos pontos a serem afinados é a confirmação de Wadih Damous, ex-deputado do PT e aliado de Lula, à frente da ANS: ele aguarda ser sabatinado pelo Senado.

Há um outro motivo para a ANS defender a nova modalidade: fazer



MISSÃO Padilha: presidente pediu ao ministro para acelerar atendimentos

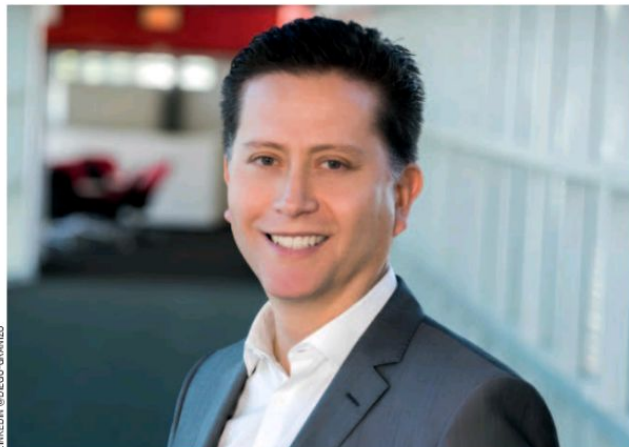
frente à expansão do mercado não regulado de serviços pós-pagos de cobertura médica, que é o caso de cartões de desconto e de clínicas populares. Esses serviços, hoje consumidos por cerca de 50 milhões de pessoas, sobretudo da classe C, são legais, mas não seguem regulamentação da agência. Já o plano estudado prevê um preço fixo na faixa de 100 reais mensais. Esse serviço deve atuar em concordância com as regras de cobertura da ANS e as diretrizes do SUS. Mais que isso, pleiteia ter uma integração maior público-privada, na qual o paciente obterá um diagnóstico pelo plano e, no caso de tratamentos mais

complexos, seria encaminhado à rede pública — caminho que hoje não é possível. “A ideia é oferecer uma opção de produto regulado, com segurança e garantia de cobertura para consultas eletivas de todas as especialidades e uma ampla lista de exames, muitos de alta complexidade, como colonoscopia, endoscopia, tomografia e ressonância magnética, biópsia, por um baixo custo mensal e sem limite de quantidade”, diz a ANS em nota enviada à redação de VEJA.

Embora ainda esteja a caminho da regulamentação, a iniciativa desperta algumas críticas, principalmente de institutos de defesa do consumidor, como o Idec. Esse instituto foi à Justiça contra a ANS questionando a legalidade da resolução que permitiu testar planos de saúde sem internação. Os problemas levantados na fase de consulta pública foram respondidos com a garantia de que eles serão resolvidos na fase de testes. É compreensível a preocupação com algo que vai impactar uma área sensível, mas não se pode obstruir a discussão e a experimentação, com as necessárias correções, se for o caso, de uma iniciativa que pode ajudar a melhorar o complexo e problemático sistema de saúde brasileiro. ■



ANÁLISE ANS: agência encerrou consulta pública e prepara fase experimental



LINKEDIN @DEGO-GRANIZO

CONFIANÇA Granizo, da Coca-Cola: aporte de 1 bilhão de reais em São Paulo

Mais refresco

A Coca-Cola está em busca de terrenos no interior paulista para instalar uma nova fábrica. A expectativa da companhia é escolher o local ainda em 2025 e iniciar as obras em 2026. O investimento previsto é de 1 bilhão de reais. "Achar terreno livre em São Paulo é um desafio", afirma **Diego Granizo**, diretor-geral da Coca-Cola no Brasil.

Muita sede

A Coca-Cola deve investir 7 bilhões de reais no Brasil ao longo deste ano, um aumento de 75% em relação ao valor desembolsado em 2024. O plano inclui a instalação e modernização de linhas de produção. "Se as condições continuarem favoráveis, vamos seguir investindo", garante Granizo.

Negociação na mesa

A Mobly, varejista de móveis e decoração, está em tratativas com Banco do Brasil, Santander e Bradesco para converter 600 milhões de reais em dívidas da Tok&Stok em participação acionária

no Grupo Toky, novo nome nascido a partir da fusão entre as duas empresas. As conversas, iniciadas em fevereiro, ainda estão longe de um desfecho.

Disputas na Justiça

A família Dubrule, fundadora da Tok&Stok, tenta retomar o controle da empresa, atualmente nas mãos do Grupo Toky, por meio de uma oferta pública de aquisição de ações. A proposta, contudo, foi rejeitada pelos acionistas minoritários. Antes dessa investida, os Dubrule recorreram a todos os caminhos possíveis: acionaram a Comissão de Valores Mobiliários e mobilizaram o Ministério Público. Procurada por VEJA, a família não quis se manifestar.

Mercado fechado

A futura Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, uma iniciativa do fundo Mubadala, de Abu Dhabi, não pretende trabalhar com a abertura de capital de empresas em um primeiro momento. O foco inicial da operação estará voltado para investimentos alternativos, como fundos de índices (ETFs) e derivativos

financeiros. A expectativa é que a nova bolsa comece a funcionar em julho.

Na espera

Responsável pela operação da nova bolsa, a empresa de tecnologia Americas Trading Group (ATG) aguarda o contexto econômico melhorar para atuar no mercado tradicional de ações. "Quando tivermos juros mais baixos, uma moeda mais valorizada e um cenário de crescimento econômico, as aberturas de capital devem retornar, e aí avaliaremos nossa entrada nesse segmento", afirma Cláudio Pracownik, presidente da ATG.

Saída estratégica

O Pátria Investimentos decidiu vender a SuperFrio, empresa de logística refrigerada avaliada em 1,5 bilhão de reais. Após adquirir os 15% restantes da sócia americana Americold, o fundo passou a deter o controle do negócio, mas agora mira uma saída em até dois anos.

Expansão global

A empresa brasileira de tecnologia FCamara vai ampliar a presença no exterior. No momento, negocia a compra de duas companhias nos Estados Unidos, em transações estimadas em 70 milhões de dólares. Há tratativas também para adquirir uma companhia polonesa por 100 milhões de dólares.

Aquisição doméstica

A FCamara também está em busca de aquisições no mercado brasileiro. Há uma negociação em andamento que poderá ser concluída por cerca de 70 milhões de reais. ■

OFERECIMENTO

KOVR seguradora

PARÁ LIDERA A REGULARIZAÇÃO DE TERRAS NA AMAZÔNIA

Com mais de 5 mil títulos entregues no primeiro trimestre de 2025, o estado avança como referência em regularização fundiária

O Pará vem se consolidando como referência nacional em governança fundiária, transformando a política de terras em um motor de inclusão social, desenvolvimento sustentável e combate à grilagem. Desde 2019, o Governo do Estado entregou mais de 37 mil títulos de terra, tornando-se o estado que mais promove regularização fundiária no Brasil.

Só no primeiro trimestre de 2025, foram mais de 5 mil títulos distribuídos, com processos de agilidade inédita – o investimento na modernização tecnológica permite que a emissão do título leve cerca de 40 dias.

O avanço é conduzido pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa), que atingiu uma média de mil títulos definitivos por mês. “Temos alcançado resultados inéditos. A regularização tem papel fundamental para atingirmos o desenvolvimento sustentável com segurança jurídica e territorial”, afirma Bruno Kono, presidente da instituição.

A ação se soma aos esforços voltados à proteção ambiental. O recente decreto que criou a Cota de Proteção Ambiental (CPA), permite que produtores e empresas adquiram junto ao Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Pará (Ideflor-Bio), cotas equivalentes a hectares de

áreas protegidas, contribuindo diretamente para o financiamento das Unidades de Conservação estaduais, sem burocracia.

De acordo com o Governador Helder Barbalho, essa força-tarefa é uma parceria do governo estadual com as prefeituras, fundamental para os resultados vistos. “Boa parte das terras regularizadas, em algum momento foram de propriedade do estado. A regularização proporciona segurança jurídica aos proprietários e a tranquilidade para investir em suas terras sem o risco de despejo”, afirma.

MOTOR DE INCLUSÃO E DESENVOLVIMENTO

A regularização fundiária no Pará vem rompendo com décadas de informalidade, ao transformar um desafio estrutural em oportunidade concreta de desenvolvimento, inclusão social e fortalecimento da produção sustentável. Com ações integradas entre estado e prefeituras, o governo tem garantido segurança jurídica para milhares de famílias, promovendo justiça social, acesso a crédito e valorização das cadeias produtivas locais.

“Sabemos o quanto é importante para o produtor ter segurança jurídica e acesso ao crédito para produzir cada vez mais. Isso for-

talece o nosso compromisso com a produção e o desenvolvimento do nosso estado”, afirma a vice-governadora Hana Ghassan.



REGULARIZAÇÃO QUE TRANSFORMA VIDAS

As ações do governo têm impacto direto na vida das famílias paraenses. Um exemplo é Pedro Marinho da Luz, agricultor de Castanhal, que aguardava pelo título definitivo de sua terra. Aos 58 anos, ele finalmente recebeu o documento no início deste ano. “Vim pegar um sonho. Até hoje não tinha conseguido um título e estou muito feliz”, conta.

Para ele, a regularização da propriedade traz não apenas segurança, mas também a possibilidade de melhorias na qualidade de vida da sua família.

UM FUTURO INCERTO

O novo aumento da Selic pelo Banco Central deixa em aberto se o ciclo de alta continua em face da persistência da inflação e em meio à instabilidade no cenário econômico global

FELIPE CARNEIRO E JULIANA ELIAS

Em dezembro do ano passado, ainda sob o comando de Roberto Campos Neto, os diretores do Banco Central alertaram que a taxa básica de juros precisaria subir de forma significativa para enfrentar a inflação elevada, a crise de confiança nas contas públicas e a disparada do dólar. Cinco meses depois, o cenário segue desafiador: os preços continuam avançando e não há sinais de que o governo reduzirá gastos para conter o déficit fiscal. Com o

Brasil ainda gastando mais do que arrecada, restou ao Comitê de Política Monetária (Copom), atualmente presidido por Gabriel Galípolo e composto por outros oito integrantes, aumentar novamente a dose do remédio. Na quarta-feira 7, a Selic, a taxa básica de juros da economia, subiu mais 0,5 ponto percentual, atingindo 14,75% ao ano, o maior nível em quase duas décadas. Trata-se de um dos ciclos de elevação mais intensos já promovidos pelo Copom — em novembro passado,

o índice estava em 11,25%. “O mercado de trabalho permanece superaquecido, especialmente no setor de serviços, e os preços dos alimentos continuam pressionando a inflação”, diz João Scanduzzi, estrategista-chefe do banco BTG Pactual. “A expectativa já era de alta, e é provável que os juros continuem subindo até o fim do ano.”

No cenário doméstico é realmente difícil achar algum indicador que tenha melhorado nos últimos meses. A dívida pública continua subindo e o

O SOBE E DESCE DOS JUROS

Desde o início do regime de metas para inflação, em 1999, a taxa Selic teve dez ciclos de altas

TAXA SELIC, EM PORCENTAGEM AO ANO





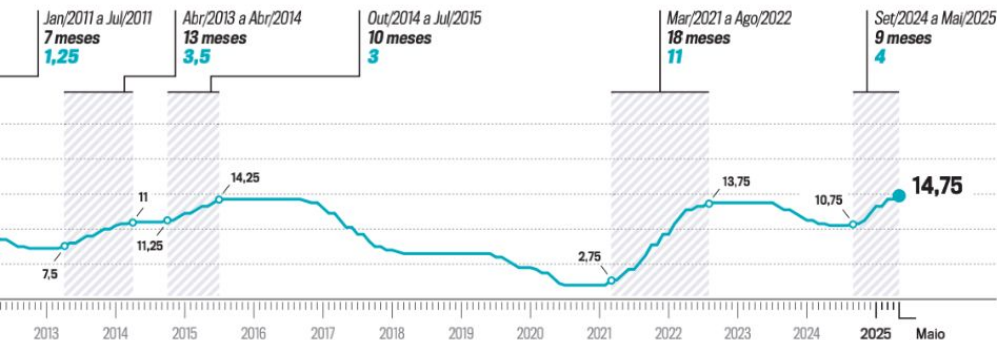
CRÍTICAS Gabriel Galípolo: o presidente do Banco Central já se tornou alvo de insatisfação de uma ala do PT

governo nem tenta se mostrar comprometido a dar soluções estruturais a ela. Em março, o IPCA, índice oficial de preços, acelerou para 5,5% no acumulado em doze meses, confirmando uma rota na direção oposta de onde deveria estar — o centro da meta é 3% —, sem nenhuma mudança nos fatores que empurram o dado para cima. A nota oficial que acompanhou a deci-

são do Copom menciona a necessidade de manter a atenção aos fatores que puxam a inflação para cima e inclui uma nova preocupação na fórmula: a mudança no cenário externo.

A guerra tarifária iniciada em abril pelo presidente americano, Donald Trump, gerou incertezas que bagunçaram o comércio e a economia globais. Dias depois de seu tarifação,

diante de uma queda brutal das bolsas de valores e até dos tradicionalmente seguros títulos da dívida pública americana, Trump abriu exceções para alguns setores, mas dobrou a aposta no protecionismo contra a China. As decisões erráticas assustaram os investidores. Ameaças de interferir no Fed (o equivalente americano ao Banco Central), somadas a



Fonte: Banco Central



LIESA JOHANNISSEN/GETTY IMAGES

NOVA DIREÇÃO Lagarde: cenário desinflacionário na Zona do Euro

falas sobre anexação do Canadá e da Groenlândia, o descumprimento de uma decisão da Suprema Corte e até a prisão de uma juíza trouxeram uma insegurança tão grande que o dólar despencou frente à maioria das moedas — incluindo o real.

O cenário pouco usual da economia americana coloca o Fed em situação difícil. Jerome Powell, chefe do banco central americano, tem diante de si uma inflação alta com sinais de desaceleração econômica. Se aumentar os juros, piora a taxa de desemprego. Se baixar, aumenta os preços. No mesmo dia do anúncio da Selic, o Fed optou por esperar e manteve sua taxa entre 4,25% e 4,5%. “É um componente de risco novo, comum em países como o Brasil, mas com o qual os Estados Unidos não estão acostumados”, afirma Drausio Giacomelli, estrategista-chefe para mercados emergentes do Deutsche Bank. “Normalmente, quando os investidores ficam com medo, eles correm para o dólar, e não é o que está acontecendo desta vez.”

Powell manteve a linha técnica do Fed mesmo debaixo do crescente fogo cruzado de Trump. “Atrasado demais” Jerome Powell é um TOLO, que não tem a menor ideia. Fora isso, eu

gosto muito dele!”, escreveu Trump em sua plataforma de mídia social na quinta-feira 8. Devido ao atual ciclo de alta da Selic iniciado sob a gestão de Roberto Campos Neto, o Banco Central passou a sofrer constante pressão de Lula e do PT. Com a chegada de Galípolo, nomeado pelo pre-

PRÓS E CONTRAS

Os principais impactos do dólar mais barato para o Brasil



BENEFÍCIOS:

INFLAÇÃO E JUROS

MAIS BAIXOS

INSUMOS IMPORTADOS

MAIS BARATOS

ALÍVIO ÀS DÍVIDAS

DAS EMPRESAS



PROBLEMAS:

QUEDA NAS EXPORTAÇÕES

PIORA DA BALANÇA

COMERCIAL

Menor competitividade

DA INDÚSTRIA



JAMIE KELLER/DAVIDSON/GETTY IMAGES

DILEMA Powell: elevar juro para domar a inflação ou baixá-lo para evitar recessão?

sidente, havia a esperança dentro do Palácio do Planalto de que a direção do BC adotaria uma linha distinta. Prevalece ainda no PT a visão equivocada de que é preciso gerar crescimento de qualquer forma, mesmo à custa do aumento da inflação. Quem achou que Galípolo não atuaria de forma independente certamente está se decepcionando — ganha assim o Brasil. Não faltam argumentos fortes para manter o remédio amargo: com inflação alta e empregos e salários com força, elevam-se os juros para desacelerar a economia.

A briga contra a inflação é dura e demanda grande esforço do BC. De acordo com a expectativa da autoridade monetária, o IPCA chegará a 4,8% em 2025 (ainda acima do teto da meta) e a 3,6% no fim de 2026. Há alguns meses, a alta do dólar pressionou bastante o índice. Agora, com a moeda americana em baixa, espere-se o efeito contrário. Dólar mais fraco significa baixa nos preços de importados, em geral, e de alimentos no mercado interno. A safra brasileira de grãos em 2025, que deve alcançar patamar recorde, é outro fator que pode trazer alívio aos aumentos de preços no país. “Apesar de o Brasil



A VINGANÇA DE TOCQUEVILLE

Inspirada no pensador francês, uma síntese de setenta anos do Brasil

ainda estar com todos os indicadores para empurrar a inflação para cima, o cenário externo está desinflacionário, o que nos ajuda a controlar os preços”, diz Luciana Ribeiro, estrategista-chefe do banco Itaú BBA. Os seguidos cortes de juros pelo Banco Central Europeu, comandado por Christine Lagarde, ajudam a sustentar a mesma percepção.

Por uma série de fatores, essa visão mais otimista a respeito do futuro da inflação no Brasil não é preponderante entre os economistas e analistas de mercado. A queda do dólar, por exemplo, é um fator relativizado por vários especialistas. A moeda americana está enfraquecendo devido a um risco político maior nos Estados Unidos, uma perspectiva de crescimento global menor e comércio internacional e fluxos de capital mais fracos. Trata-se, portanto, de uma trégua com data de expiração.

Os problemas domésticos continuam precisando de solução. No Brasil, onde já era esperada uma desaceleração para este ano, economia e comércio mais fracos no mundo também não ajudam em nada. Entre os mais pessimistas, há até economistas que acreditam que o país pode ter algum trimestre com crescimento zero ou ligeiramente negativo na segunda metade deste ano. “Um dólar mais enfraquecido certamente ajuda”, afirma Sérgio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados. “Mas ainda temos uma taxa de câmbio muito elevada e com um problema fiscal que está longe de estar resolvido. Continua sendo um cenário nublado.” Nada mais natural, portanto, que a palavra-chave do comunicado da recente reunião do Copom tenha sido “cautela”. ■

ALEXIS DE TOCQUEVILLE (1805-1859) foi um pensador político e historiador francês que se tornou célebre por suas análises sobre a Revolução Francesa. É lembrado, todavia, pelo livro clássico em que analisou a democracia nos EUA, *Democracia na América*. Tocqueville admirava as instituições representativas americanas e o poder da imprensa. Previu que o país se tornaria uma grande potência.

Fabio Giambiagi, incansável coordenador de 39 excelentes coletâneas sobre temas econômicos e autor de cinco obras pessoais, recorreu a Alexis de Tocqueville para a epígrafe do último capítulo de sua nova obra, cujo título é o mesmo deste artigo: “É preciso que os governantes se apliquem em dar aos homens esse gosto pelo futuro e, sem o dizer, ensinem a cada dia aos cidadãos que a riqueza, o renome, o poder são o preço do trabalho, que os grandes triunfos se encontram situados ao cabo dos longos desejos e que nada se obtém de durável senão aquilo que se adquire com dificuldade”.

A frase de Tocqueville inspirou Fabio Giambiagi a “explicar como o Brasil chegou até aqui, aos trancos e barrancos, com os pontos positivos e negativos da nossa realidade, e sempre, na medida do possível, enfatizando o contraste entre aquilo que era feito e aquilo que seria necessário fazer”. Giambiagi cumpriu brilhantemente esse propósito. É uma das melhores, se não a melhor, descrição dos números e fatos de nossa trajetória.

Aqui e acolá, fez comentários sobre eventos políticos, incluindo a longa lista de barbaridades cometidas por Bol-

sonaro quando governou o país. Reconhece os acertos do ministro da Economia, Paulo Guedes, mas critica suas análises anteriores à assunção do cargo e sua tese de então sobre “40 anos de fracasso da social-democracia”. Sustenta que Guedes recorreu a um “truque” na argumentação utilizada para chegar a essa conclusão. Sobre os governos do PT, alterna elogios a políticas sociais e ambientais com críticas à condução da política econômica, particularmente às desastrosas intervenções do governo Dilma Rousseff. Desmente, com base em dados irrefutáveis, a “suposta

(e falsa) tese” de que Lula havia recebido uma “herança maldita” de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso, cujo governo é bem avaliado.

As conclusões sobre os governos do PT e de Bolsonaro desmentem as teses “es-

catológicas” de Bolsonaro e as jogadas de marketing rasteiro dos presidentes filiados ao PT ao se referirem a seus antecessores. Mas a obra é, na verdade, uma poderosa análise dos últimos mais de setenta anos de evolução da economia brasileira, incluindo os avanços institucionais que fizeram um Brasil melhor e os equívocos que criaram armadilhas para o futuro, como é o caso da generosidade da Previdência e da insustentabilidade fiscal, temas em que ele é um de nossos melhores especialistas. E não faltou a análise do desafio demográfico, o qual impõe ao país a necessidade de reformas para aumentar a produtividade, se quisermos voltar a crescer mais do que nos tempos recentes. A leitura é altamente recomendável. ■

“A obra traz avanços institucionais que fizeram um país melhor e erros que criaram armadilhas para o futuro”

VIA MINGVANCHINA NEWS SERVICE/GETTY IMAGES



EM TRANSIÇÃO Usina solar em Haikou: a potência asiática investe cada vez mais em fontes renováveis de energia

O DRAGÃO VERDE

A seis meses da COP30, a China, maior poluidora do planeta, faz promessa inédita de reduzir as emissões de poluentes em todos os setores da economia **ERNESTO NEVES**

O **CENÁRIO** internacional não poderia ser mais desafiador para a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP30), marcada para novembro em Belém, no Pará. Sob o negacionismo climático do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a Casa Branca tem desfeito tratados cruciais, incluindo o Acordo de Paris, base da transição verde global. Ciente dos desafios monumentais que o evento exigirá, o Brasil intensificou seus esforços diplomáticos para preservar o engajamento internacional. Uma notícia relevante, divulgada no mês passado, pode ajudar — e muito. Durante uma reunião virtual de líderes, o presidente da China, Xi Jinping, fez um anúncio inédito: o país asiático, maior emissor de gases causadores do efeito estufa do

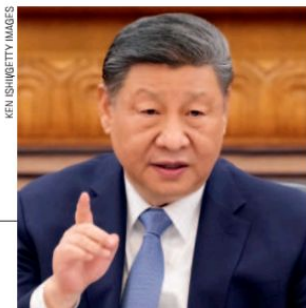
planeta, se comprometeu a estender suas metas de descarbonização para todos os setores da economia.

Se a promessa realmente sair do papel, teremos uma formidável guinada de comportamento. Nos últimos anos, a China seguiu na contramão das principais economias desenvolvidas. Líderes das emissões globais de gases de efeito estufa, elas assumiram a responsabilidade de frear o avanço do aquecimento global. Enquanto isso, com a industrialização acelerada e a constru-

ção de mais de 1000 usinas termelétricas movidas a carvão mineral para atender à crescente demanda energética, a China viu suas emissões dispararem. Atualmente, o país responde por 30% dos poluentes lançados na atmosfera, liderando o ranking mundial. De vilã climática, contudo, a China tenta agora se reposicionar: o governo prometeu reduzir em 65% as emissões de gases até 2035 e alcançar a neutralidade de carbono até 2060. “Os esforços substanciais do país estão começando a dar frutos”, diz Xunpeng Shi, diretor da International Society for Energy Transition Studies, da Austrália.

Há mesmo motivos para acreditar na promessa de uma “China verde”.

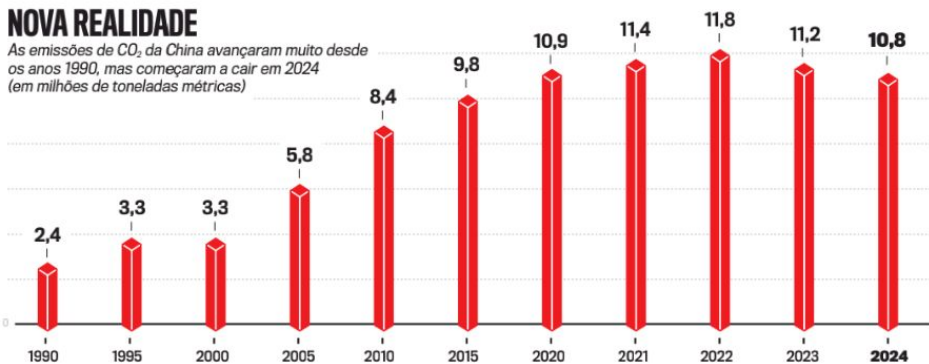
LIDERANÇA Xi Jinping: metas ambiciosas de descarbonização



KEN SHWORTHY IMAGES

NOVA REALIDADE

As emissões de CO₂ da China avançaram muito desde os anos 1990, mas começaram a cair em 2024 (em milhões de toneladas métricas)



Fonte: Banco Mundial, Emissions Database for Global Atmospheric Research



NA TOMADA Ônibus elétricos em Pequim: resultados da política já são visíveis

Impulsionadas por subsídios estatais e por uma acirrada competição doméstica, as empresas locais desenvolveram métodos eficientes para a produção de painéis solares, turbinas eólicas, baterias e veículos elétricos. O resultado é que o país hoje ocupa a dianteira global nesses setores estratégicos. Além disso, a China tem desempenhado papel crucial na descarbonização da matriz elétrica, do transporte terrestre e de diversas cadeias industriais. De acordo com um relatório recente do instituto americano Global Energy Monitor (GEM), quase dois terços das grandes usinas eólicas e solares em construção no mundo estão em território chinês. “O país passou a se preocupar com a

questão ambiental não apenas para melhorar a qualidade do ar em suas cidades, mas também por razões econômicas”, afirma Frank-Jürgen Richter, fundador do centro de estudos Horasis, com sede na Suíça, e ex-diretor do Fórum Econômico Mundial. “Os chineses entenderam que, se continuassem produzindo da forma antiga, perderiam acesso aos principais mercados internacionais.”

Dados divulgados recentemente pelo Escritório Nacional de Estatísticas da China revelam os primeiros sinais concretos da guinada rumo à economia de baixo carbono. Nos dez pri-

meiros meses de 2024, as emissões do país ficaram abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior (veja o quadro acima), o que é reflexo direto da expansão recorde na geração de energia limpa. Apesar do avanço, especialistas alertam que os próximos capítulos da transição para a economia verde serão mais desafiadores.

Sectores como a produção de cimento, a indústria química e a siderurgia dependem de fornos de altas temperaturas para funcionar, e hoje a queima de combustíveis fósseis é a principal fonte de calor para esses processos. O mesmo vale para modais de difícil eletrificação, como a aviação e o transporte marítimo de longa distância, que enfrentam limitações técnicas para operar com baterias. Descarbonizar essas áreas exigirá inovação em larga escala e o desenvolvimento de soluções tecnológicas. “Apesar do otimismo, há pouca clareza sobre quais caminhos o governo chinês pretende seguir”, afirma Lauri Myllyvirta, pesquisador do Centre for Research on Energy and Clean Air, da Finlândia. Esses gargalos colocarão à prova a capacidade de os chineses tornarem, de fato, sua economia mais verde. ■

PATROCÍNIO



ELE É QUE MANDA

Um recente acordo entre ucranianos e americanos melhorou um pouco o horizonte para Zelensky, mas não é nem de longe suficiente para colocá-lo em pé de igualdade com Putin, o poderoso presidente russo, que é quem dá as cartas na guerra

AMANDA PÉCHY

A primeira vista, o acordo recém-selado entre Washington e Kiev parece trazer a Ucrânia de volta ao jogo na guerra em que só vem apanhando dos russos. Mas não é bem assim que a banda anda tocando em Kiev. Ficou acertado entre os presidentes Volodymyr Zelensky e Donald Trump que os ucranianos vão ceder parte de seu rico solo em minerais para a exploração dos Estados Unidos, que, em troca, ajudará com um fundo no qual serão depositados recursos para a reconstrução da nação devastada por três anos de conflito. O que de essencial faltou à mesa foi a garantia de que os americanos seguirão protegendo o aliado. Era o melhor tratado possível para Zelensky, mas longe do suficiente para alçá-lo a um novo patamar no duelo que tem deixado o próprio Trump sem cartas na manga para cumprir uma promessa ainda da campanha — encerrar o embate entre os dois países “em 24 horas” —, o que, premido pelas circunstâncias, já disse ter sido “brincadeira”.

A verdade é que quem vem mesmo dominando o belicoso tabuleiro não é

Zelensky nem tampouco seu par americano, mas Vladimir Putin, o presidente da Rússia, que não para de bombardear o vizinho, apesar das sucessivas movimentações de Trump por um cessar-fogo. Nesse intrincado cenário, soou como afronta a determinação russa de paralisar o conflito por apenas três dias, no lugar dos trinta propostos pelos Estados Unidos, durante o feriadão em que Moscou celebra a vitória sobre a Alemanha nazista na Segunda Guerra, entre 8 e 10 de maio. Putin vai aproveitar a ocasião, aliás, para dar uma demonstração de que não está isolado — ele armou uma grandiosa cerimônia para receber líderes de toda parte, entre eles o chinês Xi Jinping e o presidente Lula.

Uma trégua mais esticada, avisou o Kremlin, só se houver flexibilização nas sanções impostas por americanos e europeus. Como esperado, Kiev rechaçou a ideia e, para deixar claro seu descontentamento, vem lançando drones contra a capital russa em ato de teor mais simbólico do que destrutivo. Depois de aproximar-se de Putin — e mais tarde mudar o vento em prol de Zelensky, a quem chegou a humi-

DITANDO O RITMO

Putin: apesar do empenho de Trump, ele arrasta o conflito quanto pode

lhar em pleno Salão Oval ao lado de seu vice, JD Vance (leia a reportagem na pág. 56) —, Trump resolveu temporizar por ora: “Não parece, mas três dias é muito se vocês soubessem de onde partimos”, disse.

A tática cada vez mais evidente de Putin é justamente arrastar a conversa, bem como intensificar o conflito, para obter o máximo de ganhos possível. Desde o início das tratativas para pôr fim à guerra, ordenou alguns dos ataques mais mortais de toda a invasão. Um míssil balístico chegou a atingir um playground na cidade natal de Zelensky, Kryvyi Rih, matando dezenove pessoas, nove delas crianças. Em 13 de abril, no Domingo de Ramos, disparos contra a cidade de Sumy deixaram mais dezenas de mortos. De acordo com a ONU, o número de vítimas ucranianas escalou: no mês passado, 848 civis foram mortos ou feridos, um salto de 46% em relação ao ano anterior. “As tendências positivas no campo de batalha permitem paciência estratégica, e Putin está mais forte e confiante do que nunca”, avalia Alyona Nevmerzhytska, CEO da *Hromadske*, veículo independente da Ucrânia.



KREMLIN/PUTIN/AFAP



FRANCE

ACORDO Zelensky e Bessent: pacto pelos minerais aproxima os dois países

Em seus cálculos, o presidente russo conta com a boa vontade de Trump, que anda de olho em um pacto com o Kremlin que incluiria cooperação na produção de petróleo, exportações de gás natural liquefeito e a contenção do Irã, um inimigo comum. “Quem não quer ver o mundo assim?”, disse Steve Witkoff, o enviado especial dos Estados Unidos que vem tratando com o próprio Putin. Até aqui, Washington já deu o aval a muito do

que o líder russo exige — o fim da guerra brindaria Moscou com o reconhecimento da anexação da Crimeia (península ucraniana que tomou em 2014) e com a promessa de que a Ucrânia jamais ingressará na Otan, a aliança militar de americanos e europeus, além da suspensão das sanções sem nenhuma espécie de condicionalidade. Confortável, Putin espera para ver se ainda garante a anexação definitiva de 20% do território ucr-

niano que já abocanhou, bem como a imposição de limites ao tamanho do Exército do vizinho.

Na ocasião da assinatura do acordo que dará aos Estados Unidos acesso privilegiado aos minerais de terras raras da Ucrânia, assunto sobre o qual Zelensky já havia conversado com o secretário do Tesouro americano Scott Bessent, não houve nenhum acordo de contrapartida para Kiev nas negociações que podem levar ao fim do arrastado conflito. O que os ucranianos ganharam agora — aí, sim — foi uma maior aproximação com os Estados Unidos, já que o pacto dos minerais une ambos no longo prazo. “A exploração pode durar anos, o que conecta os interesses dos dois países por muito tempo”, analisa Matthew Kroenig, do centro de pesquisas Atlantic Council. No palco mais imediato da guerra, porém, a Ucrânia segue pensando com sua frágil posição militar.

Mesmo sem avançar nas costuras pela paz, Trump não parece nem perto de jogar a toalha, como alardeou. “Ele quer ser lembrado como um pacificador e se eternizar na história a qualquer custo”, observa Emily Ferris, do think tank de segurança e defesa RUSI. Os Estados Unidos, na verdade, contavam com uma Rússia sufocada economicamente. O plano aí seria instaurar um troca-troca prometendo, por exemplo, a reabertura dos gasodutos Nord Stream, artéria crucial de envio de combustível da Rússia à Europa, para chegar ao cessar-fogo. Não deu, pelo menos até agora. Nos últimos três anos, o chefe do Kremlin construiu um sistema financeiro adaptado a tempos de guerra, que resiste mesmo sob o severo bloqueio internacional, e aprofundou laços com parceiros como a China — tudo sem precisar lidar com a pressão popular característica de uma democracia liberal, o que a Rússia não é. Como se vê, no jogo de quem pisca primeiro, a vantagem está com Putin. ■

O PRÍNCIPE HERDEIRO

O vice americano, JD Vance, não perde oportunidade de atrair holofotes e, já de olho na sucessão do chefe, se posiciona como radical porta-voz do trumpismo **CAIO SAAD**

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE na história dos Estados Unidos, e mais tarde o segundo no rol dos presidentes, John Adams (1735-1826) demoliu o próprio posto de número 2 ao dizer: “É o ofício mais insignificante que a imaginação do homem já concebeu”. Não foi o único a reduzir o tamanho da cadeira. Tempos depois, Theodore Roosevelt (1858-1919), outro que experimentou os dissabores do cargo, afirmou que “preferia ser qualquer coisa, um professor de história, a ser vice-presidente”. Em sua temporada na Number One Observatory Circle, a residência oficial dos vices americanos, em Washington, o atual ocupante da função, JD Vance, já demonstrou querer espantar a irrelevância e não ficar à sombra de Donald Trump, que tem nas mãos o leme da Casa Branca e nenhum pendor para fazer qualquer um à sua volta brilhar.

Em relação a seus antecessores, o ex-fuzileiro naval que trilhou bem-sucedida carreira no Vale do Silício, a meca californiana da tecnologia, acabou de ganhar uma vantagem inédita: tornou-se também tesoureiro do Partido Republicano, controlando agora o cofre da sigla e assumindo papel central na escolha dos candidatos nas próximas eleições legislativas, que se prometem acirradas em meio a um polarizado cenário político. As ambições de Vance não são poucas. A aliados já falou que seu sonho é a Presidência em 2028, para preencher a vaga republicana que Trump bem que queria que fosse dele, em flagrante desafio à lei, mas, a confiar na solidez das instituições, não será.

Na segunda-feira 5, o próprio Trump falou, em entrevista, que considera seu vice um possível sucessor, embora



RON SACHS/GETTY IMAGES

A MESMA LÍNGUA Vance com Trump: antes crítico ferenho, agora aliado fiel

seja “muito cedo para dizer”. Aos 40 anos e novato na política, arena em que entrou apenas em 2022, como senador de Ohio, Vance tem a seu favor o fato de ser hoje a única voz, além do chefe, realmente audível do trumpismo — um movimento sem expoentes. No xadrez do poder, vem atuando como a figura que dispara aberrações sem filtros, poupando Trump de verbalizar algumas delas. “Ele é leal ao presidente. Sabe que não deve ofuscá-lo e age como um cão que não só protege, mas também ataca”, avalia o especialista Matt Dallek, da Universidade de George Washington.

Muitos episódios guindaram o nome de Vance do anonimato a certa fa-

ma (nem tão boa assim), sobretudo por atropelar pilares já bem estabelecidos da geopolítica moderna. Coube a ele, por exemplo, a missão de afirmar em frente a uma plateia de olhos arregalados que Washington não considerava mais a Rússia de Vladimir Putin a maior ameaça à segurança na Europa e ainda tratou de inverter a equação: o principal inimigo dos europeus seriam, segundo Vance, eles próprios, “ao atacarem a liberdade de expressão” — uma referência à regulamentação das redes, que ele repudiava, tal qual Trump. Depois, em um episódio que muitos estudiosos de peso consideraram o mais embaraçoso na história da diplomacia americana,



VILMA GRYZINSKI

IMIGRAÇÃO INCITA GUINADAS

As consequências políticas dos grandes deslocamentos se desdobram

o vice foi peça vital na série de humilhações às quais o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, foi submetido em pleno Salão Oval, quando o que estava à mesa era o apoio dos Estados Unidos na guerra contra os russos. “Diga algumas palavras de apreço aos Estados Unidos da América e ao presidente, que está tentando salvar seu país”, provocou Vance.

Com um carimbo de advogado pela Universidade Yale, que gosta de exibir em sua tentativa de se revestir de verniz, casado com uma filha de imigrantes indianos e pai de três filhinhos, ele é autor de um livro adaptado para o cinema, *Era uma Vez um Sonho*, em que expõe a dependência química da mãe num lar em que faltava dinheiro e fala de quando serviu nas Forças Armadas durante a invasão americana no Iraque. Mais tarde, fez fortuna no Vale do Silício, sem, como ele diz, perder contato com a “América profunda” — sua plataforma maior. No passado, Vance não gostava de Trump e não escondia isso (comparou-o certa vez a Adolf Hitler), mas foi só ele ascender para trocar de lado. No último domingo de Páscoa, o vice que se converteu ao catolicismo esteve com o papa Francisco um dia antes de o pontífice falecer. Os dois já haviam travado um embate em torno da questão da imigração no qual, em uma mal-sucedida tentativa de defender o cerco a estrangeiros em seu país, Vance evocou até Santo Agostinho. Francisco não demorou a tratar do assunto com seu rebatimento, rebatendo a ideia com veemência. Por ora, o vice, assim como o chefe, patina na aprovação dos americanos. Mas Vance sabe que o jogo, para o bem ou para mal, está só começando. ■

QUAL A ATITUDE humana, ética, correta, inteligente que a questão da imigração deve provocar? Como cabia a um líder católico, com o imperativo religioso de zelar pelos mais vulneráveis, o papa Francisco condenou a “globalização da indiferença” diante do fenômeno e chegou a dizer, numa indireta para Donald Trump, que quem erguia muros “não é cristão”. Faltou ao papa argentino a capacidade de ver o lado contrário, o dos habitantes de países que subitamente se veem submergidos em números insustentáveis. Um exemplo, entre tantos: cidadezinhas do interior da Inglaterra onde o governo paga hotéis de turismo para hospedar várias centenas de estrangeiros que chegam ilegalmente, mas têm o direito de pedir asilo, garantido por estatutos europeus. São homens jovens, vindos majoritariamente de países como Afeganistão, Irã, Síria, Sudão. Muitos já chegam com o esquema armado para trabalhar como entre-

gadores por bicicleta, atividade em que podem ganhar 500 libras por semana. É desse dinheiro que sairá o pagamento para os traficantes que os colocaram em barcos de borracha para atravessar o Canal da Mancha. Qual a força humanamente aceitável capaz de impedir que um afegão, vindo de um país com 415 dólares de renda per capita anual, ganhe o equivalente a 16.000 reais por mês? Não existe.

Como também não existe apelo em nome da compaixão que impeça uma boa parte do eleitorado de votar em candidatos que prometem controlar a maré humana. Foi esse um dos principais motivos da eleição de Trump — e ele correspondeu plenamente, com métodos duros e até legalmente discutíveis, mas efetivos. Pagar 1.000 dólares para quem se dispuser a ir embora é a última novidade. A fronteira com o Mé-

xico hoje está vazia. A encenação repressiva não corresponde aos números reais de deportações, mas foi suficiente para funcionar como fator de intimidação. E os adversários democratas foram empurrados para posições desconfortáveis, como defender a causa de Kilmar Ábrego García, um dos clandestinos deportados para a duríssima penitenciária de El Salvador destinada aos quadrilheiros que barbarizavam o país inteiro. Duas narrativas se formaram em torno dele: um sujeito honesto, bom pai e marido, que cozinhava idilicamente para a família; ou um membro da gangue MS-13 que espancava furiosamente a mulher.

Os áudios das denúncias dela à polícia são uma prova incontestável dessa última parte. Tudo mais continua em discussão.

A imigração descontrolada empurra o eleitorado para a direita e provoca surpresas como a estarecedora vitória do partido Reforma em eleições municipais na Inglaterra. Uma projeção

nacional com base nesses resultados indica que, hoje, seu líder, o folclórico Nigel Farage, seria propulso a primeiro-ministro, desbancando o Partido Trabalhista, para não mencionar os massacres conservadores, uma guinada quase inacreditável.

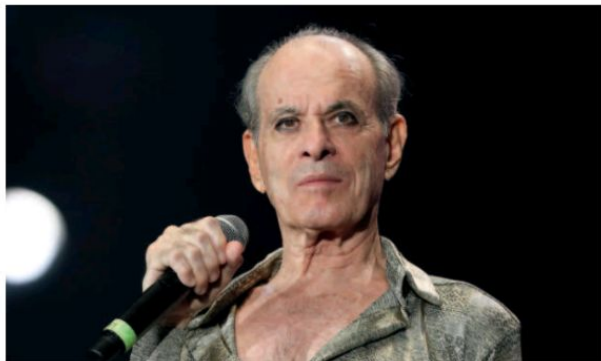
A ascensão da direita populista na Europa hoje tropeça apenas em obstáculos institucionais, como a condenação por desvio de verba de Marine Le Pen na França, tornando-a ineleável. Agora, o serviço de inteligência alemão recomendou a classificação do Alternativa para a Alemanha como partido extremista, o que o levaria a ser colocado na ilegalidade. Evidentemente, só aumenta o ressentimento da sua crescente fã-tia do eleitorado e diminui o dos que têm dilemas morais sobre a enchente humana. A pergunta inicial continua procurando por respostas. ■

“Não há apelo em nome da compaixão que impeça o voto em candidatos que prometem controlar a maré humana”

QUEBRA DE SIGILO

Mantendo por meses a gravidez em segredo, daí não ter aparecido sob nenhum holofote nos últimos meses, **RIHANNA**, 37 anos, fez o tapete (azul) tremer no Met Gala, o prestigiadíssimo evento da moda em Nova York, na segunda-feira 5. Foi ali que ela revelou em escala global o barrigão que anunciava sua terceira gravidez. A bem planejada surpresa foi parcialmente desfrita por Shakira, que momentos antes se referiu à amiga. "Quero muito vê-la. Acabei de saber que está grávida", disse, para logo se corrigir: "Eu não deveria ter feito isso". Rihanna, porém, não demorou a aparecer e assumir o protagonismo. "Trouxe o bebê. Estou me sentindo incrivelmente bem", informou ela, que já tem com o marido, o rapper A\$AP Rocky, 36 anos, o menino RZA, de 3, e a menina Riot, de 1 ano e 9 meses.

SAVION WASHINGTON/GETTY IMAGES



WAGNER MEER/GETTY IMAGES

METAMORFOSE AMBULANTE

Aos 83 anos, **NEY MATOGROSSO** se define como "duro na queda" e não cansa de se reinventar. Depois de três biografias, seguidas da cinebiografia *Homem com H*, que muito o emocionou por percorrer passagens delicadas de sua intensa trajetória, cheia de altos e baixos, ele se prepara agora para uma inédita experiência. O cantor acaba de saber que será tema da Imperatriz Leopoldinense, escola do grupo especial carioca, no Carnaval de 2026. O enredo, batizado de *Camaleão* e assinado pelo campeão de desfiles Leandro Vieira, oferecerá mais uma oportunidade para se conhecer a história de Ney, que exibe espantosa vitalidade e não vê a hora de cruzar a Sapucaí. "Esse samba-enredo é para quem gosta de ser livre e solto", exalta o carnavalesco.

ALGO DE DIFERENTE NO REINO

As inconfundíveis madeixas longas em tom castanho-claro de **KATE MIDDLETON**, 43 anos, já não são mais as mesmas. E é claro que a mudança, à primeira vista sutil, logo virou assunto no reino comandado por Charles III. Foi durante visita à Ilha de Mull, na Escócia, para celebrar os quatorze anos de união com o príncipe William, 42, que a princesa de Gales exibiu as novas mechas loiras, embutidas nos cachos que pendem até o ombro. Os especialistas de plantão não demoraram a lançar especulações as mais variadas sobre o novo look — uma corrente delas sustenta que seria o marco de um recomeço após duro tratamento contra um câncer. "Essa escolha também demonstra confiança. Ela suaviza o visual e transmite uma sensação relaxada, mas incrivelmente elegante", derramou-se um desses peritos em *royals* no tabloide *The Daily Mail*.



MARK CUMBERBURN/REUTERS/GETTY IMAGES



Com reportagem de Giovanna Fraguito e Nara Boechat

FUGINDO DA TENSÃO

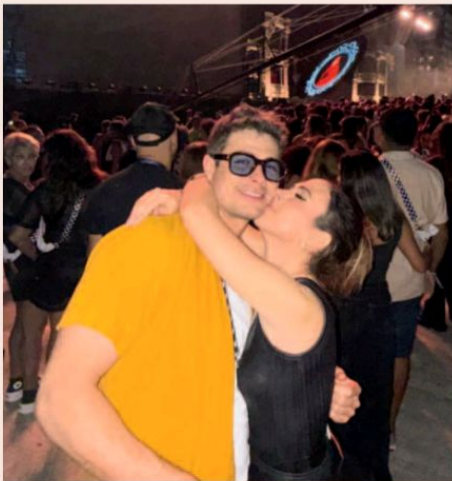
A ultraperformática exibição de Lady Gaga no megashow que cravou recorde de público no Rio de Janeiro, no sábado 3, não sacudi apenas as areias, mas também a festiva área vip armada para o aguardado espetáculo. Foi ali que **BELLA CAMPOS**, 27 anos, protagonista de *Vale Tudo*, adentrou o lotado recinto na pele da oportunista Maria de Fátima, pronta para gravar conteúdo de sua personagem para as redes e aproveitar para fazer propaganda da cerveja patrocinadora do evento. Bella chegou ao tumultuado local de helicóptero, direto das gravações. Esbarrou com vários colegas de elenco, mas nem sombra de Cauã Reymond, o galã com quem anda às turras nos agitados bastidores da trama global das 9. "Que noite. A melhor dos últimos tempos", dizia ela, escapando da questão que a persegue por onde passa: a tensão de alta voltagem com seu par na novela.

INSTAGRAM @BELLACAMPOX



BARRADOS NO BAILE

A humorista **TATÁ WERNECK**, 41 anos, não é lá muito dada a enfrentar multidões. "Sou hipocondríaca", justifica, fazendo graça. Mas, para assistir a Lady Gaga, ela resolveu abrir uma exceção ao lado do marido, o ator Rafa Vitti, 29. Mal poderia imaginar que iriam enfrentar um daqueles enrosocos na entrada: ele havia esquecido de baixar o convite no aplicativo e nem mesmo os desesperados pedidos de Tatá encurtaram a espera, que acabou levando uma hora. Tudo resolvido, engatou então conversa de teor profundo ao lhe indagar se sente ciúmes de Rafa, protagonista de *Dona de Mim*, o folhetim das 7 em que, não raro, vive cenas sensuais. "Não tenho nem tempo de ver novela", minimizou, aproveitando para cavucar detalhes da relação. "Apaixonar-se por alguém pode ocorrer, as pessoas têm que estar juntas quando desejam estar. Meu combinado com ele é que não quero ser exposta", contou, embalando em animada coreografia. ■



INSTAGRAM @TATAWERNECK

O AMERICANO TRANQUILO





CHRISTOPHER FURLONG/GETTY IMAGES

A escolha de Robert Prevost, agora papa Leão XIV, de postura conciliadora e diplomática, sinaliza que a Igreja não deve se desviar do caminho de abertura inaugurado por Francisco

FÁBIO ALTMAN, CINTHIA RODRIGUES, de Roma, E CAIO SAAD

A comoção associada à expectativa pesava como chumbo no ar. Quando o cardeal francês Dominique Mamberti despontou na janela central da Basílica de São Pedro para ecoar a lendária frase em latim — “*Annuntio vobis gaudium magnum: habemus papam*” —, na tarde quente de quinta-feira, 8, fez-se espanto seguido de silêncio reverencioso, porque anunciava uma “grande alegria, temos papa”. Em seguida, depois da fórmula repetida como sermão, ouviu-se o “*Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem*”, para então inserir o nome, também em latim, do ungido a Vigário de Cristo, o americano Robert Francis Prevost, “*qui sibi nomen imposuit*”, Leão XIV. Houve pranto da multidão aboletada na praça, de smartphones nas mãos. Alguns berravam, correndo com bandeiras de diversos países pelo piso romano. O sucessor de Francisco, entre a timidez e o susto, emocionado, disse então as primeiras palavras para a cidade de Roma e para o mundo. “Devemos buscar juntos como ser uma Igreja missionária, que constrói pontes de diálogo, sempre aberta a receber, como essa praça, a todos, a todos que precisam de nossa caridade, nossa presença, de diálogo de amor”, afirmou em italiano

perfeito. “Convosco sou cristão e para vós sou bispo.”

Foi preciso algum tempo para que o pontífice Leão XIV se acostumasse aos segundos iniciais do novo santíssimo posto, agora diante do escrutínio de seu povo, calçado com as “sandálias do Pescador”. No futuro, os historiadores da religião, quem sabe, revelem o que se deu assim que os votos em maioria o fizeram sumidade no salão trancado da Capela Sistina, mas é certo que ele passou pela Sala das Lágrimas, uma pequena antecâmara dentro da sacristia, onde ocorrem os conclaves. De mobiliário mínimo (um cabideiro, uma cruz, algumas imagens marianas, um sofá vermelho e vestígios de afrescos nas paredes), o canto foi palco de eventos impressionantes. Foi ali que Angelo Roncalli, feito João XXIII em 1958, irrompeu em soluços ao ver a longa túnica sacerdotal. Ali Joseph Ratzinger, o papa Bento XVI, em 2005, usou a expressão “guilhotina” como metáfora do que lhe ocorrera ao ser designado. Ali Francisco, em 2013, disparou um brusco lamento — “o carnaval acabou, eu fico com o meu” — para o mestre de cerimônias pontificias, recusando-se a usar os tradicionais sapatos vermelhos que simbolizam obediência do Servo dos Servos de Deus ao sangue derramado por Jesus. Não se sabe ainda qual foi a reação de Prevost, mas sem aquela travessia compulsória ele talvez ainda estivesse preso ao passado.

Conhecido como o “pastor de duas pátrias”, dado o tempo que dividiu entre Chicago, nos Estados Unidos, e a prelazia de Chiclayo, no Peru, Prevost, de 69 anos, foi nomeado por Francisco como prefeito do Dicasterio para os Bispos em 2023, posição relevante, responsável pela seleção de religiosos

NO TRONO DE PEDRO

A bênção a Roma e ao mundo na janela da basílica, depois de ter sido apresentado pelo francês Dominique Mamberti: “Convosco sou cristão e para vós sou bispo”.



EXPECTATIVA

Desde as primeiras horas do primeiro dia de conclave, os fiéis, de smartphones em mãos, lotaram a Praça São Pedro à espera da fumaça branca a sair da chaminé

na ponta da pirâmide do poder — daí a influência entre os que o escolheram como o papa de número 267. O longo serviço paroquial em território peruano permitiu tê-lo como candidato mais universal do que dos Estados Unidos, condição que amenizou os possíveis problemas associados à escolha de um pontífice de uma superpotência de maioria protestante, mesmo que ele não tenha ligação alguma com as ideias de Donald Trump. “É uma grande honra saber que ele é o primeiro papa americano”, limitou-se a dizer Trump. “Que emoção e que grande honra para o nosso país.”

De tom calmo, voz pausada, Prevost era uma espécie de braço direito do seu antecessor. Culto, como convém aos membros da Ordem dos Agostinianos, é homem cerebral, de profunda formação teológica. Agostinho de Hipona (354-430), o Santo Agostinho, estabeleceu uma “regra de vida em comunidade”, ancorada nos estudos científicos, na castidade e na pobreza. Para os agostinianos, fé e razão andam juntas. Nesse aspecto, o de contato com as exigências do mundo moderno, pode-se dizer que Leão XIV seja uma continuidade de Francisco. Em muitos temas, comunhão de ideias — na defesa dos desvalidos, no respeito aos que se divorciaram, no cuidado com as mudanças climáticas provocadas pelo ser humano, até mesmo no incentivo à maior participação feminina na engrenagem administrativa da Igreja. Em um capítulo, contudo, haverá discrepância: Prevost não é aberto ao casamento de mesmo gênero. Em um discurso aos bispos, em 2012, lamentou que a imprensa ocidental e a cultura po-

pular fomentassem “simpatia por crenças e práticas que estão em desacordo com o Evangelho” e citou textualmente o “estilo de vida homossexual” e “famílias alternativas compostas por parceiros do mesmo sexo e seus filhos adotivos” (leia na pág. 66).

Um outro modo de entendê-lo é passear pela decisão do nome. Ao escolher o título de Leão XIV, há evidente homenagem a Leão XIII, que foi Bispo de Roma de 1878 até 1903. Durante seu papado, o italiano Gioacchino Raffaele Luigi Pecci-Prospéri-Buzzi trabalhou para incentivar a atualização da Igreja com os humores da virada do século, em acelerado processo de industrialização. Afirmou, com insistência, que ciência e religião precisam coexistir. Abriu os arquivos da Santa Sé para pesquisa e sugeriu que se estudassem os textos de São Tomás de Aquino, que bebera de ninguém menos que Aristóteles.

Prevost, portanto, tem tudo para ser a força tranquila a encaminhar os passos de Francisco. Há, contudo, na tra-

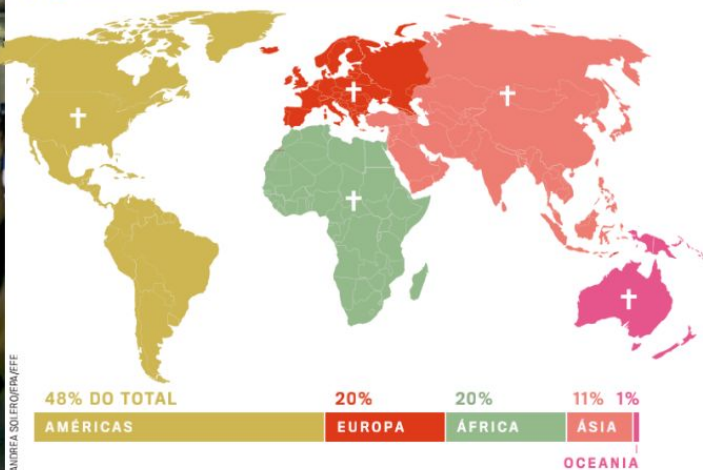


ANDREA SOLERZ/RAI/REUTERS

OS CATÓLICOS NO MUNDO

De 2022 para 2023 houve ligeiro crescimento

2022 1,39 BILHÃO
2023 1,4 BILHÃO



REPRODUÇÃO



ÁLBUM DE FAMÍLIA

Na escola em Chicago (no círculo, em destaque); em Chiclayo, no Peru (abaixo); e com João Paulo II, em 1982, em início de trajetória: firme formação agostiniana

jetória do americano, manchas que podem incomodar — e serão agora ainda mais iluminadas do que já foram. Entre 1999 e 2001 ele foi acusado de ser leniente com o episódio de um padre da Província Agostiniana de Chicago, acusado de abuso sexual de menores, cuja remoção aconteceria apenas em 2012. Despontou um segundo caso, envolvendo outros dois párcos, que teriam molestado três meninas — e, uma vez mais, houve quem



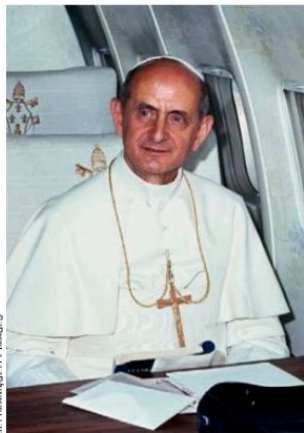
REPRODUÇÃO



UNIVERSIDAD CATÓLICA SANTO TORIBIO DE MOCROVEJO

pedisse do bispo mais celeridade para resolver os casos. É tema que, inevitavelmente, virá à tona, como indício de que a Igreja precisa ainda cutucar tabus que empurrou para debaixo do tapete, ao longo dos séculos — e que nem mesmo Francisco conseguiu cutucar.

A indicação de Leão XIV deve também ser iluminada a partir de uma perspectiva histórica. No primeiro conclave de 1978, havia dois caminhos desenhados. Uma estrada seria continuar a reforma iniciada pelo Concílio Vaticano II de João XXIII, no início dos anos 1960, com uma Igreja atenta ao rebanho, dita “pastoral”, de hierarquia menos rígida, com a abolição das missas em latim. De algum modo, Paulo VI, que o sucedera, manteve essa toada, ainda que angustiado e a contragosto. Outra trilha seria apostar no conservadorismo, declarando que o tempo de experimentação terminara em favor de um período de consolidação e retomada de posturas tradicionais. Depois de apenas dois dias e três votações, o fiapo de fumaça branca



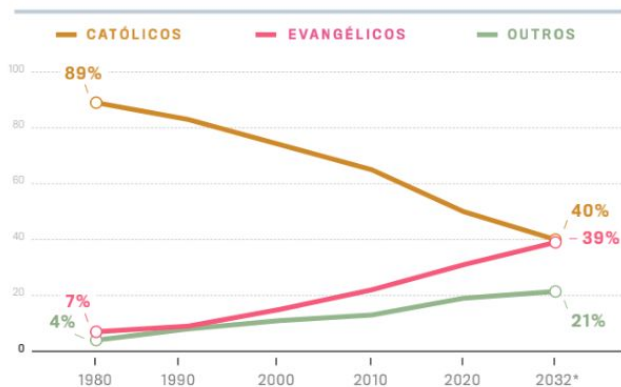
TRANSIÇÃO

Em 1978, o cardeal Albino Luciani, o papa João Paulo I (à dir.), que morreria em 33 dias, era o conciliador ideal para suceder Paulo VI, um conservador discreto



O REBANHO EM MOVIMENTO NO BRASIL

O catolicismo ainda é dominante no país, com 13% da população mundial que se diz seguidora dessa religião, mas tudo indica que acontecerá uma virada evangélica dentro de sete anos



* Projeção do demógrafo Eustáquio Alves

Fontes: Banco Mundial, Datafolha e Infobae

apresentou ao mundo um nome de meio-termo, conciliador, nem tanto ao mar, nem tanto à terra: Albino Luciani, patriarca de Veneza, que viria a ser chamado de João Paulo I — homenagem a seus dois predecessores.

O pontificado de Luciani duraria apenas 33 dias, um dos mais curtos de todos os tempos, depois de sua morte repentina, em decorrência de um ataque cardíaco, aos 65 anos. As teorias de conspiração — houve quem levantasse a hipótese de assassinato — nunca prosperaram, e aquele breve período do “papa sorriso” foi a marca de um rascunho de equilíbrio do colégio cardinalício, como agora com Leão XIV. Luciani seria o sumo pontífice adequado a novos tempos, em plena Guerra Fria, mas já com o início das fraturas que culminariam, em 1989, na queda do Muro de Berlim e, em seguida, no fim da União Soviética — missões ideológicas, por assim dizer, que couberam a João Paulo II, de linha relativamente dura, mas também afeito a manter a Igreja olhando para a frente, sem recuos que a afastariam das necessidades do novo tempo, de janelas abertas, globalizado.

Pode-se, enfim, comparar a eleição de Leão XIV, no que tem de calma, à de João Paulo I — mas espera-se, por

óbvio, que seja mais duradoura. Robert Francis terá agora uma missão complexa: manter os avanços de Francisco sem ofender as alas reacionárias, avessas às chacoalhadas impostas pelo cotidiano da sociedade e sem as quais a Igreja tende a minguar, em movimento inexorável. “Um dos primeiros desafios do novo papa será encontrar o equilíbrio adequado entre a doutrina e a sensibilidade pastoral”, diz Dariusz Sporzynski, pesquisador da Universidade Católica Australiana, especialista em catolicismo e história medieval. De 2022 a 2023, a rigor, houve ligeiro aumento do número de fiéis católicos, que passou de 1,39 bilhão em todo o mundo para 1,4 bilhão. A maior expansão foi na África, com crescimento de 3%. É pouco. No Brasil, a evasão católica é uma evidência. Em 1980, os católicos representavam 89% da população que admitia ter alguma crença, ante 7% dos evangélicos. Hoje, são 50% da população — as vertentes protestantes chegam a 31%. Em 2032, a manter-se o ritmo de perdas e danos, de ganhos e conquistas, os evangélicos serão maioria. “As igrejas católicas tendem a concentrar seus ofícios religiosos em uma paróquia, o que em cidades pequenas pode significar um único e modesto templo”, diz Victor Gama, historiador da religião da PUC de Minas Gerais. “Nos meios evangélicos, há maior diluição e presença, criando um sentimento de comunidade de maior e disseminador de ideias.”

Leão XIV sabe ter uma montanha para subir. Não terá como mexer nos dogmas católicos, por representar anátema, e não seria mesmo possível cutucá-los. Ele certamente manterá o tom modernizador de Francisco, em um cotidiano embebido da velocidade das redes sociais, para o bem e para o mal. Provocará discussões, muitos o defenderão. Será criticado, e com tudo isso a vida seguirá. Mas só haverá real oxigênio para a Igreja — ao menos do ponto de vista da sobrevivência do catolicis-



GERARD MALIEJAP

mo — se conseguir mexer com a compulsória e urgente necessidade de abertura, ao romper a rigidez de estruturas antiquíssimas e carrancudas, imexíveis porque burocráticas.

Essa questão tem um nome: colegialidade, em serviço que Francisco não conseguiu finalizar, premido pela permanente briga interna da Santa Sé. “O termo vem da palavra colégio, que é muito próxima da palavra colega”, escreveu o vaticanista americano John L. Allen Jr., autor de *Conclave*, pequeno clássico lançado pouco antes da morte de João Paulo II. A colegialidade surgiu com força nos debates do Vaticano II sobre o relacionamento que deveria existir entre o papa, a Cúria Romana e os bispos do mundo. Se esse relacionamento fosse colegial, os bispos, e por intermédio deles o povo de suas igrejas locais, deveriam envolver-se na determinação de políticas — primeiramente em suas próprias instituições e depois até na Igreja Católica Universal. Em poucas palavras, a colegialidade é um código que significa tirar o poder da hierarquia engessada e permitir que os bispos sejam bispos, algo que está na espinha dorsal da carreira de Prevost, um homem de dois mundos.

JOGO POLÍTICO

Para os anos 1980, que culminariam com a queda do Muro de Berlim, era fundamental haver um papa de índole diplomática. O cetro ficaria com João Paulo II

A colegialidade envolve também outro conceito que circulou muito no período de João XXIII: subsidiariedade, palavrinha feia, mas de fácil tradução. É noção adotada em muitas empresas modernas: decisões que podem ser tomadas em nível mais baixo não deveriam ser repassadas para um nível mais alto, para pessoas que sabem menos sobre a situação local. No mínimo, a colegialidade exige uma tomada de decisões com maior colaboração dentro da Igreja. “Isso não faria da Igreja uma democracia, mas a deixaria mais democrática”, diz Allen Jr. O ex-cardeal Prevost pode seguir como lema uma das máximas de Santo Agostinho e com ela costurar seu pontificado: “Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me elogiam, porque me corrompem”. ■

Colaborou Paula Freitas

ANDRÉAS SOLARQ/AFP



CONVICÇÕES

O cardeal:
equilíbrio e
cuidado ao
tocar em temas
espinhosos

AS IDEIAS DE PREVOST

Frases do pontífice sobre temas que acendem a polêmica dentro da Igreja e suas considerações sobre o mundo de hoje ajudam a entender a cabeça do novo ocupante do trono de Pedro

LIDERANÇA

“O bispo não deve ser um pequeno príncipe sentado em seu reino, mas ser chamado autenticamente a ser humilde, a estar próximo das pessoas a quem serve e caminhar com elas”

RUMOS DA IGREJA

Queremos ser uma instituição sinodal, que avança, que busca sempre a caridade, sempre estar próxima, principalmente daqueles que sofrem

PRESENÇA DAS MULHERES

“Ordená-las não resolve necessariamente os problemas da Igreja, podendo até criar um novo. Acredito, porém, que haverá um reconhecimento contínuo de que elas podem acrescentar muito em diferentes níveis”

ABUSOS SEXUAIS DO CLERO

“Devemos ser transparentes e honestos, acompanhar e ajudar as vítimas. Caso contrário, suas feridas jamais cicatrizarão. Há uma grande responsabilidade nisso para todos nós”

COMUNIDADE LGBTQIA+

“A simpatia por escolhas de estilos de vida anticristãos que a mídia de massa promove é tão brilhante que, quando as pessoas ouvem a mensagem cristã, ela parece cruel”

IDENTIDADE DE GÊNERO

“A promoção dessa ideologia é confusa porque busca criar gêneros que não existem”

MEIO AMBIENTE

“O domínio sobre a natureza não deve se tornar tirânico. Essa deve ser uma relação de reciprocidade”

POLARIZAÇÃO

“Esse se tornou o modus operandi de uma sociedade que, em vez de buscar a unidade como princípio fundamental, vai de extremo a extremo. As ideologias adquiriram maior poder do que a experiência real da humanidade, da fé, dos valores concretos pelos quais vivemos”

PAZ

O mundo precisa de pontes com diálogo, com encontros, unindo-nos todos para ser um povo em paz



DE VOLTA À VIDA O prédio: a imponente fachada refeita foi coberta pelo amarelo-ocre dos tempos áureos do palácio

RENASCENDO DAS CINZAS

VEJA percorreu o Museu Nacional, no Rio, que se prepara para reabrir depois do incêndio que o consumiu. E ele começa a reviver seu esplendor **DUDA MONTEIRO DE BARROS E PAULA FREITAS**

DEPOSITÁRIO do maior acervo de história natural da América Latina, o Museu Nacional, fundado em 1818 no centro carioca, tornou-se uma vigorosa instituição científica, a mais antiga do Brasil. No fim do século XIX, virou também cartão-postal

imperdível, ao transferir-se para o belo Palácio de São Cristóvão, que havia abrigado até 1889 a família real portuguesa e, depois, o clã imperial. Sua criação por dom João VI se insere na bem-vinda ideia da preservação da história e do patrimônio. Sob esse im-

pulso, acabou alcançando a extraordinária marca de 20 milhões de itens no acervo, alguns deles amealhados pela realeza em viagens mundo afora.

Em 2 de setembro de 2018, o bicentário palácio, palco da assinatura da independência brasileira, foi engolido



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

TEM NOVIDADE Esqueleto de baleia cachalote (em ilustração): peça incorporada ao acervo de dezenas de milhares de itens

pelas chamas de um incêndio causado por falha elétrica — e 85% da riqueza ali guardada não resistiu. Foram perdas irreparáveis, como o desaparecimento de coleções de fósseis de dinossauros, múmias egípcias e centenas de milhares de livros. Agora, o emblemático casarão, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), anda às voltas com mais um capítulo de sua vasta história — este cercado de expectativas e boas razões para celebrar.

O museu se prepara para reabrir as portas em 5 de junho para exibir pela primeira vez ao público parte da reforma geral que empreendeu após o fatídico dia em que foi ao chão. A reportagem de VEJA teve acesso exclusivo ao interior, que ainda passa por hercúleo trabalho de reconstrução. Entre andaimes e o constante ruído de martelos, uma equipe se empenha em dar vida nova ao edifício, cuja imponente fachada renasceu coberta pelo tom amarelo-ocre original, que havia sido substituído por um rosa. Um passeio por lá ajuda a ter uma dimensão da destruição — paredes seguem chamuscadas e gigantes vigas que compõem a estrutura do prédio ficaram distorcidas. Os visitantes que cruza-

rem as imponentes portas de metal poderão ver de perto a epopeia que vem sendo colocar o museu novamente de pé e também circularão por três recauchutados ambientes de exposição. “Nosso compromisso é restaurar o maior número possível de elementos

artísticos e históricos que sobreviveram ao incêndio e entregar um museu inovador”, afirma Larissa Graça, gestora técnica e estratégica do Projeto Museu Nacional Vive.

A grande novidade da abertura em caráter especial (vai até fim de ju-



FELIPE COHEN/PROJETO MNV

CAVOU, ACHOU

Pisos adornados com losangos (acima) e resquícios de uma antiga capela: gratas descobertas em meio aos escombros



ANDRÉA JUNIO



PÁGINA INFELIZ Setembro de 2018: as chamas engoliram o histórico edifício comprometendo riquezas insubstituíveis

lho) será o esqueleto de 15 metros e 80 toneladas de uma baleia cachalote encontrada em 2014 no Ceará e minuciosamente remontado por uma entusiasmada turma de especialistas. “O crânio é a parte mais difícil, pelo tamanho e pelo peso”, explicou a VEJA o biólogo Antônio Carlos Amâncio, à frente do quebra-cabeça. Outra preciosidade do acervo, já à espera do público bem na entrada, é o meteorito do Bendegó, achado na Bahia em 1784 e levado ao Rio um século mais tarde, exemplar maior do valioso conjunto geológico formado por rochas e minerais naturalmente mais resistentes à fúria do fogo. Uma terceira sala abrigará mais itens, ainda a ser definidos pelos curadores, que fornecerão aos curiosos um aperitivo do que está por vir em 2028, quando as catracas serão definitivamente liberadas. “Há ainda um longo caminho a percorrer, mas vou ficar muito emocionado apenas

de ver visitantes no museu”, diz o diretor Alexander Kellner.

Ao longo da obra, surpresas foram surgindo conforme a equipe ia cavando fundo entre os escombros — uma verdadeira aventura arqueológica da qual VEJA pode conferir uma parte. Objetos históricos, pinturas decorativas, um piso ornado com losangos e até a estrutura superior de uma capela da era imperial emergiram em meio aos trabalhos. Também vieram à luz velhas tubulações dos tempos em que o local era um reluzente palácio, chamando a atenção pelo elevado grau de engenhosidade. “Diante de toda a perda, o resgate arqueológico acabou trazendo resquícios da história que ajudam a entender como os moradores viviam no palácio”, afirma Marcos André, arqueólogo do Museu Nacional. Tudo isso será devidamente exibido, mas não agora.

Em um esforço à parte, os cientistas vêm se debruçando todos esses

anos sobre a recomposição do crânio de Luzia, o fóssil mais antigo da América Latina, que chegou a ser dado como perdido, já que se fragmentou por inteiro. A boa notícia do time reunido no Laboratório Central de Conservação e Restauração da UFRJ, à qual o museu está ligado, é que há chances de voltar ao que era antes das labaredas. Neste árduo período de recuperação do museu, 14 000 itens foram incorporados ao acervo, que ganhará três blocos de exposição e novos circuitos temáticos. Uma aquisição para lá de festejada foi um manto tupinambá de mais de três séculos, devolvido em 2024 pelo Museu Nacional da Dinamarca. Há negociações ainda com a Suécia, que pode vir a doar exemplares que enobreceriam a visita.

Em meio à obra tão radical, aproveitou-se o ensejo para dar uma renovada que une estética à conservação, incluindo um generoso teto de vidro em uma zona que ficava a céu aberto.



MUSEU NACIONAL (FRJ)

PASSADO GLORIOSO O prédio no século XIX: a construção da Quinta da Boa Vista abrigou a realza e a corte imperial

“A clara boia proporcionará mais conforto e segurança, além de contribuir para a preservação das peças em exposição”, esclarece o trecho de um relatório da organização Museu Nacional Vive. Para que o triste episódio do

incêndio não deixe de ser lembrado, enfatizando que é preciso investimento e esforço para que não se repita, haverá uma área dedicada à memória de itens que se foram com as chamas, localizada justamente na sala onde teve

início o curto-circuito que consumiu parte da riqueza ali concentrada.

Não vem sendo nada trivial a tarefa de reerguer um edifício como esse — ainda faltam uns 30% da verba necessária para a conclusão da obra, estimada em 516,8 milhões de reais. A maior fatia até então veio dos cofres públicos. “Dependemos de dinheiro e de estratégias políticas para cumprir o cronograma”, avisa a arquiteta Verônica Pimentel, responsável pelo gerenciamento da obra. Vale o empenho. “Estamos falando de uma instituição que colocou o Brasil na rota da ciência internacional”, ressalta o historiador Paulo Rezzutti. Com tão rico passado, a reconstrução do Museu Nacional pode sinalizar para um futuro em que preservar a ciência e a história seja um valor inegociável. ■



FLÁVIA MONTEIRO DE BARROS

VALE VER Meteorito do Bendegó: o achado geológico estará em exibição na reabertura, em 5 de junho



ISADORA RELVAS



SOU MÃE SOLO, GRÁVIDA DE GÊMEOS



A atriz Mariana Nunes, 44 anos, revela os desafios de encarar uma produção independente em dose dupla

DESDE PEQUENA, eu cultivava a vontade de ser mãe e tinha certeza de que esse desejo se realizaria em algum momento da vida. Guardo lembranças de quando, ainda menina, queria uma família grande, com quatro filhos. Imaginava que eles viriam ao mundo da forma mais tradicional possível, da relação com um marido, depois de casar. Em todos os namoros sérios que tive, levantava a possibilidade de engravidar, mas, por circunstâncias variadas, não aconteceu. O tempo foi então passando e, quando me dei conta, estava chegando perto dos 40 anos. Naquele momento, um bebê parecia realidade cada vez mais distante, o que me acendeu um senso de urgência. É verdade que nós, mulheres, estamos a cada dia mais autônomas, donas da profissão, da vida financeira e da própria história. Mas o relógio biológico segue implacável, não espera.

Reconheço que, por muitos anos, fui passando outras necessidades na frente da maternidade. Gosto muito da carreira que construí como artista e ela me absorveu. Um lado meu confiava que o tempo se encarregaria de me fazer mãe, depois que tivesse uma família estruturada, tudo numa sequência natural. Por volta dos 42, porém, veio o inesperado: minha menstruação começou a falhar e, depois de uma série de exames, minha médica diagnosticou uma menopausa precoce. Reparei então que os profissionais ainda estão pouco preparados para lidar com a complexidade da saúde feminina. Cheguei a ser encaminhada ao psiquiatra por causa de sintomas como uma tristeza profunda, comum da menopausa. Até esse instante, também, ninguém havia aventado o cenário de congelamento de óvulos.

A menopausa nunca me soou algo positivo, sobretudo quando acontece antes do tempo. A gente acaba associando à falta de vitalidade, à infertilidade. Foi um diagnóstico muito duro de receber. Me senti traída pela vida, como se tivesse

levado uma rasteira. Como nenhuma das pessoas à minha volta estava passando por aquilo, me sentia incompreendida. Fora os comentários que alguns disparavam: “Já? Mas tão nova?”. Até então, pensava que teria filhos com meu material genético, mas entendi ali que teria de recorrer a uma ovodoculação mais cedo ou mais tarde e pus na cabeça que o faria até os 50 anos. De repente, em um exame de rotina, o médico veio com a notícia de que talvez ainda houvesse algum óvulo disponível e resolvi ir atrás do congelamento. Foram duas tentativas, tomando um monte de remédios, mas não funcionou. Decidi aí entrar na fila de clínicas de fertilização, até achar uma doadora de óvulos com características próximas às minhas. Quando consegui, implantei dois embriões juntos, e dali em diante foi tudo rápido e emocionante.

Acabei ficando grávida de gêmeos, o que, aliás, queria muito. Hoje, a sensação é de que eles sempre estiveram aqui comigo. Só precisavam de um jeito para vir ao mundo. Estou com seis meses de gravidez e já passei por muitas transformações, físicas e psicológicas. Elas são tão radicais e íntimas que quem está de fora, inclusive um marido, não consegue alcançar. No primeiro trimestre, me vi solitária e vivi uma espécie de luto pela pessoa que eu era antes de ter filhos. Tudo muda, eu sei. A maternidade solo é ainda mais desafiadora. Depois que revelei a gravidez, vi comentários infelizes nas redes sobre minha opção: as pessoas esperam o caminho mais “normal”. Escolhi não dar ouvidos às críticas. Interessante perceber que muito do que era importante antes, situações que me desgastavam, não fazem mais nem cosquinha. A perspectiva, de repente, é outra. Cada dia é um dia, e você percebe o quão diferente está. Acho que vai ser sempre assim daqui para a frente. ■

Depoimento a Duda Monteiro de Barros

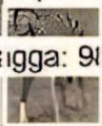
EquusQuagga: 99%



EquusQuagga: 91%



EquusQuagga: 91%

**PRIVACIDADE**

Reserva na África do Sul:
filmadoras com IA ajudam na
detecção e conservação da fauna

A TECNOLOGIA É ANIMAL

Uma avançada coleção de equipamentos torna os espetaculares documentários sobre bichos ferramentas de fascinação e luta contra os danos ambientais **LIGIA MORAES**

UMA CÂMERA instalada nas costas de uma baleia cachalote mergulha até o fundo do oceano e registra, pela primeira vez, o momento exato em que o animal captura uma lula. Um drone com lente de longo alcance acompanha um filhote de pinguim saltando de um grande bloco de gelo, em queda vertiginosa da qual os cinegrafistas nem sequer sabiam se ele sairia vivo. Um algoritmo treinado com 66 000 imagens detecta feridas em animais selvagens com 95% de precisão e em apenas qua-

tro segundos. Esses são apenas alguns exemplos de como a tecnologia vem revolucionando os documentários de natureza — aproximando o público dos animais, revelando comportamentos até então invisíveis e gerando dados valiosos para a ciência.

Sem essas ferramentas, séries como *The Americas*, produzida pelo BBC Studios e exibida pelo Disney+, não viriam à luz com a qualidade que emanam. “Há vinte sequências que seriam impossíveis de filmar cinco

anos atrás”, disse a VEJA Mike Gunton, produtor-executivo do programa em dez episódios narrado por Tom Hanks. Os recursos de inteligência artificial (IA) facilitaram a localização de muitas espécies, investigadas como quem vai ao olho do furacão. “Os drones, cada vez mais potentes, nos permitiram tirar a câmera do tripé e fazê-la voar como a fauna”, conta Gunton. A série, que levou cinco anos para ser concluída e envolveu mais de 180 expedições, apostou também em sensores de presença, câmeras de alta velocidade e engenhocas dignas de *Star Wars*. Uma das invenções foi uma microcâmera projetada para suportar a pressão do oceano. Outra: um equipamento colado ao corpo de uma baleia cachalote sem causar incômodo que se desprende automaticamente após a filmagem — o que permitiu capturar, pela primeira vez, o comportamento predatório do animal.



TASIN CRY ANJANADOLU ABERNOVETTY MAGPS

INOVAÇÃO No fundo do mar: mergulho com câmeras à prova de pressão

Em *Segredos dos Pinguins*, coprodução da BBC com a National Geographic, os cinegrafistas usaram drones silenciosos e lentes de zoom potentes para registrar hábitos delicados, como rituais de socialização, disputas territoriais e até interações afetuosas. “As novas tecnologias autorizam aproximação e intimidade inéditas”, disse a VEJA o diretor de fotografia da série, Bertie Gregory. O apoio de biólogos foi crucial, por identificarem movimentos e deles extrair ideias de filmagens. A ausência de predadores terrestres em algumas regiões permite que os pinguins se aproximem naturalmente das câmeras, criando cenas que mais parecem episódios de uma novela dramática.

Resultado: o impacto deixa de ser apenas estético. Produzido no Canadá, *All Too Clear*, que pode ser visto no YouTube, investiga os efeitos de espécies invasoras nos Grandes La-

gos — sistema de água doce que se estende entre os Estados Unidos e o Canadá — por meio de câmeras subaquáticas de última geração. As imagens resultaram em um retrato detalhado da degradação ambiental

causada pelos mexilhões-zebra e, de quebra, revelaram um navio naufragado há 128 anos no fundo do Lago Huron. Já em *Airborne*, série sobre animais voadores da Sky, câmeras capazes de gravar 1 000 quadros por segundo revelaram disputas entre beija-flores e o balé aéreo de insetos com uma riqueza de detalhes impossível de ser percebida a olho nu.

Além da inovação, os documentários modernos cumprem papel político. “É como assistir ao vivo à evolução das espécies e os riscos ambientais, hoje multiplicados”, diz Pablo Borboroglu, pesquisador argentino e coprodutor da série dos pinguins, que estuda os animais há mais de trinta anos. A série mostra como o aquecimento global encurtou o período de formação do gelo marinho, obrigando filhotes a nadar antes de estarem prontos. O colapso climático está alterando o ritmo da natureza e tornando o imprevisível ainda mais extremo. Ao retratar com precisão e emoção a dura vida dos animais, produtos audiovisuais de fazer cair o queixo encantam o público e, ao mesmo tempo, lançam luz sobre a urgência e a necessidade de protegê-los. É fascinante e compulsório. ■



ZUBIN SAROSH/NATIONAL GEOGRAPHIC

INTIMIDADE Gregory, de *Pinguins*, e as lentes submarinas: mais perto e nítido



BASE A grande rocha cinzenta que orbita o nosso planeta: ponto de partida para outras viagens pelo sistema solar

A SEDE DE EXPLORAÇÃO

Novas evidências de água na Lua alimentam uma busca fundamental, por significar capacidade de sobrevivência para astronautas e futuras colonizações **NATALIA TIEMI HANADA**

É AMBIÇÃO que nasceu antes mesmo de Neil Armstrong dar um pequeno passo para um homem e um grande passo para a humanidade, em 21 de julho de 1969: haveria água na Lua, debaixo do rígido regolito cinzento? Em abundância e fundamental para a vida na Terra, o líqui-

do essencial tem no cosmo valor igualmente relevante, que não pode ser desdenhado. Saber como as moléculas lá chegaram é atalho para melhor compreensão do sistema solar. Em eventual ocupação lunar, seria substância vital para astronautas e futuras colonizações.

Na Lua, a água vale ouro, e buscá-la virou o santo graal das missões promovidas pela Nasa e, mais recentemente, também por iniciativas privadas. Há, nesse campo, uma série de novidades empolgantes. A Darpa, uma das agências do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, acaba

de lançar um projeto para atrair companhias que façam parte de um grupo destinado a enviar satélites sedentos por encontrar sinais de água. Um módulo de pouso robótico batizado de Athena, da Intuitive Machines, empresa americana, desceu em março na superfície lá de cima com um objetivo seminal: vasculhar o lado sul da Lua, frio e escuro, considerado relevante por abrigar vastos depósitos de gelo de água. O gelo, destaque-se, poderia ser convertido em água potável, ar respirável ou até mesmo combustível para foguetes.

Há, ainda, o empenho científico de uma empreitada da Índia, a Chandrayaan-3, lançada em 2023, e uma outra da Coreia do Sul, de mãos dadas com pesquisadores da Universidade do Havaí. Em pelo menos uma das investigações coreanas, foi possível identificar, com 30% de certeza, indícios reais de algum líquido. Depois, a porcentagem caiu para 20%, mas ainda assim é uma possibilidade esperançosa e fascinante. “Procurar moléculas de água na Lua é crucial para avançar nos estudos da formação de planetas e galáxias”, diz Roberto Dias, professor do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.

Mas então, se achar água na Lua está difícil, apesar dos celebrados avanços, por que não levá-la da Terra, de modo a tornar a Lua menos inóspita, de olho em aventuras do futuro, tão sonhadas? A resposta é simples: custa muito caro. A gravidade da Terra, a necessidade de lançadores potentes para escapar da atmosfera e o alto custo por lançamento tornam a tarefa dispendiosa. Por isso, explorar e extrair água na Lua, caso ela exista em quantidade significativa, é a escolha mais econômica.

Há, porém, entraves políticos que podem frear o movimento, como balde de água fria. O orçamento do go-



INTUITIVE MACHINES

INICIATIVA PRIVADA A Terra vista da sonda Athena: empenho científico

verno de Donald Trump prevê corte de valores no financiamento do Sistema de Lançamento Espacial (SLS) e da cápsula tripulada Orion, parte da missão Artemis, que busca colocar um americano de volta no solo lunar em 2027, em um novo capítulo da corrida espacial, agora na lida com a China. A prioridade do presidente — influenciado pelo bilionário conselheiro Elon Musk, que tem a chave do cofre, ao menos por ora — é chegar em Marte. Ainda assim, especialistas consideram a escala na Lua fundamental para alcançar o planeta ver-

melho. Dito de outro modo, mais direto: sem a Lua não haverá Marte, é degrau compulsório. “O interesse pelo nosso satélite natural voltou quando diversos países se deram conta de que se trata de uma porta de saída fundamental para o cosmo”, afirma o professor Dias. Não é pouca coisa, e uma minúscula gota d’água na Lua pode representar uma tempestade de entusiasmo, a capacidade de por lá existirmos. A esperança persiste, como na bonita frase de Carl Sagan (1934-1966): “A falta de evidência não é uma evidência da ausência”. ■

FROTA DO FUTURO

No Shanghai Auto Show, montadoras chinesas antecipam lançamentos de veículos eletrificados e mostram que nem as tarifas de Trump barram seu avanço **ANDRÉ SOLLITTO**, de Xangai

CAMINHAR pelos estandes de automóveis espalhados nos imensos espaços do Centro Nacional de Exposições e Convenções de Xangai, na China, é vislumbrar o futuro da indústria automotiva. Os lançamentos expostos chamam atenção pelo design, com linhas que parecem inspiradas em filmes de ficção científica, e pelas tecnologias, com comandos acionados por voz e gestos, centrais multimídia gigantes e funcionalidades de segurança que ainda não existem no nosso mercado. Os protótipos apresentados, como modelos de carros voadores, indicam o espírito visionário dos engenheiros locais. Enquanto outros salões de automóveis perdem força, como o de Detroit, nos Estados Unidos, na China eles são extremamente relevantes, um ímã para profissionais do mundo inteiro, de mercados onde as empresas da China já atuam, como Brasil, Europa e Austrália, até analistas dos Estados Unidos, apesar das restrições de importações. Esse interesse pela indústria asiática se reflete também nos espa-

ços de cada marca. Embora as montadoras ocidentais estivessem presentes, o público queria mesmo era ver as novidades das fábricas nacionais.

O sucesso do Shanghai Auto Show é reflexo do poder da indústria automotiva da China, hoje a maior do mundo tanto em produção quanto em tamanho de mercado. O país tem mais de noventa marcas próprias, além de 43 joint ventures com outras montadoras. Para além do mercado interno, tem começado a conquistar fatias expressivas do setor em outros países. Nem mesmo as tarifas de 145% impostas a produtos chineses pelo presidente americano, Donald Trump, representam um empecilho digno de nota. Pelo contrário. Os empresários chineses veem isso como oportunidade. "Os Estados Unidos não fazem parte de nossa estratégia de globalização. Não somos impactados", afirma Zhu Jiangming, fundador, presidente e CEO da Leapmotor, startup que está prestes a estreiar no Brasil por meio de uma joint venture com a Stellantis, dona de marcas como Fiat, Jeep, Peugeot e Ram. Os primeiros veículos chegarão



ANADOLUJETTY IMAGES

CONCEITO O protótipo Gove, da GAC, carro voador que decola do chassi do carro: visão estratégica

ao mercado nacional no segundo semestre, em versões eletrificadas.

O governo de Pequim sempre exigiu que montadoras estrangeiras formassem parcerias com contrapartida para acessar o enorme mercado local. No princípio, os chineses usavam essa proximidade para produzir cópias do automóveis vindos de fora. Hoje, são reconhecidos como um dos grandes polos de inovação nessa área. Por isso, trabalhar com eles passou a ser uma estratégia fundamental para garantir a sobrevivência em tempos de veículos de nova energia, como são chamados os carros elétricos ou híbri-

NOVIDADE SUV B10, da Leapmotor: startup chega ao comércio brasileiro em parceria com a gigante Stellantis



ENVOLUCADO



dos. A Leapmotor não é a única. Volkswagen e Mercedes, por exemplo, têm projetos locais, mas que muitas vezes servem de base para outros lançamentos internacionais.

É nesse cenário de expansão global o Brasil tem um papel fundamental não apenas pelo seu representativo mercado local, mas como centro de produção para países vizinhos na América Latina. A chinesa GWM, que já tem uma linha de produtos à venda, está finalizando uma fábrica em Itapetininga, no interior de São Paulo, que produzirá não apenas modelos híbridos, como o SUV Haval, mas também a combustão, como a picape a diesel Poer. “A fábrica do Brasil é estratégica em nossa visão de longo prazo. Queremos ter uma cadeia com-

pleta, presente e integrada no país”, afirma Jack Wei, fundador e presidente da GWM. Segundo Ricardo Bastos, diretor de assuntos institucionais da GWM Brasil, a fábrica é fundamental para atender às diferentes demandas dos clientes brasileiros e sul-americanos. “Precisamos nacionalizar a produ-

ção para avançar em outros mercados”, afirma. Esse tipo de estratégia ajuda a manter o ritmo com que os chineses vêm atropelando a concorrência. Se Detroit um dia foi o centro do universo automotivo mundial, agora a direção dos rumos dessa indústria está cada vez mais em locais como Xangai. ■

MERCADO LOCAL Picape Poer, da GWM, confirmada para o Brasil: versão diesel para atender o agro



O SONHO NÃO ACABOU

O vestuário dos Beatles volta à cena em lançamentos de grifes prestigiadas, movimento de comportamento que parece não cessar, em eterno e elegante retorno **SIMONE BLANES**

AS PEDRAS ROLARAM quando John Lennon, em 1966, irônico como ninguém, pôs à mesa uma provocação, em entrevista para um tabloide britânico: "Os Beatles são mais populares que Jesus Cristo. Não sei quem vai acabar primeiro, o rock'n'roll ou o cristianismo. Jesus era legal, mas seus discípulos eram grossos e medíocres". Houve protestos nos Estados Unidos, Lennon foi chamado de satanás, e ainda hoje aquelas palavras pegam mal, soam incômodas agora mesmo, em tempo de transição de papa. Não é o caso de reconstruir a história, muito menos de estabelecer comparações indevidas, mas o quarteto de Liverpool era sim celebradíssimo, reconhecido por qualquer cidadão na face da

Terra, em movimento que nunca parou. Chegamos como chegamos hoje ao universo pop, da música, da cultura, porque uma banda chacoalhou o passado para reinventar o futuro. Olhe para o lado e haverá influência do jeito de ser daqueles jovens. Na moda, em especial, como manifesto de comportamento, os Beatles não param de ditar regras.

Nas ruas e passarelas, nos últimos meses, despontaram modelos sem medo de revelar a origem beatlemaníaca. Ao contrário. São as calças bocas de sino, largas ao pousar nos calçados e sandálias. São os cortes de veludo, os ternos alinhados e os



RAYMOND HALL/GETTY IMAGES



JACPO RALL/GETTY IMAGES

INSPIRAÇÃO Eile Macpherson e Pharrell Williams: como Lennon & McCartney



VICTOR VIRGIL FARIAS - RAPHO/GETTY IMAGES

UM JEITO DE SER A Louis Vuitton na passarela: calça boca de sino, terninho alinhado e colete



MARC PASCOW/REX USA/GETTY IMAGES

PAZE AMOR Desfile da Chloé: discreta elegância com pitadas do movimento hippie no colo e na cintura



REPRODUÇÃO

TRAVESSIA Os passos em Abbey Road, de 1969: a cara de nosso tempo

blazers desconstruídos, as batas coloridas e até os tais óculos de aros redondos de Lennon. Bebe-se de todas as fases dos Beatles, que ficaram juntos por apenas dez anos, considerando-se desde o período de formação do grupo, mas fizeram um estrago danado (e positivo) nos humores da civilização. Há quem tenha adotado o corte de cabelo mop-top, com franjas longas e laterais cheias, do início da banda. O terninho justo, engomado, de modelagem moderna, idealizado pelo empresário Brian Epstein ao lembrar dos desenhos de Pierre Cardin, também dá as caras. Outros apostam no psicodelismo atrelado ao álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, de 1967, de jaquetas militares estilizadas e acessórios extravagantes. O jeito hippie do tempo da visita à Índia, organizada por George Harrison, também abriu espaço. E, claro, dá-lhe inspiração em uma das imagens mais conhecidas de nosso tempo, o da travessia da faixa de pedestres, capa de *Abbey Road*, de 1969.

Em desfiles recentes nas mecas de Nova York, Paris e Milão, a Chloé, da estilista Chemena Kamali, abusou da pegada hippie dos Beatles. O cantor e compositor de rap Pharrell Williams, estilista de coleções da Louis Vuitton,

desfilou com elementos que remetem àqueles passos na rua londrina. As modelos Elle Macpherson e Bella Hadid parecem ter entrado em um ônibus misterioso que as trouxe lá de trás. Stella McCartney, a filha de Paul, respeitadíssima entre os fashionistas, não cansa de homenagear o pai, que certa vez asseverou, com um tantinho de justificada arrogância: "Não seguíamos as tendências, nós ditávamos as tendências".

É assim, e durante muito tempo permanecerá sendo, em sistoles e diástoles que ajudam a construir a linha do tempo do estilo. A grife japonesa Comme des Garçons tem Beatles no catálogo. Outro dia a Crocs lançou dois pares de vistosos chinelos na pegada de *Yellow Submarine* (499 reais o par). "A moda traduz os humores de determinados períodos históricos, e os Beatles representaram aquela passagem dos anos 1960 para os 1970, de paz e amor", diz Mário Queiroz, designer de moda masculina e ph.D. em semiótica. "Mais do que isso, tornaram-se peregrinos, símbolos do novo e da ousadia sem exagero." Não tem segredo, simples como boa parte das letras e melodias dos Fab Four: na dúvida, sem saber como estar bem na foto, basta ir ao armário dos Beatles, escolher um instante qualquer e desfilá-lo na certeza de que o sonho não acabou. ■

FORÇA DA NATUREZA

Uma fabulosa exposição no Masp, em São Paulo, celebra a obra do mais pop e monumental dos pintores impressionistas, o francês Claude Monet (1840-1926) promoveu uma pequena revolução. Naquele lugar aprazível não muito distante da agitada Paris, o pintor impressionista preencheu seus jardins com espécies exóticas de países como China e Japão, de modo que tivesse flores das mais variadas cores o ano inteiro. O lago, com sua indefecti-

MARCELO MARTHE

Ao adquirir sua famosa propriedade em Giverny, no começo da década de 1890, o francês Claude Monet (1840-1926) promoveu uma pequena revolução. Naquele lugar aprazível não muito distante da agitada Paris, o pintor impressionista preencheu seus jardins com espécies exóticas de países como China e Japão, de modo que tivesse flores das mais variadas cores o ano inteiro. O lago, com sua indefecti-

vel ponte em estilo nipônico, foi a jogada mais ousada de Monet. Mas o espelho aquático em que ele cultivava as estrelas de suas telas — as ninfeias — só se concretizou graças a certa malandragem do artista. Valendo-se de seu prestígio, ele conseguiu desviar um braço do Epte, rio que corta a região, para abastecer o lago. O resultado, como sabe qualquer fã da pintura e do paisagismo, é deslumbrante. Na época, contudo, a mudança do curso do rio em

nome da arte causou revolta na comunidade local. Ao reverenciar a natureza, mas também se julgar senhor dela, o mestre traduziu uma contradição que sempre tensionou a relação humana com o meio ambiente. O dilema percorre a fabulosa exposição *A Ecologia de Monet*, que leva muita cor e beleza ao Museu de Arte de São Paulo, o Masp, a partir da sexta-feira 16.

Examinar um artista do século XIX como Monet sob um prisma ambientalista, num momento da história em que o conceito evoca ativismo e emergência climática, soa à primeira vista como anacronismo. Mas a mostra, ao contrário, acena justamente com uma saudável reflexão sobre o ontem e o hoje na visão da humanidade sobre a questão, ao colocar em perspectiva a relação de Monet com a ecologia — conceito que começou a florescer nas mesmas décadas em que o artista produziu suas obras-primas em Giverny. “A noção de preservação, como entendemos atualmente, não existia para Monet. O que ele faz em sua obra é um grande elogio da natureza”, diz Fernando Oliva, curador da mostra junto do diretor artístico Adriano Pedrosa.

Essa celebração, claro, é pop: as paisagens e ninfeias de Monet costu-



JOÃO MUSA/MASP



HULON ARCONI/GETTY IMAGES

VELHO DO RIO Monet em seu jardim na maturidade (*acima*) e a tela do passeio de barco do Masp: amor e desejo de controlar o meio ambiente



THE MUSEUM OF FINE ARTS, HOUSTON; THOMAS R. DIERROCK

ELOGIO À VIDA *Ninféias* (1907), do Museu de Belas Artes de Houston: a botânica na visão muito particular do gênio

mam atrair multidões, como se verificou no mesmo Masp em 1997, numa exposição memorável do pintor. Quase três décadas depois, Monet retorna ao prédio brutalista de Lina Bo Bardi como um projeto grandioso. Sete anos foram consumidos pela curadoria do museu para viabilizar a exibição de um conjunto de 32 telas. Duas delas são clássicos pertencentes ao museu que sempre merecem ser revisitados, *A Canoa sobre o Epte* (1890) e *A Ponte Japonesa sobre a Lagoa das Ninfeias em Giverny* (1920-24). Há ainda mais dois itens oriundos do próprio Brasil, um quadro da Coleção Airton Queiroz, do Ceará, e outro de um colecionador particular (e anônimo) de São Paulo. As demais 28 pinturas vêm de instituições renomadas no exterior, do Museu d'Orsay de Paris à National Gallery de Washington, passando por acervos do Canadá e da Hungria.

Além do ineditismo da maior parte desse acervo no Brasil, a mostra oferece um recorte original: é a primeira vez que a obra de Monet será



CORTESIA DO CLEVELAND MUSEUM OF ART

IDÍLICO Casa do Jardineiro em Antibes (1888): ode luminosa ao mundo natural

revista numa retrospectiva desse porte totalmente focada na temática ambiental. O Masp elegeu 2025 como seu ano dedicado à ecologia e vai inaugurar ao mesmo tempo outra exposição de fôlego que contrasta e dialoga com Monet: o subsolo do museu será ocupado pelas esculturas feitas a partir de árvores mortas por

Franz Krajcberg (*leia o quadro abaixo*). Enquanto o polonês radicado no Brasil erigiu toda a sua obra como uma denúncia contundente (e um tanto pessimista) da devastação do meio ambiente no país, os quadros de Monet exalam um sentimento oposto: são uma ode luminosa às maravilhas do mundo natural.



MANOEL MARQUES

ATIVISTA Krajcberg: dos horrores da guerra à devastação das florestas

O PROFETA DO APOCALIPSE VERDE

Assim como Monet, o polonês Frans Krajcberg (1921-2017) optou por uma vida de imersão na natureza. Enquanto o mestre francês se refugiou no seu jardim em Giverny, Krajcberg fez périplos pelas florestas brasileiras e se isolou nos anos 1970 num sítio no sul da Bahia. Mas as similaridades cessam aí. Na obra de Krajcberg, não há espaço para as cores otimistas de Monet: como demonstram as 57 criações da exposição **Reencontrar a Árvore**, que entra em cartaz no Masp na mesma sexta-feira 16, ele atinge uma estranha forma de beleza em obras que se valem de restos de plantas mortas e queimadas para denunciar a devastação –

Mas que o espectador não se engane: embora fosse homem de um tempo em que a destruição das florestas ou o aquecimento global eram tópicos inexistentes, Monet captava, com sua maestria e sensibilidade, os sinais de um mundo em transformação — com as consequências ambientais do progresso já se delineando no horizonte. Em 2023, pesquisadores das universidades de Harvard e Sorbonne mostraram que as pinturas de Monet contêm registros pioneiros dos efeitos da poluição na Londres da Revolução Industrial. Fascinado pelo fog da capital inglesa (que mais tarde se saberia que não era feito só de neblina natural, mas também de fumaça das fábricas), o francês produziu quadros que eternizam lugares como as pontes de Waterloo e Charing Cross debaixo de uma névoa bela, mas opressiva.

A noção de que os seres vivos, inclusive os humanos, estão conectados com a natureza ganhou impulso na segunda metade do século XIX, no embalo do pensamento romântico —

ROBERT MONET/ACQUASTRA MUSEUM OF ART



VISIONÁRIO A vista da ponte de Waterloo: um registro da poluição em Londres

e o entusiasmo de Monet com o tema, sem dúvida, espelha sua época. “Ele entendia muito de botânica e jardinagem. Muitos livros em sua biblioteca eram sobre isso”, diz o curador Oliva. Uma das provas fascinantes desse amor é a criação — em moldes absolutamente artificiais, curiosamente, à luz do paisagismo de hoje — de seu

jardim em Giverny. Em visita à Exposição Universal de Paris de 1889, Monet conheceu as ninfeias coloridas recém-desenvolvidas pelo botânico Joseph Bory Latour-Marliac (1830-1911) e comprou várias delas para adornar seu lago. Assim a arte e a ciência se uniram para celebrar a força da natureza nas telas de Monet. ■

como a imponente *Flor do Manguê*, escultura de 8 metros de diâmetro que lembra uma aranha gigante feita de troncos.

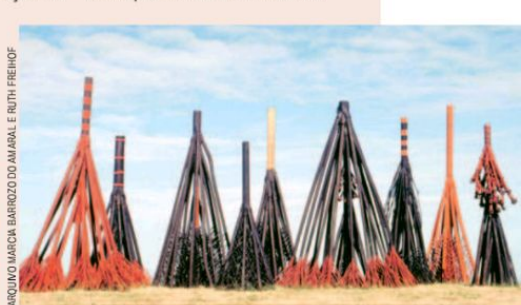
Krajcberg preferia ser chamado de ativista do que artista plástico, por boas razões. “A natureza não é apenas um tema, mas a matéria da própria obra e uma causa de vida para o artista”, diz a curadora-assistente Laura Cosendey. Suas visões de um apocalipse ecológico são, em boa medida, a extensão dos tormentos pessoais que ele viveu antes de chegar ao Brasil, nos anos 1950 — e que resumem os horrores do século XX. Judeu sobrevivente do Holocausto, Krajcberg viu sua família inteira ser assassinada pelos nazistas em campos de concentração. Após fugir das garras dos alemães, atuou na linha de frente da Segunda Guerra, como engenheiro do Exército soviético. Mais tarde, ao testemunhar de perto as queimadas no Panta-

nal e a derrubada da Floresta Amazônica, a conexão entre as tragédias provocadas pelo homem foi imediata em sua mente. Hoje, as obras de Krajcberg são valorizadas no mercado e estão na coleção de

grandes museus mundiais, do MoMA de Nova York ao Pompidou, em Paris, sem jamais perder seu sentido essencial: o de serem imensos símbolos de um réquiem da natureza brasileira.



JANICE ACIOLY COLEÇÃO MAX PERLE/INFERNO



ARQUIVO MARCIN BARZDO DO AMARA E RUTH FRIEDHOFF

ESTRANHA BELEZA As criações do artista polonês: obras com vegetais queimados em grandes museus do mundo



TALENTO NA ESTRADA

De Ewan McGregor a Conan O'Brien, celebridades unem o útil ao agradável ao transformar viagens cheias de aventura em programas documentais no streaming **AMANDA CAPUANO**

EWAN MCGREGOR e Charley Boorman são amigos de longa data: em 1997, os dois se conheceram nas gravações do filme *O Beijo da Serpente*, e não se desgrudaram mais graças a um hobby em comum: extensas viagens de moto pelo mundo. Na última delas, o ator e o apresentador atravessaram a Europa passando por dezessete países em dois meses de estrada. A aventura foi registrada em *Long Way Home*, série documental que acaba de chegar à Apple TV+, levando o público na garupa da dupla hollywoodiana por paisagens que vão da gelada Escandinávia aos cenários da Europa continental, pegando o caminho mais longo (e como) entre o ponto de partida na Escócia e a chegada à Inglaterra.

Estrela de *Aves de Rapina*, *Star Wars: a Ascensão Skywalker* e da sé-

rie *Obi-Wan Kenobi*, do Disney+, McGregor é um ator consagrado no cinema, mas a agenda de gravações nunca foi impedimento para que ele subisse em uma moto e atravessasse o mundo. Isso porque o ator fez de seu espírito aventureiro um hobby perfeito: ele não apenas cai na estrada ao lado do melhor amigo, buscando experiências culturais e autoconhecimento, como transformou suas viagens em uma série de sucesso que é parte de seu extenso currículo. Além da travessia pela Europa, a dupla já passou meses descobrindo a América do Norte, a

África e a América do Sul em temporadas anteriores do programa, lançado originalmente há mais de duas décadas, em 2004. “Quando você explora o mundo, se sente conectado com as pessoas e as culturas. É uma experiência única que fica com você para sempre”, declarou McGregor durante a nova leva de episódios.

Transformar viagens em atração para o público não é uma exclusividade deles. Unir o útil ao agradável em questão de hobby e trabalho é algo que atrai diversas celebridades, que caem na estrada e gravam essa jornada de

HUMOR O'Brien (à esq.) com Bardem: jornadas hilárias e amigos famosos





WALCYR CARRASCO

VERDADES QUE NINGUÉM DIZ

Do influencer à moça espiritualizada, o fingimento hoje rege tudo



SOBRE RODAS

Ewan McGregor e Charley Boorman: amigos e parceiros em programa de sucesso

RAI GAVANAPLETY

maneira profissional. Comediante e atual apresentador do Oscar, Conan O'Brien se aventurou por países como Espanha, Áustria e Nova Zelândia na nova fase de *Conan O'Brien Vai Nessa*, série documental que acaba de estrear sua segunda temporada na Max. Já renovado para um terceiro ciclo, o programa segue O'Brien enquanto ele visita diversos lugares, conhecendo fãs e a cultura local — mas não sem fazer piada de tudo.

Nas passagens pela Espanha e Nova Zelândia, inclusive, ele visita nativos ilustres: os oscarizados Javier Bardem e Taika Waititi, com quem vive momentos hilários. “Gosto de me misturar, não quero parecer um turista”, atesta ele, em tom de piada, no trailer. Disponível na Netflix, *Curta Essa com Zac Efron* é outro exemplo recente da seara: na série documental, o astro de *High School Musical* e *Ted Bundy* viaja pelo mundo buscando formas mais saudáveis e sustentáveis de se viver em lugares como Islândia, Porto Rico, Sardenha e Peru. Exercitar o talento na estrada pode ser prazeroso. ■

ABSOLUTAMENTE sincero ninguém é. Seria preciso muita coragem para dizer que o penteado está horrível para uma mulher que passou a tarde no cabeleireiro. Ou que os dentes brancos como teclas de piano de alguém são descaradamente falsos. Há mentiras suaves e verdades que machucam — como dizer que alguém engordou, principalmente se a pessoa se orgulha de fazer regime. A época atual exige um arsenal de falsidades para viver socialmente. Há o que todo mundo pensa, mas ninguém diz, eis a verdade. Verdades trancadas no armário junto com a calça jeans que não

fecha mais e as mensagens do WhatsApp não respondidas. Existem os que dizem “sou sincero demais”, para justificar a má educação. Ninguém quer saber de muita sinceridade, eis a verdade. Por exemplo, quem fez um Botox para parecer naturalmente jovem e uma criatura venenosa pergunta se pelo menos consegue erguer as sobrancelhas. A verdade sem compaixão é que nem jaca madura: se cai em alguma cabeça, faz estrago.

Quem diz “não gosto de fofoca” geralmente é o maior canal de distribuição. Pior: dá um toque pessoal em cada história que ouve. Finge que não quer saber, mas escuta até com o tímpano da alma. A diferença entre o FBI e a “tia Neusa” do grupo da família é que, em geral, dona Neusa tem informações mais quentes. Outra verdade, que não se costuma expor, é que ninguém é tão espiritualizado assim. Tenho amiga que entoa mantras, tem quartzo rosa na sala para elevar as energias, posta frases positivas sobre gratidão. Mas xinga o motorista do Uber se ele erra a rua. O Buda só está observando.

Uma lenda urbana, entoada principalmente pelos artistas (ou candidatos a), é que a felicidade está em trabalhar com o que se ama. Se até no amor há confusão, briga e divórcio, imagina no trabalho. O superchef pega horror a pratos criativos e até pede arroz com feijão no iFood. O grande roteirista quer atirar o laptop pela janela (não é biográfico, mas quem sabe poderia ser). Amor e vocação não imunizam contra tédio. Nem contra boletos.

Tem gente que só aparece quando se precisa. E tem quem some nessas ocasiões. Afinidade real não é com quem dá parabéns com emoji animado. Mas com quem segura minha mão quando estou no buraco e ainda traz café. Também, todo mundo tem um ex de quem a gente passa a vida falando horrores. Você finge que evoluiu, que superou, que virou luz... Mas, se o ex manda

um “oi, sumido”, a alma responde: “oi, querido”. Pior mesmo só o influencer que manda “acordei assim”, depois de passar um tempão na maquiagem e ajustando o ring light. Tudo certo. Só não mente tanto. Diante de tanto filtro de luz, ninguém gosta de se sentir bobo.

O problema das verdades é que, por mais que fiquem guardadas, elas não são discretas. Gritam. Não usam salto baixo. Elas aparecem com glitter, batendo a panela, gritando seu nome no meio de um shopping.

Mas tudo bem. Se acontecer de uma verdade bem guardada brotar numa situação como uma samambaia de metro, ria. O importante é saber rir de si mesmo, antes que os outros façam isso por você. ■

TELEVISÃO

RITA LEE: MANIA DE VOCÊ (disponível na Max)

Sentados numa mesa, os três filhos de Rita Lee (1947-2023) — Beto, João e Antonio — leem a carta de despedida deixada pela cantora antes de sua morte, em maio de 2023. De outro cômodo, o pai e viúvo Roberto de Carvalho também relê, aos prantos, as últimas palavras escritas pela parceira. A revelação da mensagem derradeira de Rita é um dos pontos comoventes desse documentário em que os quatro familiares revisitam a história da lenda do rock nacional, de seu pioneirismo feminino nos anos 1970, com a banda Tutti Frutti, às semanas finais de vida em seu sítio na Grande São Paulo. Com entrevistas de estrelas como Gilberto Gil e Ney Matogrosso, a produção também passa por episódios tensos de sua biografia, como a prisão na ditadura e o abuso de álcool e drogas que culminou num grave acidente doméstico em 1996.

TRIBUTO Rita Lee: documentário sobre vida e obra da cantora emociona com sua carta de despedida à família

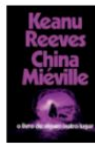


ELIZABETH MORRIS/NETFLIX

ROMANCE Keisha e Justin: jovens enfrentam dramas sociais por primeiro amor

PARA SEMPRE (disponível na Netflix)

Colegas na infância, Keisha (Lovie Simone) e Justin (Michael Cooper Jr.) se reencontram por acaso em uma festa durante o último ano do ensino médio. Após um beijo, os dois saem para um encontro — e tudo vai bem até que ele descobre que a jovem teve um vídeo íntimo vazado, o que põe em xeque o romance. Com dilemas típicos da juventude, a nova série da Netflix se destaca ao iluminar uma história de amor entre dois adolescentes negros — caso raro nos romances infantojuvenis na TV. Na história, Keisha e Justin lutam contra as pressões sociais dos amigos por um final feliz. A série tem como trunfo, ainda, a ótima direção da vencedora do Emmy Regina King no primeiro dos oito episódios.





VÍCIO ANTIGO

O HORROR PÚBLICO com o roubo nas aposentadorias e pensões deixou o governo imobilizado. Lula se resguardou no silêncio. Pela primeira vez, evitou aparecer no comício sindical de 1º de Maio em São Paulo. Na sequência, entregou a crise da Previdência Social a burocratas sem poder efetivo para resolvê-la. E viajou para celebrações diplomáticas no circuito Moscou-Pequim, a 16 000 quilômetros de distância de Brasília.

O governo se mostra atônito com as revelações da Polícia Federal e da Controladoria-Geral da União: entidades trabalhistas são responsáveis por fraudes contínuas na folha da Previdência, com o desconto de “contribuições” nas contas de 4 milhões de aposentados e pensionistas nos últimos dez anos.

Em Brasília, a perplexidade é menor com a roubalheira e mais com a perspectiva de uma devassa pública nas finanças de organizações sindicais. Quase todas com histórico de múltiplas conexões com partidos políticos — PT, PDT, MDB, PL, PSB e Solidariedade, entre outros.

É um tema que atrai a atenção de sete em cada dez eleitores, demonstram pesquisas, até porque quase metade deles pertence a famílias onde o dinheiro da aposentadoria ou pensão tem papel relevante na estabilidade domiciliar. Polícia e Controladoria já informaram que as vítimas se concentram no extrato mais pobre atendido pelo INSS. Por coincidência, é um segmento de eleitores onde Lula prevaleceu como candidato presidencial do PT nos últimos 36 anos.

A ladroagem flagrante na Previdência emoldura o epílogo melancólico de um ciclo do movimento sindi-

cal brasileiro. Até aqui, sindicatos, federações, centrais e confederações trabalhistas foram incapazes de se reinventar, ao contrário das entidades empresariais. Desfrutaram de sete décadas de conforto financeiro à custa da “contribuição” imposta aos trabalhadores na era Getúlio Vargas.

A tradição de cooptação sindical pelo governo foi duramente contestada por Lula nos anos 1970. Porém, ele acabou reforçando-a na virada do milênio, quando chegou ao poder com uma nova classe de dirigentes trabalhistas. A “contribuição” obrigatória sobre as remunerações foi desistida na marola reformista de 2017. Desde então, o movimento sindical se declara vítima do espírito liberal do governo Michel Temer.

“Roubo na Previdência é moldura de epílogo melancólico de um ciclo do sindicalismo”

Sobram queixas no Ministério do Trabalho sobre a “dificuldade de cobrança” e acumulam-se no Congresso pedidos de revisão de normas que asseguram aos trabalhadores o “direito de oposição” às taxas das organizações sindicais. A realidade sindical é mais dramática do que a retórica dos dirigentes.

Os sindicatos brasileiros têm 8,4 milhões de associados, segundo o IBGE. Isso representa 8,4% de uma força de trabalho estimada em 100,7 milhões de pessoas ocupadas. A população soma 213 milhões.

Em 1979, quando Lula projetava canalizar a energia do ativismo sindical para formar o Partido dos Trabalhadores, contavam-se quase 9 milhões de empregados sindicalizados em todo o país. Representavam 20% da força de trabalho de 44 milhões. A população estava estimada em 119 milhões.

O sindicalismo encolheu por razões diversas, principalmente por vício da burocracia no dinheiro fácil repassado pelos cofres públicos. Há motivos para crer na inapetência da maioria das organizações trabalhistas para renovação, o que poderia explicar, por exemplo, o distanciamento, quase ojeriza, dos sindicatos em relação aos trabalhadores em plataformas digitais, que acham supérfluo, custoso e dispensável o atual modelo de vinculação sindical.

A roubalheira na Previdência impõe desafios relevantes a Lula na temporada eleitoral, como a gerência da crise para evitar a criminalização da estrutura sindical que há quatro décadas gravita em torno dele — vale lembrar, parte das entidades sob investigação tem participação direta em conselhos e órgãos governamentais.

Outro problema é manter o fluxo financeiro que hoje sustenta a maioria dessas organizações. A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), por exemplo, transfere parcela importante do dinheiro (até 75%) à miríade de sindicatos rurais que mantêm em 4 000 municípios.

Não haverá saída fácil para o governo Lula, mas um bom começo poderia ser a renúncia ao velho modelo de relações sindicais que Lula contestou e, depois, adotou. Também poderia estimular sindicalistas a batalhar no mundo novo do trabalho digital. Sem mudança, como adverte a sindicalista espanhola Cristina Faciabén, que na semana passada visitou o Brasil, sindicato vai virar “souvenir”. ■

seleção

CASA CLAUDIA &  FRACALANZA

Since 1884

Linha Giulia antiaderente em alumínio com revestimento cerâmico | Foto: Alisson Henrique



Seleção Casa Claudia

*Curadoria exclusiva de
Casa Claudia para Fracalanza*

A Fracalanza é sinônimo de elegância atemporal, oferecendo panelas, faqueiros, decanters, taças, jarras e acessórios para vinho que transformam refeições em momentos memoráveis.



Escaneie para conferir
toda a seleção de produtos
e saiba onde encontrá-los.



Desde 1967

A Fracalanza é uma
marca exclusiva da Full Fit.

 [fullfit_oficial](#)

 [fullfitimport](#)

 [fullfitimport](#)

Evoluir
sempre é
o que nos
alimenta.

E você,
o que te

alim menta?

A JBS produz alimentos deliciosos
que chegam à mesa de milhões
de famílias em todos os continentes.

Já somos mais de 280 mil pessoas
comprometidas com a produção de todos
os tipos de proteína para alimentar
uma população global que não para
de crescer. Por isso, evoluir é o que
continuará nos alimentando.



《JBS》

Alimentando
o que alimenta
o mundo